ROMANCES NOVA CULTURAL 10

COUNTRY

Julia

Pedido de Natal

Kate Thomas



SBD

Título original: *Jingle Bell Bride*

Copyright © 1995 por Catherine Hudgins
Copyright da tradução © 1995 por Editora Nova Cultural.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alberto Cabral Fusaro

revisão: Projeto Revisoras

preparo de originais: Projeto Revisoras

digitalização: Cris Paiva

capa: Star Books Digital

adaptação para ebook: Star Books Digital

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ



Hudgins, Catherine

Pedido de Natal [recurso eletrônico] / Catherine Hudgins [tradução de Editora Nova Cultural]; Rio de Janeiro: Editora Nova Cultural, 1995.

recurso digital (Julia Country; 10)

Tradução de: Jingle Bell Bride

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-03-7319-123-9 (recurso eletrônico)

1.Romance de Banca. 2. Livros eletrônicos.

E-book distribuído sem fins lucrativos
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou qualquer uso comercial do presente conteúdo

Sinopse

Um casamento no Natal… um amor para sempre?

A região de Montana, onde Matt Walker morava, encontrava-se um tanto escassa em matéria de mulheres disponíveis. Só que ele precisava desesperadamente de uma esposa para poder obter a custódia da filha. Até mesmo se casar com a primeira mulher que aparecesse em sua frente.

Não era todo o dia que um desconhecido bonito e atraente entrava em uma lanchonete e pedia a garçonete em casamento. Porém, foi exatamente o que aconteceu com Annie. A oferta fora generosa demais para ser recusada. Graças a ela, dali em diante Matt teria tudo que mais desejava no mundo: a filha. No entanto, logo Annie estava rezando por um milagre no Natal: apaixonara-se por seu marido temporário, e queria o irresistível cowboy para sempre!

Capítulo 1

A brisa fria de novembro acompanhou Annie Patterson para dentro da lanchonete de Roy.

— Bom dia, sr. Roy!

Annie lançou seu melhor sorriso para o senhor atrás da caixa registradora, passando rapidamente por ele.

Deixando a bolsa e o casaco em seu compartimento, no armário dos empregados, adiantou-se até a pia, já repleta com a louça usada pelos primeiros clientes da manhã.

— Desculpe-me pelo atraso, Carol.

Annie pegou o bloco e a caneta e pôs no bolso do avental, antes de ajustar o rabo-de-cavalo.

— Como estão os estudos — Carol perguntou, mais para dar as boas-vindas à amiga, pois sabia que ela adorava estudar.

— Só mais algumas aulas e tirarei meu diploma. Aí poderei trabalhar como assistente social. — Ela deu um suspiro. — Melhor eu ir trabalhar. O sr. Roy já está querendo me fuzilar com o olhar. Obrigada por cobrir o meu atraso.

— Sabe que sempre pode contar comigo. — Carol sorriu. — Sei que será uma maravilhosa assistente social.

— Ter esse diploma é muito importante para mim. Tenho de encontrar uma maneira de conseguí-lo, antes que eu fique velha demais…

— Querida, com esses seus fartos cabelos avermelhados e esses lindos olhos cor de mel, não vejo nenhum problema. Tudo que tem a fazer *é* estalar os dedos para que um príncipe encantado apareça à sua frente e realize todos seus sonhos.

— Oh, Carol! Esse negócio de príncipe encantado simplesmente não existe. Por isso é que prefiro tirar meu diploma, para comprar meu próprio castelo.

Apontando discretamente para a entrada, Carol falou:

— Aquele homem que está entrando parece ser um bom candidato a príncipe encantado. Oh, e está se dirigindo ao seu setor! O destino acaba de lhe sorrir, menina.

Annie se virou para olhar a quem Carol se referia. De fato, o desconhecido que acabara de ocupar uma das mesas tinha todas as características de um príncipe encantado. Alto, forte, bonito e com olhar penetrante. Usava um elegante chapéu preto de *cowboy* que o deixava com um ar ainda mais enigmático.

Após se acomodar, ele tirou o chapéu e deixou-o de lado, revelando os cabelos castanho-escuros.

— Ele é mesmo muito atraente, mas…

Segurando-a pelo braço, Carol a impeliu gentilmente para a frente.

— Vá ver se o castelo dele precisa de uma princesa.

Com um sorriso, Annie se dirigiu à mesa do recém-chegado.

Matt Walker lançou um olhar vago para os pratos do menu. As palavras que ouvira minutos antes, no telefone do hotel, ainda ecoavam em sua mente.

"Não há possibilidade de o juiz lhe dar a custódia de Shelby, Matt. O alcoolismo de Lacey pode incomodá-lo, além do fato de ela haver mudado de emprego várias vezes, mas não existe nenhuma prova de rejeição da parte dela. Não pode esperar que um juiz o considere mais qualificado

para criar uma menina
de cinco anos só porque você acha isso possível. Seja realista. É tão solteiro quanto sua ex-esposa. Mora em uma fazenda, um local bastante isolado. Quem cuidará de sua filha quando você estiver cuidando do gado? Se voltar a se casar, a situação muda muito. Mas se continuar assim… Sinto muito, Matt. Acho melhor esquecer essa história de obter a custódia de sua filha."

Passou a mão pelos cabelos, desesperado. Casar-se com a bela Lacey Kirkpatrick fora um grande erro, mas ele era jovem e tinha muitos sonhos, além de estar sob o efeito dos hormônios. Pensara que ela mudaria com o tempo, e concordara de pronto quando Lacey dissera que uma criança daria sentido à sua vida.

No entanto, o divórcio acontecera um ano depois do nascimento de Shelby. E quatro anos já haviam se passado desde então.

Matt olhou mais uma vez para o menu, sem conseguir se concentrar no que estava escrito. Talvez se houvesse ficado em Denver… Contudo, quando seu pai morrera, a decisão que lhe parecera mais natural fora voltar para a fazenda e cuidar da propriedade. Lacey se recusara a ir morar em Montana e o tribunal do Colorado dera a ela a custódia da menina.

As palavras do advogado continuaram ecoando em sua mente. Abandonar sua filha? Nunca! Devia haver alguma solução.

"Se voltar a se casar…"

— Já fez sua escolha?

Matt levantou a vista e sentiu-se… estranho. Não era possível que sua "vítima" fosse aquela linda desconhecida, segurando um bloco de anotações.

Ela continuou sorrindo com charme, enquanto

esperava sua resposta.

— Posso voltar daqui a alguns minutos se…

— Não — Matt a interrompeu.

Olhou discretamente para a mão esquerda da linda garçonete. Nenhuma aliança.

— Já escolhi — disse a ela.

— E qual é o pedido?

— Dois ovos bem passados, por favor — pediu, com seu sorriso mais charmoso. — Oh, também quero bacon, torradas e café.

Ela foi anotando cada item.

— Mais alguma coisa?

Reunindo coragem, Matt respondeu:

— Sim. Quero uma esposa. Estaria interessada?

Annie quase derrubou a caneta no chão.

— E-está p-procurando uma esposa? — balbuciou.

— Sim. Apenas temporariamente.

Annie assentiu, sem conseguir disfarçar o desapontamento. Por um momento, chegara a pensar que o conto de fadas de Carol estivesse mesmo acontecendo.

— E está me fazendo uma proposta? — indagou, arqueando uma sobrancelha, com ironia.

— Se estiver disponível…

Decidindo entrar no jogo, Annie respondeu:

— Para ser sincera, estou disponível sim. Mas que tipo de esposa temporária está procurando?

— Será apenas um contrato. Minutos atrás, meu advogado disse que preciso de uma esposa, para obter a custódia da minha filha.

— E eu me enquadro na sua escolha?

— Claro que sim! Posso livrá-la de tudo isso — acrescentou Matt, indicando a lanchonete de Roy.

Annie hesitou. Seria loucura aceitar uma proposta tão séria, vinda de um homem que ela nem conhecia.

— Não há nenhuma mulher disposta a ajudá-lo?

— A única mulher solteira que conheço em um raio de quilômetros tem setenta anos de idade.

— Onde mora? —- indagou Annie, sentindo-se mais intrigada a cada minuto.

— Moro em uma fazenda, em Montana.

— Hum… Pretende oferecer alguma quantia pela sua proposta?

— Se for preciso, aceito pagar sem problemas. — Ele respirou fundo e disse: — Desculpe-me, se a ofendi. Estou apenas desesperado para ter minha filha, nada mais.

Annie fitou-o com um ar compreensivo. Foi então que percebeu o olhar severo do dono da lanchonete em sua direção.

— Mas eu ainda não disse "não" — salientou, perguntando-se se não estaria ficando maluca. — Se estiver falando sério, encontre-me no Museu Gilcrease às três horas, para que possamos conversar.

Matt apenas assentiu. Annie estava prestes a se retirar, mas virou-se novamente para ele e perguntou:

— A propósito, qual é seu nome?

— Matt Walker. E o seu?

— Annie Patterson.

Segurando um buquê de flores do campo, Matt

se manteve próximo a uma estátua de bronze, do lado de fora do museu.

Era difícil ter de admitir, mas estava começando a achar que se enganara. Já passara dez minutos das três horas e nem sinal de Annie. Pensando bem, o que ele esperava? Que uma mulher aceitasse a proposta de casamento de um completo estranho?

— Olá!

Matt se virou assim que ouviu a saudação ofegante de Annie.

— Oh, olá. Pensei que você não viesse — confessou. — Estas flores são para você — disse Matt, oferecendo o buquê a ela.

Por um instante, Annie fitou as flores com um brilho de satisfação no olhar, mas logo adquiriu um ar mais sério.

— Sr. Walker…

— Matt — corrigiu ele.

Annie hesitou,

— Está bem, Matt. Pensei que fôssemos discutir sobre negócios. E… receber flores não fazia parte do acordo.

— Tem razão — Matt assentiu.

Dizendo isso, entregou o buquê a uma senhora de cabelos grisalhos, que estava passando diante deles. Mesmo sem entender direito o gesto, a mulher aceitou as flores com um sorriso.

— Então, vamos aos negócios — afirmou Matt. — Vamos nos sentar um pouco?

Sentaram-se e ele puxou conversa.

— Você cursou faculdade?

— Levei oito anos para conseguir completar três quartos do curso. O destino tem o irritante hábito

de viver interrompendo minha educação.

— Eu sou engenheiro agrônomo.

Annie observou-o com mais atenção. Matt exalava masculinidade por todos os poros. Oh, Deus, estava entrando em terreno perigoso.

— Acho que deveríamos começar falando um pouco sobre nós mesmos — disse ele.

— Ok, pode começar — respondeu Annie sorrindo, dando graças a Deus por ele livrá-la de seus pensamentos.

— Tenho trinta anos e sou divorciado — começou ele. — Eu e meus dois irmãos temos uma fazenda ao Leste de Montana. A propriedade pertence à família há quatro gerações. Atualmente, porém, sou eu quem a administra. Minha filha tem cinco anos e se chama Shelby. Nome diferente, não?

Annie arqueou uma sobrancelha e assentiu.

— Não fui eu quem o escolheu. — Com um suspiro, continuou: — Ouça, não se trata de vingança ou algo do gênero. Minha ex-esposa bebe demais para ser um bom exemplo de mãe, mas o tribunal… — Deu de ombros, sem se preocupar em terminar a frase. Após um momento de silêncio, voltou a falar:

— Contei o que meu advogado disse pela manhã. Preciso de uma esposa para conseguir a custódia de Shelby. Minha filha não está em segurança com a mãe. Farei o que for preciso para protegê-la.

Annie percebeu uma sombra de sincera preocupação nos olhos de Matt, e aquilo a comoveu de uma maneira que ela não soube explicar.

— Bem, essa é minha história — afirmou Matt. — Agora era sua vez.

Annie olhou para o alto, tentando escolher as

palavras certas. Convencendo-se de que não tinha nada a temer, começou:

— Tenho vinte e seis anos. Meu pa… — Ela não terminou a frase, ao se dar conta de que não havia motivo para mencionar seu pai. — Afinal, ele saíra de sua vida desde que ela completara sete anos. — Minha mãe se casou cinco vezes. Até agora — completou.

— Não deve ter sido fácil para você.

— Minha infância foi um verdadeiro caos — confessou — Por isso, antes mesmo de terminar o colégio eu já sabia que queria ser assistente social. Com essa profissão, poderei ajudar as pessoas a enfrentar melhor situações semelhantes às que passei.

— O que deseja receber em troca? — perguntou Matt de repente.

Annie uniu as mãos sobre o colo, sem encará-lo.

— Se eu pudesse frequentar a faculdade em tempo integral terminaria o curso em um semestre.

— Quer alguém que a sustente enquanto você termina a faculdade?

— Sim — respondeu ela.

— Mas terá de esperar que o casamento acabe para voltar a estudar — avisou Matt. — De quanto precisará?

Annie disse a quantia. Ao ver que Matt nem sequer pestanejara, continuou:

— Quer meu nome em um documento legal para apresentar no tribunal, certo? Isso quer dizer que o casamento será apenas um contrato?

— Nada de contatos… mais íntimos, é o que está querendo saber?

Annie enrubesceu.

— Sim. Quer dizer, não!

— Não vou levá-la para a cama se não quiser, Annie. Tem minha palavra.

— Então está acertado — disse a ele. — Nada de… contatos íntimos.

Matt arqueou uma sobrancelha.

— Ok. Mas se mudar de ideia, sempre haverá tempo de renegociarmos…

Annie preferiu não falar nada.

— Mais alguma pergunta? — indagou ele.

— Tenho centenas de perguntas a fazer.

Os lábios de Matt se curvaram em um sorriso.

— Quanto tempo durará o casamento? — indagou, por fim. — Eu gostaria de voltar para a faculdade tão logo seja possível.

— Acho que seis meses serão suficientes para resolvermos tudo. Durante esse período, porém, precisaremos fingir que nosso casamento é real, já que Lacey provavelmente irá recorrer contra minha petição.

— Entendo.

— Assim que eu conseguir a custódia de Shelby, você estará livre. Pagarei pelo divórcio. Está fazendo algum curso no momento?

— Sim, mas posso interrompê-lo…

— Veja se pode terminá-lo por correspondência — sugeriu Matt. Sorrindo; acrescentou: — Terá muito tempo para estudar em Montana.

Ter tempo e condição financeira para estudar sempre fora o maior sonho de Annie. Por mais maluca que parecesse, a proposta de Matt parecia uma resposta às suas preces.

— Então, o que me diz, Annie? Aceita se casar

comigo?

Annie olhou para ele. Claro que seu interesse não tinha nada a ver com a beleza daqueles olhos azuis, nem com o delicioso perfume da colônia pós-barba que lhe chegava às narinas e muito menos com a preocupação de Matt com a filha.

Em resumo, sua decisão seria meramente pragmática, visando seus próprios interesses.

— Sim — respondeu, ciente de que seu sonho estava prestes a se realizar.

Capítulo 2

Os quatro dias seguintes passaram rapidamente, em meio aos preparativos para o casamento. Annie eu graças por isso. Pelo menos não estava tendo tempo para refletir sobre a decisão que tomara.

Porém, para seu espanto e ao contrário do que ela imaginara, a situação não estava lhe causando desconforto. De fato, a presença firme de Matt sempre lhe despertava uma sensação de segurança que a deixava mais tranquila. As sugestões que ele oferecia, embora discretas, ajudaram-na a tomar decisões difíceis.

— Deixe a mobília com sua mãe, por enquanto — aconselhou Matt, quando Annie ficou em dúvida se deveria guardar ou vender os móveis de seu apartamento. — Providenciarei a mudança para você.

O casamento estava marcado para a sexta-feira. Na quarta, Annie ficou aliviada ao receber a resposta de seu professor confirmando que ela poderia terminar por correspondência o curso sobre comportamento humano.

Na quinta-feira, acompanhou Matt ao aeroporto, para receber o empregado que ficaria encarregado de levar a *pick-up* de Matt de volta para a fazenda. Na viagem, ele aproveitaria o veículo para levar alguns pertences de Annie e o filhote de búfalo que Matt comprara assim que chegara em Tulsa, já que esse fora o motivo inicial da viagem.

Após o casamento, os dois iriam para Montana com o carro de Annie. No caminho, passariam por Denver, para visitar Shelby, e conversar com o advogado de Matt, a respeito das mudanças que o casamento causaria no pedido de custódia.

No aeroporto de Tulsa, apanharam. Billy Duas

Águias, o empregado com dezoito anos de idade. O rapaz saudou Annie com um sorriso amistoso, mas não fez perguntas sobre o súbito casamento. O respeito que ele tinha pelo patrão tornou-se evidente diante da atenção com que ouviu as instruções de Matt durante o trajeto até o apartamento de Annie.

Depois de arrumarem tudo *na pick-up* e de Billy haver partido, Annie e Matt foram buscar a mãe dela. Annie não ficara surpresa quando Imogene não fizera nenhuma pergunta sobre o casamento repentino.

— Mas que romântico! — exclamara ela, aceitando de pronto o convite de Matt para jantar.

O encontro foi bastante agradável. Imogene simpatizou com Matt desde o primeiro instante e os dois riram muito durante o jantar. Annie percebeu que seu futuro marido sabia ser ainda mais charmoso quando queria. Todavia, precisava tomar cuidado para não se deixar levar por todo aquele charme.

Na sexta-feira de manhã, Annie lembrou a mãe sobre o horário da cerimônia e partiu para o hotel onde Matt estava hospedado. Felizmente, seu carro decidiu colaborar, e o motor funcionou desde o primeiro instante.

Matt a estava esperando no saguão do hotel e saiu em direção ao carro assim que a viu chegar, já vestida com a roupa da cerimônia. Ao vê-lo, Annie conteve o fôlego. Matt estava perigosamente… irresistível. De fato, estava ficando cada vez mais difícil se concentrar apenas nos negócios. Vestido com um terno escuro, que ressaltava seus ombros largos, Matt Walter exalava masculinidade por todos os poros.

— Bom dia — cumprimentou-a com um sorriso.

De súbito, tomada por uma onda de pânico, diante do perigo que enfrentaria ao se ver sozinha

com ele, em Montana, Annie disse:

— Ouça, Matt, acho melhor esquecermos tudo isso. Algo me diz que estamos prestes a cometer um erro. Prometo reembolsar suas despesas e…

— Está com medo, Annie? Entendo o que está sentindo. Confesso que também tive momentos de dúvida nos últimos dias.

Annie o olhou, sem saber se deveria sentir-se aliviada ou insultada com a declaração. Contudo, teve de reconhecer que sua ansiedade foi amenizada pelas palavras de Matt.

— Decidi manter minha decisão por dois motivos — continuou ele. — Primeiro, Shelby ficará melhor comigo do que com a mãe. Segundo, li um de seus livros de estudo outra noite. Não entendo nada sobre assistência social, mas sei reconhecer um trabalho de compromisso quando vejo um.

Annie não soube por que, mas sentiu-se feliz em ouvir aquilo. Matt admirava sua escolha profissional!

— Ok — respondeu, voltando atrás. — Estou bem agora. Deve ter sido o nervosismo de última hora.

— Ótimo.

Em seguida, os dois se dirigiram ao cartório, onde seria realizada a cerimônia. O único momento em que ele se mostrou aborrecido foi quando já fazia trinta minutos que estavam esperando a mãe de Annie chegar, e nem sinal de Imogene. Carol, que seria a outra testemunha, saíra em busca de uma máquina de refrigerantes, prometendo voltar em cinco minutos.

Matt ficou olhando ela se afastar e logo começou a andar de um lado para outro.

— Sua mãe é sempre assim? Imprudente?

— Sim.

Ele pensou que Annie fosse justificar a atitude da mãe, mas ela se manteve sentada, com as mãos apoiadas no colo.

O vestido cor de marfim lhe atribuía uma aparência sóbria e marcante. Matt a achara linda quando a vira chegar ao hotel, mas preferira não fazer nenhum comentário, para se manter em terreno seguro. Annie era muito atraente, e ele não queria se envolver além do necessário.

Suspirou impaciente. Se ao menos a mãe dela chegasse logo para acabarem com aquilo de uma vez! Imaginou Annie mais ou menos com a idade de Shelby, esperando a mãe apanhá-la na escola muito depois do horário normal, quando as outras crianças já haviam ido embora.

— Deve ter passado muitos aborrecimentos por causa desse tipo de atitude por parte de sua mãe, não? — perguntou, sentando-se ao lado dela.

Annie deu de ombros.

— Acabei me acostumando. Mamãe é uma boa pessoa. Não faz isso de propósito. Como você mesmo disse, ela é apenas imprudente. Por isso aprendi a não cobrar muito dela.

— Mas podia pelo menos contar com seu pai?

— Não exatamente — respondeu Annie, forçando um sorriso.

— Por quê?

Annie fitou-o nos olhos.

— Porque meu pai era alcoólatra. Ele nos deixou quando eu tinha sete anos. Na época, confesso que fiquei aliviada ao vê-lo partir.

— Sinto muito, Annie.

Matt passou o braço pelos ombros dela, em um gesto quase inconsciente. Naquele momento, o desejo de oferecer algum tipo de conforto a Annie

foi mais forte do que seu bom senso.

— Encontrei-a!

A exclamação de Carol fez ambos se voltarem para ela. Annie ficou de pé, ao ver a amiga trazendo sua mãe pela mão.

— Imogene não encontrou um lugar para estacionar aqui perto, por isso teve de caminhar mais do que esperava — explicou Carol. — O problema é que ela acabou se perdendo.

Matt cumprimentou a futura sogra com polidez, e olhou para Annie, que deu de ombros e falou:

— Eu lhe disse.

— Tudo pronto agora? — perguntou ele, dirigindo-se a todos.

— Espere — pediu Imogene. — Quero falar com Annie primeiro. Uma mãe precisa dar alguns conselhos para a filha antes do casamento.

Matt arqueou uma sobrancelha e olhou para Annie. Haviam concordado em não dizer a verdade a Imogene, mas também não haviam mentido. Mesmo assim, a mãe de Annie parecia convencida de que o casamento seria por amor.

— Fique à vontade — respondeu Matt, com certa ironia. — O cartório só fecha às cinco horas da tarde.

Ignorando a provocação, Imogene chamou a filha de lado.

— Annie, sei que nunca fui a melhor mãe do mundo, mas tenho um pouco de experiência com casamentos. — Sorriu com sagacidade. — Mesmo não havendo acertado muito, quero dividir meu conhecimento com você. — Segurando as mãos da filha, prosseguiu: — Matt é um homem especial, querida. E essa é uma qualidade importante em um marido. Aproveite bem seu casamento. — Suspirou.

— Passei tanto tempo preocupada em dar atenção demais a meus maridos, incluindo seu pai, que acabei afastando-os de alguma maneira.

Annie permaneceu em silêncio. Imogene afagou a mão da filha e completou:

— Bem, não vamos deixar seu noivo esperando por mais tempo.

Dizendo isso, voltou para junto dos outros. Annie a seguiu em silêncio. Ao se aproximar de Matt, ficou surpresa quando ele abriu uma caixa branca que trazia consigo e entregou-lhe um lindo buquê com violetas e rosas brancas de seda. Annie agradeceu com um sorriso, encantada com o gesto de Matt. O casamento durou sete minutos. Depois que ambos repetiram as palavras ditas pelo juiz de paz, Matt colocou um belíssimo anel com safiras no dedo de Annie.

— Oh, é lindo Matt.

O juiz franziu o cenho diante da interrupção, mas não os censurou.

— São safiras de Montana — explicou Matt. — Pedi a Billy que trouxesse esse anel para mim. Ele pertenceu à minha mãe.

— Mas não…?

— Ela morreu quando eu tinha doze anos — disse ele. — Eu gostaria muito que você usasse o anel.

Em seguida, ele tirou uma aliança de ouro do bolso e a entregou a Annie, para que ela a colocasse em seu dedo. Teria a aliança pertencido ao pai dele?, Annie se perguntou.

— Eu os declaro marido e mulher — falou o juiz. — Pode beijar a noiva.

Os dois hesitaram.

— Vamos! — incentivaram Carol e Imogene,

com sorrisos satisfeitos. — Só estarão oficialmente casados quando se beijarem.

Matt olhou para Annie e inclinou a cabeça. Pretendia apenas tocar seus lábios nos dela, mas, quando isso aconteceu, sentiu-se invadido por uma chama de paixão. Envolveu Annie em seus braços e beijou-a com ardor. Ficou surpreso quando ela abriu os lábios e retribuiu seu beijo completamente.

— Meus parabéns — disse o juiz, tentando interrompê-los. — Mas esperem para começar a lua-de-mel quando chegarem em casa. Ainda tenho dez casamentos para realizar antes do almoço.

Os dois finalmente se afastaram, recebendo os cumprimentos de Carol e de Imogene. Demorou algum tempo para a respiração de Matt voltar ao normal. Estranho como um simples beijo fora capaz de desconcertá-lo daquela maneira. Disse a si mesmo que não repetiria tal tolice.

Carol e Imogene se despediram dos dois do lado de fora do cartório e saíram conversando como velhas amigas.

— Vamos? — perguntou Annie, indicando o carro.

Matt a acompanhou em silêncio. Porém, quando ela tentou ligar o motor, seu velho carro voltou a se mostrar temperamental.

— Deixe-me dar uma olhada no motor — disse Matt.

Depois de examinar as peças durante alguns minutos, ele finalmente fechou o capo, dando a tarefa como terminada.

— Está ruim, não? — perguntou Annie,

— "Calamitoso" é a palavra mais apropriada. Alguma vez já trocou o óleo deste carro?

— Oh, não entendo nada disso! Carros são tão

caros que não deveríamos ter de nos preocupar com isso. Além do mais, o manual não veio junto quando o comprei do segundo dono. — Hesitou ao ver a expressão pouco amistosa de Matt. — Lamento não haver dito que meu carro não estava bom, antes de haver mandado o seu para Montana.

— Também lamento por isso, mas agora não há como voltar atrás. O que faremos?

Annie olhou para ele. Por que Matt não estava gritando ou resmungando? Deveria estar furioso com ela e, no entanto, falava como se nada grave houvesse acontecido.

Ela, por outro lado, estava começando a ficar aflita. Seu apartamento se encontrava vazio, Matt já havia dado baixa em sua estadia no hotel, e ambos estavam muito longe de Denver.

— Poderíamos ir de avião — sugeriu, hesitante. — Posso pagar as passagens. Nada mais justo, já que a culpa foi minha, por nunca haver trocado o óleo do carro.

Aquilo iria acabar com suas economias, mas ela não queria que Matt ficasse aborrecido. Afinal, teriam de conviver pacificamente pelo menos durante seis meses.

— Teremos de viajar de avião e alugar um carro — explicou ele.

— Tudo bem — Annie concordou.

Tomando a mão dela, Matt disse:

— Então vamos andando. Temos de dar alguns telefonemas.

Decidida a manter a base de respeito e de sinceridade daquele convívio de seis meses, falou:

— Se estiver aborrecido comigo, Matt, quero que diga agora.

Ele franziu o cenho.

— Por quê? Quer brigar?

— Brigar?

— Ok, discutir, então.

— Não, não quero. Mas acho melhor expressarmos nossos sentimentos abertamente, para não despertarmos ressentimentos um com o outro. Pode me culpar por não trocar o óleo de carro, por atrasar nossa chegada a Denver e…

Annie se interrompeu quando o dedo de Matt pousou em seus lábios.

— Não sou do tipo que reclama pelo que já foi feito, Annie. Culpá-la não resolverá o problema. Percebi que você não gosta de lidar com carros e respeito isso. — Sorrindo, completou: — Agora vamos resolver nosso problema.

Meia hora depois, ele já havia providenciado para que o carro de Annie fosse rebocado até um local seguro. Também reservou dois lugares no primeiro vôo para Denver e chamou um táxi para levá-los ao aeroporto.

Para Matt, aquela foi a viagem mais longa de sua vida. Ficar sentado e passivo, com Annie adormecida a seu lado foi pura tortura. Teve de passar muito tempo contendo a vontade de inclinar o rosto e beijar aqueles lábios rosados mais uma vez. Annie tinha o estranho poder de deixá-lo vulnerável de
uma maneira que nenhuma outra mulher o fizera se sentir.

Ficar ali, ao lado dela, sem poder tocá-la, estava sendo uma
verdadeira tortura. Quando chegassem a Denver, alugaria
quartos em andares diferentes, pensou consigo. Afinal, ele era
um homem, não um santo.

Entretanto, logo seus planos foram desfeitos. Ao chegarem ao hotel, ficaram sabendo que só havia um quarto disponível, pois estava havendo um congresso de pediatras na cidade e o hotel ficara lotado. No entanto, o gerente garantiu que o quarto tinha duas camas.

Cansado demais para procurar vagas em outros hotéis, Matt achou melhor aceitar a oferta.

— Talvez seja melhor dessa maneira — disse Annie, quando entraram no elevador. — Para o caso de alguém verificar…

— Quem? — indagou Matt, seguindo-a pelo corredor que levava ao quarto.

— O advogado de sua ex-esposa, por exemplo — respondeu ela.

Matt assentiu, reconhecendo que Annie tinha razão.

Depois de jantarem em um restaurante próximo, voltaram para o hotel e assistiram à tevê quase em silêncio. No início do noticiário, Annie saiu da cama, disfarçando um bocejo.

— Acho que vou… — Olhou na direção do banheiro.

Matt resmungou algo ininteligível, fingindo estar interessado no noticiário.

— Oh, não… — murmurou Annie, ao abrir a mala. — Como elas puderam fazer isso comigo?

— O que aconteceu? — indagou ele, sem desviar a vista da tevê.

— Carol e Imogene! — respondeu Annie, indignada. — Minha camisola de flanela sumiu da mala! Uma das duas a trocou por isso.

Mostrou uma provocante camisola de cetim cor de uva, com detalhes em renda preta. Matt pareceu aturdido diante da visão.

— Vá para o banheiro, Annie — mandou ele, em um tom de voz contido. — Pode se trocar, mas não saia até que eu avise.

Quando ela se retirou, Matt apagou a luz principal e desligou a teve. Em seguida, vestiu apenas a calça do pijama e deitou-se em sua cama.

— Pronto — falou em direção à porta.

A luz do abajur entre as camas estava iluminando o quarto apenas o suficiente para revelar a sedutora imagem de Annie, ressaltada pelo leve brilho do cetim escuro.

— Durma bem, Annie — disse Matt, virando-se para o outro lado.

Na verdade, não queria se deixar levar por aquela visão perturbadora.

— Boa noite, Matt. Durma bem também.

Porém, às duas horas da manhã, ele ainda não havia conseguido adormecer. O quarto se encontrava em completo silêncio e o ambiente foi ficando cada vez mais frio.

Notando que Annie estava tão acordada quanto ele, falou:

— Acho que o aquecedor quebrou. Deve haver mais cobertores no guarda-roupa.

Mesmo com alguns cobertores a mais, uma hora depois Annie estava trêmula de frio. Tanto que Matt percebeu, apesar de estar deitado na outra cama.

— Annie, venha para cá — chamou-a e levantou os cobertores, mesmo sabendo que talvez estivesse cometendo o maior erro de sua vida.

Após um momento de silêncio, sentiu o corpo frio de Annie se deitar junto ao seu. Enlaçou os braços em torno dela e puxou-a para si, a fim de aquecê-la. Afinal, se Annie acabasse tendo uma pneumonia não poderia ajudá-lo a obter a custódia

de Shelby.

— Matt, eu…

— Shh… — sussurrou ele, junto ao ouvido dela. — Estamos com frio e precisamos nos aquecer. Somos adultos, Annie. Chegue mais perto para nos aquecermos.

Annie hesitou, mas acabou colando seu corpo ao de Matt. Ao ouvi-lo respirar fundo, notou que ele estava se esforçando para manter o controle.

— Ouça Annie, corpos respondem ao contato um com o outro. É natural que ocorram algumas… reações. Mas não precisamos necessariamente atender a essas… urgências.

O coração de Annie acelerou quando ela sentiu o braço de Matt junto a seus seios. Preferindo não saber se aquela era uma reação de receio ou de excitação, Matt achou melhor continuar falando, para esquecer o calor que começava a aquecer seu corpo.

— Não ficou mesmo aborrecido quando o carro não quis dar partida hoje cedo? — perguntou Annie, também parecendo decidida a se distrair de alguma maneira.

— Não costumo me aborrecer facilmente — respondeu ele. — Seu pai era mesmo alcoólatra? — perguntou, mudando de assunto.

Annie não gostava de falar sobre o pai, mas precisava fazer algo para esquecer a sensação de ter o quadril de Matt colado ao seu.

— Sim, era.

De algum modo, falar de seu pai até que não parecia tão difícil, tendo os braços fortes de Matt em torno de si.

— Ele já faleceu?

Ela deu de ombros. O movimento fez seus seios

roçarem o braço dele, mas Annie não se importou.

— Não sei Matt.

O silêncio que se seguiu foi tão longo que Annie pensou que elo houvesse adormecido.

— Tem mágoa por ele haver ido embora?

— Eu tinha quando era mais jovem — respondeu ela. — Naquela época, eu não sabia que alcoolismo era uma doença.

— Doença? Mas beber é uma questão de vontade própria, não?

— Acha que diabetes ou câncer são questões de vontade própria? Os alcoólatras não escolhem ter essa doença, assim como alguém que tem diabetes ou câncer. — Ajeitando o travesseiro, continuou: — Detesto o que o alcoolismo de meu pai fez à minha família, mas, felizmente, aprendi que não preciso odiá-lo por ele haver sido uma pessoa doente.

— É muito bom que tenha conseguido perdoá-lo. Confesso que gostaria de ter esse ponto de vista.

Annie não sabia se o alcoolismo de Lacey era realmente compulsivo ou apenas irresponsabilidade. De qualquer modo, duvidava que Matt aceitaria perdoá-la com facilidade.

— Não sei qual é o problema de Lacey, mas a verdade é que ela está prejudicando minha filha. E isso eu não posso perdoar.

— Matt…

— São quatro horas da manhã, Annie — ele a interrompeu. Acho melhor dormirmos um pouco.

Ela não tocou mais no assunto. Melhor seria não tocar mais no nome de Lacey. Pelo menos por enquanto.

Capítulo 3

Annie acordou sozinha na cama, cercada pelo completo silêncio típico dos hotéis pela manhã. O quarto continuava frio, ao contrário do que ela sentia ali,
debaixo dos cobertores.

Curvou os lábios em um sorriso, ao se lembrar do que acontecera durante a madrugada e de como fora maravilhoso sentir aquele corpo incrivelmente másculo colado ao seu, sob os cobertores.

Olhou para o teto e suspirou. Por mais que Matt fosse irresistível, envolver-se com ele era sinônimo de perigo. Sabia que não era do tipo que conseguia relacionar-se sem envolvimento emocional, e isso a assustava de certa maneira.

Mesmo que o motivo de sua apreensão fosse o fato de o pai havê-la abandonado ou o acompanhamento dos relacionamentos conturbados de sua mãe, a única certeza que tinha era a de que não poderia entregar seu coração a nenhum homem. Não havia motivo para mudar de ideia só porque se casara
com um que tinha um lindo par de olhos cor de safira, um corpo invejável e um temperamento calmo.

Estava quase saindo da cama quando o barulho da porta se abrindo a fez se deitar novamente. Puxando os cobertores até o pescoço, ficou olhando a porta se abrir.

"Nunca mais divida o quarto com esse homem", disse a si mesma, ao ver a imponente figura de Matt. Ele trazia uma bandeja e alguns pacotes, só que um deles ameaçava cair no chão.

— Espere, deixe-me ajudá-lo — disse, fazendo menção de se levantar.

O gesto fez uma alça da camisola deslizar sobre seu ombro revelando boa parte de seu seio ereto.

— Ou melhor… Bem… — hesitou, ajeitando a alça, sem sair da cama.

— Pode deixar — falou Matt, ocupando-se em colocar os pacotes sobre uma mesinha no canto do aposento.

— Há quanto tempo está acordado?

— Uma hora mais ou menos — respondeu ele, abrindo um dos pacotes. — Como prefere o café?

— Preto, por favor.

— Ok. — Ele encheu uma xícara com café e tirou algo de um dos pacotes. — Espero que goste de *croissant*.

Ajeitando a camisola com cuidado, Annie sentou-se na cama e acomodou sobre as pernas a bandeja que Matt lhe entregou.

— A aparência está ótima. Obrigada. — Enquanto Matt servia seu próprio café, ela continuou: — Nunca tomei café na cama antes. Exceto nas vezes em que fiquei doente.

Annie censurou-se em pensamento. O que dera nela para começar a falar sobre seu próprio passado? Será que havia se esquecido de que quanto mais impessoal fosse sua ligação com Matt, melhor seria? Além do mais, usar a palavra "cama" perto de Matt era definitivamente perigoso.

— Quer dizer que sua mãe cuidou de você pelo menos algumas vezes?

Annie olhou para ele, enquanto provava o primeiro pedaço de *croissant*.

— Desculpe-me — disse Matt, percebendo que fora longe demais no comentário. — Tenho certeza de que sua mãe é uma mulher brilhante.

— Ela sempre fez o melhor que pôde por mim — afirmou Annie — Você não sabe o tipo de família que ela teve. Acredite-me, perto dos outros, ela é a mais sensata.

— Entendo —- respondeu ele, tomando um gole de café. — Não tive intenção de criticá-la duramente.

Andando até a janela, afastou um pouco as cortinas. Ficou olhando para fora, levando Annie a ficar curiosa.

— Não gosto de pensar em crianças sendo maltratadas, só isso — explicou ele.

— Por causa de Shelby, não é? Entendo. Mas Matt… — Quando ele se virou para ela, Annie prosseguiu: — Minha mãe nunca me tratou mal ou deixou que eu passasse fome. Além disso, ensinou-me muitas coisas. Eu já sabia cozinhar quando tinha dez anos de idade.

— Não acho que uma criança deveria aprender tarefas como essa tão cedo.

— Concordo. Mas nunca lhe disseram que a vida nem sempre é justa? — replicou Annie. — E que as dificuldades ajudam a aprimorar o caráter?

Matt voltou a prestar atenção ao que acontecia na rua, do lado de fora da janela. Era difícil tentar convencê-lo de algo, pensou Annie.

Mas que motivo teria ela para insistir? Seu único interesse era conseguir dinheiro e tempo para tirar seu diploma, nada mais.

— Terei de apanhar Shelby ao meio-dia — disse ele, com um ar expectante. — Dentro de uma hora, teremos um encontro com o advogado que está cuidando do meu pedido de custódia. Acha que ficará pronta a tempo?

Annie assentiu, comendo o último pedaço do *croissant*. Lançou um olhar hesitante para suas

roupas, deixadas sobre uma cadeira. Entendendo a indireta, Matt voltou a ficar de frente para a janela.

— Desculpe-me — falou ela, levantando-se rápido e pegando as roupas. — Eu… não estou acostumada com isso. Obrigada, por sua consideração.

Respirou fundo assim que fechou a porta do banheiro. Ficar em situações mais íntimas com Matt estava sendo mais difícil do que imaginara.

Sentado atrás de uma grande mesa e trajando uma camisa pólo, o advogado olhou para Annie com ar de interesse, enquanto Matt mantinha a porta do escritório aberta, para ela passar.

Durante a conversa, o advogado fez apenas algumas perguntas a Annie, antes de prometer que começaria a refazer a petição na segunda-feira pela manhã.

Ao sair do escritório com Matt, Annie concluiu que estava realmente em perigo. O desejo de completar seus estudos, unido à crescente atração por Matt, parecia estar se tornando uma espécie de armadilha da qual seria difícil escapar. Mais uma vez, lembrou a si mesma que qualquer envolvimento pessoal com ele não apenas a distrairia de seu objetivo, mas seria
emocionalmente desastroso.

Pensando em uma maneira de escapar pelo menos durante algum tempo, perguntou:

— Não acha melhor eu voltar para o hotel enquanto visita sua filha?

Matt apertou o botão que chamava o elevador.

— Quer voltar para o hotel?

Sem entender a intenção por trás das palavras de Matt, Annie respondeu:

— Eu gostaria de conhecer sua filha, mas não

quero atrapalhar a situação.

Entraram no elevador e Matt apertou o botão do térreo. Em seguida, passou o braço pela cintura de Annie, fazendo-a estremecer.

— Não vai atrapalhar nada — disse ele. — Talvez possa até me ajudar a pensar em algo para distrair Shelby. Ela gosta de ir ao zoológico, mas acho que hoje está um pouco frio para esse tipo de passeio.

Annie apenas assentiu e ambos seguiram em direção ao estacionamento. Enquanto Matt dirigia pelas ruas da cidade, ela se pôs a observar o contraste entre os elegantes edifícios novos e as casas mais antigas, feitas principalmente de alvenaria.

— Quer ir comigo? — insistiu Matt, a certa altura do trajeto.

— Está bem — Annie concordou, imaginando se aquela seria mesmo a resposta que ele queria ouvir.

Matt não demonstrava o que ia em sua mente e aquilo a deixava apreensiva em certos momentos.

Minutos depois, Matt estacionou o carro diante de uma casa com jardim e os dois seguiram juntos até a varanda.

— Pelo menos Lacey parece estar cuidando bem da casa — disse ele, batendo à porta.

— Sim, o jardim está impecável — anuiu Annie, observando as plantas vistosas e o gramado bem aparado.

— Gostaria que ela também fosse cuidadosa com a própria vida. — afirmou ele.

— Deixe o rancor de lado, Matt, pelo bem de Shelby.

— Acho que está além das minhas forças — respondeu ele, batendo à porta mais uma vez. —

Onde diabos está Lacey? Ela sabia que eu viria hoje e combinamos o horário. Você ouviu quando falei com ela pelo telefone ontem à noite, no hotel.

— Sim — confirmou Annie, pousando a mão no braço dele para tentar acalmá-lo. — Talvez ela tenha precisado sair por algum motivo de última hora. Vamos esperar no carro

Annie vivia arranjando desculpas para o comportamento irresponsável da mãe e, pelo visto, fazia isso com todo o mundo, pensou Matt, acompanhando-a até o carro.

Ficaram sentados no veículo durante um tempo suficiente para que Matt percebesse que havia algo de errado com ela

— Qual o problema, Annie?

— Nada.

Ele sorriu.

— Ainda bem que não escolheu ser atriz. Não foi nem um pouco convincente. Vamos, pode falar. — Olhando em volta acrescentou: — Aliás, não temos mais nada para fazer, exceto conversar. Estou vendo que está aborrecida por algum motivo. O que foi?

Annie continuou olhando para a rua, sem encará-lo.

— Estou imaginando se estamos aqui realmente por causa de sua filha ou apenas porque você deseja se vingar de sua ex-esposa. Não faz a mínima questão de esconder que a detesta.

— Não sinto raiva de Lacey - Matt objetou. Ao ver Annie arquear as sobrancelhas, deu de ombros. — Ok, na verdade o que me aborrece é o fato de Lacey haver quebrado mais uma promessa. Não exijo muito das pessoas, mas se alguém me der sua palavra, pode ter certeza de que terá de cumpri-la.

Matt segurou a mão de Annie, ao notar que um brilho diferente surgira em seus olhos.

— Você pode entender melhor do que ninguém como o comportamento de Lacey afeta Shelby — disse a ela. — Minha filha precisa saber que pode contar com algum adulto em sua vida

— Concordo com você, mas Shelby ainda é uma garotinha, Matt. Tem certeza de que a vida que ela leva ao lado da mãe e tão ruim assim?

— Antes mesmo de responder, Matt avistou uma movimentação familiar pelo canto dos olhos.

— Veja você mesma - disse a Annie e saiu do carro Uma loira com aparência um pouco pálida vinha descendo a rua, carregando um pacote de compras. Ao lado dela, uma linda garotinha com cabelos da mesma cor dos de Matt olhou
para o carro com ar de curiosidade. Usava um vestidinho estampado e uma blusa que lhe chegava até a cintura. Um par de meias soquetes e um sapato preto completavam seu visual.

A mulher parecia não prestar atenção na menina, exceto pela vez em que ela olhou para trás, certificando-se de que estava sendo seguida.

Após um momento de hesitação, Annie se uniu a Matt, na calçada. De repente, a menina reconheceu Matt e começou a correr em direção a ele.

— Papai!

Matt levantou a menina nos braços, envolvendo-a com carinho.

— Olá, meu anjo — murmurou ele, beijando-lhe os cabelos. Como está você?

— Bem — respondeu ela. — Fiquei com medo de que mamãe não chegasse a tempo do mercado — sussurrou alto o suficiente para Annie ouvir. — Achei que você não fosse esperar por mim.

Annie se lembrou das muitas vezes em que voltara com a mãe para casa, desejando encontrar o pai esperando por ela para lhe dar um abraço como aquele que Matt dera em Shelby.

Enquanto Matt assegurava de que sempre a esperaria quando fosse preciso, Annie observou Shelby com mais atenção. De fato, a roupa da menina não parecia muito adequada para a baixa temperatura da região. Talvez Lacey vestisse a filha daquela maneira propositalmente quando Matt ia visitá-las. Ou então ela fosse mesmo negligente com o bem-estar da menina. Porém, qualquer que fosse o motivo, estava frio demais para uma criança estar na rua sem um agasalho completo.

Ao se aproximar, Lacey lançou um olhar impassível para Annie e voltou-se para Matt.

— Então, arrumou uma nova namorada — disse a ele. — Meus parabéns.

O tom de voz de Lacey causou um arrepio na espinha de Annie. A ex-esposa de Matt não parecia nem um pouco amigável. Mesmo àquela hora da manhã, ela já demonstrava um certo grau de embriaguez.

Era possível notar que Lacey fora uma mulher bonita no passado. Tinha cabelos naturalmente loiros, pele clara e olhos azuis. Era mesmo lamentável que o vício estivesse deixando-a com uma aparência envelhecida e intranquila ao mesmo tempo.

— Annie, esta é Shelby — anunciou Matt. Em seguida, voltou-se para a ex-esposa. — E esta é a mãe dela, Lacey.

— Olá, Shelby.

Annie não fez menção de tocar a menina, que quase se escondeu atrás do pai.

— É um prazer conhecê-la, Lacey — Annie

disse à loira.

— Mas que gentileza impecável! — exclamou a mulher, sem disfarçar o sarcasmo.

Ela ajeitou o pacote pardo e Annie avistou o gargalo de uma garrafa de vinho entre as compras.

Naquele momento, sentiu o braço de Matt enlaçar sua cintura, puxando-a para junto dele. Ficou surpresa ao se dar conta de que nem mesmo a situação embaraçosa fora capaz de abafar o desejo que a proximidade de Matt lhe provocava.

— Essa é Annie — repetiu ele, naquele tom de voz indefinível. — Nós nos casamos ontem.

Lacey arregalou os olhos, mas logo sua expressão voltou ao normal.

— Meus parabéns — disse ela, esforçando-se para demonstrar satisfação.

— Obrigado — respondeu Matt.

Uma brisa mais forte fez Shelby estremecer, levando-os a se apressarem para tirá-la daquele ar gélido.

— Vamos entrar — sugeriu Matt.

— Quer que eu a ajude com as compras? -— ofereceu-se Annie, sorrindo amistosamente para Lacey. — Esses pacotes costumam ficar pesados depois que os carregamos por alguns quarteirões.

— Pode deixar que eu levo — respondeu Lacey, seguindo em frente.

— Por que fez isso? — Matt perguntou a Annie, quando Lacey se afastou.

Diminuindo o tom de voz, para que Shelby não a escutasse, ela falou:

— Não vejo motivo para ser indelicada com Lacey. Se conseguirmos manter um relacionamento amigável, talvez possamos evitar o litígio.

O sorriso de Matt fez Annie se sentir nas nuvens.

— Agora entendo qual é a vantagem de se ter uma estudante universitária por perto — disse ele, com ar de aprovação. — A cultura nos ajuda a raciocinar com mais clareza.

Os dois levaram Shelby para patinar no gelo. Quando Annie fizera a sugestão, Matt franzira o cenho e balançara a cabeça negativamente.

— Ela não pode ir vestida assim — sussurrou ele.

Lacey insistira que a menina não tinha nenhum agasalho limpo para vestir.

— Mas eu mandei dinheiro para que comprasse mais roupas para ela. — salientou Matt, ignorando o olhar de alerta que Annie lhe lançou, indicando que Shelby estava ouvindo a conversa.

Lacey deu de ombros.

— Shelby perdeu o agasalho na escola — explicou ela, olhando para o pacote de compras que deixara sobre a mesa. — Talvez assim ela aprenda a ser mais cuidadosa da próxima vez.

Já estavam saindo com Shelby quando Annie lançou um último olhar para Lacey e percebeu que ela pegara a garrafa de vinho antes mesmo de ficar sozinha em casa.

— Shelby não está vestida para patinar no gelo — insistiu Matt, enquanto se dirigiam ao carro.

— Eu sei — concordou Annie. — Mas será que você se esqueceu de que iríamos comprar um lindo agasalho para Shelby? — completou ela, com uma piscadela.

O olhar compreensivo e grato que Matt lhe lançou foi o limiar agradecimento que ela poderia receber. Sua maior alegria, porém, foi a expressão de

felicidade de Shelby ao provar o felpudo agasalho cor-de-rosa que escolheram para ela, com a estampa de um personagem de desenho animado.

Annie elogiou outras roupas da loja e Matt acabou comprando várias peças para a filha.

Trajando a nova roupa e segurando a mão do pai com orgulho, Shelby saiu da loja com um sorriso satisfeito.

Três horas depois, quando sentaram-se em um banco para tirar os patins, Matt tocou o rosto de Annie com carinho.

— Obrigado — sussurrou, sem que Shelby pudesse ouvi-lo.

— Obrigada, Matt — disse ela, sorrindo. — Há muito tempo eu não me divertia tanto. Acho que eu até havia esquecido como era.

Matt se inclinou para tirar os patins. "Eu também", pensou.

Aquela tarde fora uma das melhores que ele tivera com a filha nos últimos tempos. E graças a Annie. Ela tinha um jeito especial de lidar com as situações, e principalmente com Shelby.

Suspirou pensativo. Estava ciente de que nunca poderia substituir o papel da mãe na vida de Shelby. Por outro lado tinha condições de ser o melhor pai do mundo para ela. Alguém com braços fortes, para carregá-la e lhe dar apoio quando fosse necessário.

Shelby acabou adormecendo no caminho de volta para casa. Para não acordá-la, os dois conversaram em voz baixa sobre o que haviam compartilhado durante o passeio.

— Tenho algo para lhe dizer, Matt — declarou Annie, parecendo apreensiva.

— Pode falar.

Após um momento de hesitação, ela continuou:

— Quando eu e Shelby fomos ao banheiro, ela me disse que o casaco que ela perdeu na escola era o único que não Ihe servia mais.

Matt segurou o volante com mais força. Lacey estava passando dos limites. Pelo menos no passado, ela não costumava mentir sobre Shelby.

— Então o que aconteceu com o novo, que mandei Lacey comprar?

— Shelby contou que a mãe prometeu comprar um casaco novo quando as aulas começaram, mas… — Annie deu de ombros

Matt assentiu, deduzindo o que havia acontecido. Provavelmente Lacey gastara o dinheiro comprando bebidas.

— Expliquei a Shelby que às vezes os adultos esquecem das coisas e que você compraria outro casaco para ela — completou Annie.

— Faremos isso assim que possível. Sabe qual o tamanho que ficaria bom para ela?

— Shelby é crescida para a idade que tem. Acho melhor comprarmos dois números a mais. Assim, ela poderá usar o agasalho durante um bom tempo.

Quando chegaram à casa de Lacey, Annie se despediu da menina com um beijo e ficou esperando no carro, enquanto Matt a carregou para dentro.

Quando ele voltou, Annie estava com a cabeça encostada no apoio, mantendo os olhos fechados.

— Está cansada?

— Hum-hum.

— Vou levá-la de volta para o hotel, antes de sair para comprar o casaco.

— Se esperar eu lavar o rosto e comer alguma coisa, poderei acompanhá-lo.

Matt não disse mais nada durante o trajeto até o

hotel. Imaginou se a atitude que Annie tivera durante a tarde indicava que ela mudara de opinião a respeito da situação de Shelby. Ou estaria ela preocupada apenas com sua própria parte no acordo? Não, não era possível. Annie demonstrara muita sinceridade ao lidar com sua filha.

Quando Matt parou o carro no estacionamento do hotel, Annie tocou seu braço, fazendo-o olhar para ela.

— Não importa quanto tempo leve, Matt, mas vou ajudá-lo a ficar com Shelby. Ela precisa de você.

Sem que Annie esperasse, ele a beijou nos lábios. Parecia tomado por uma sensação de desejo e de gratidão ao mesmo tempo.

Porém, não demorou muito para o contato se tornar mais íntimo. Annie gemeu levemente, abrindo os lábios para receber o beijo com mais intimidade. Cada gesto de Annie dizia a Matt que ela o desejava tanto quanto ele a queria.

Quando Annie deu por si, as mãos de Matt se apoderaram de seus seios, acariciando-os com uma sensualidade que a deixou sem fôlego.

Surpreso com a intensidade de seu próprio desejo, e percebendo que estava agindo como um adolescente dominado pelos hormônios, Matt se afastou de repente. O que diabos estava acontecendo com ele? Por um momento, esquecera-se de que seu casamento era apenas temporário e que os contatos mais íntimos não constavam no acordo.

— Desculpe-me, Annie. Isso não estava no acordo.

— Não, não estava — disse ela, ofegante.

Matt esperava que ela fosse falar mais alguma coisa, mas Annie se manteve em silêncio. Mesmo ciente do desejo que queimava em seu corpo, ele não

insistiu. Sabia que Annie não era do tipo de mulher que aceitaria ter um relacionamento passageiro. Ela queria um compromisso sério, com todas as consequências que isso traria. Entretanto, ele não podia se entregar dessa maneira. Tentara agir assim com Lacey, e o resultado fora um verdadeiro fiasco. Seu único compromisso dizia respeito à sua filha. No momento o mais importante era o bem-estar de Shelby, nada mais.

— Sendo assim, será melhor que eu me lembre bem disso não? — disse a Annie.

Sem responder, ela abriu a porta do carro e fez menção de sair. Porém, Matt segurou-a pelo pulso.

— Isso não voltará a acontecer, prometo. Sou muito grato por sua ajuda e não quero criar uma situação complicada entre nós.

Annie assentiu e olhou para a mão que continuava segurando seu pulso. Matt a soltou.

O aquecedor voltou a funcionar à noite, mas a atmosfera do quarto permaneceu mais fria do que nunca. À tarde, quando retornaram ao hotel, deixara Annie no quarto e saíra novamente, para comprar o casaco de Shelby. Em seguida, voltara à casa de Lacey, para entregá-lo à filha.

Felizmente, a roupa ficou ótima e Lacey não fez nenhum escândalo sobre o fato, limitando-se apenas a olhá-lo com um ar distante e dar de ombros.

No hotel, Matt pediu um lanche leve para ele e Annie. Os dois comeram praticamente em silêncio, absortos em seus próprios pensamentos.

Annie se recolheu primeiro e quando Matt entrou no quarto, ela fingiu estar dormindo. Para sua maior tortura, ficou ouvindo ele entrar no banho, imaginando aquele corpo másculo sob a água quente do chuveiro…

Minutos depois, ele deitou na outra cama, ao

mesmo tempo em que um delicioso perfume masculino espalhou-se pelo quarto.

Annie ficou acordada durante um longo tempo, escutando a respiração ritmada de Matt. Nem tentou pensar no motivo que o levara a beijá-la e a tocá-la daquela maneira, por reconhecer que isso seria pura tortura. Ainda assim, viu-se obrigada a admitir que fora maravilhoso.

Só não conseguira entender por que Matt se afastara daquele modo tão repentino. Desde o primeiro instante em que ele a tocara, fora como se uma força maior a impedisse de reagir.

Nunca fora beijada daquela maneira. Nunca.

Suspirou alto, perscrutando o quarto escuro. Se continuasse se deixando levar pelos sentimentos, acabaria ameaçando o sucesso de seu futuro profissional.

"Encare a realidade, Annie", pensou consigo. "No fundo, é tão sonhadora quanto sua mãe. Antes mesmo de se dar conta, estará usando artifícios femininos para persuadir Matt a fingir que esse sonho é real. Depois, colocará sua felicidade nas mãos dele e implorará para que volte, quando ele se cansar de você."

Por um momento, chegou a pensar em pegar sua bagagem e sair daquele hotel e da vida de Matt. Porém, lembrou-se de Shelby e não teve coragem de desistir do acordo.

Não podia ir embora ainda. Uma criança doce e vulnerável precisava de sua ajuda. Recordou o ar de felicidade que a menina demonstrara ao ver o pai.

Matt e Shelby precisavam um do outro, e sua contribuição seria fundamental para que os dois pudessem ficar juntos. Segundo o advogado, o fato de Matt estar casado facilitaria bastante a obtenção da custódia.

Iria ficar. Mas trataria de manter uma distância segura de Matt. Aquele casamento era apenas um contrato de troca de favores, nada mais. Teria de se lembrar disso, se quisesse continuar com seu coração intacto.

Assim que amanheceu, ela se levantou e arrumou-se em poucos minutos. Mal podia esperar para que chegassem logo em Billings, onde Billy Duas Águias os encontraria para levá-los à fazenda de Matt.

Quando já estavam no aeroporto, esperando para embarcar, voltou-se para o marido e disse:

— Em Montana, quero ter meu próprio quarto.

— Pode ficar tranquila quanto a isso. Também faço questão de que fiquemos em quartos separados.

Annie não soube se deveria sentir-se triste ou aliviada em ouvir aquilo.

Capítulo 4

— Annie, estamos chegando.

Ela acordou com um sorriso nos lábios, ao notar a satisfação com que Matt dissera aquilo. Seu rosto estava encostado em algo sólido e macio ao mesmo tempo.

Ao abrir os olhos, percebeu que era o braço de Matt. Endireitou o corpo no mesmo instante e passou as mãos pelo rosto, tentando despertar.

Através da janela da *pick-up,* avistou sua nova casa. Na verdade, outro lar temporário. Não havia nenhuma outra residência próxima. A única paisagem que se estendia a perder de vista eram os campos verdejantes contrastando com o céu muito azul do final de outono. A distância, uma fileira de árvores marcava o curso de um rio.

— Está muito cansada, senhora?

Annie olhou para Billy Duas Águias, cuja ascendência indígena estava evidente em seus cabelos negros, na cor da pele e no formato do rosto.

Enrubesceu ao imaginar que o rapaz estava achando que o motivo de sua fadiga era outro.

— Sim — respondeu, decidindo não se justificar, "pelo bem de Shelby". Mudando de assunto, perguntou: — A que tribo pertence, Billy?

— Sou da tribo dos pés pretos — respondeu ele, cheio de orgulho, antes de começar a narrar a saga de sua família.

Annie gostou de ouvi-lo falar sobre a vida em meio à tribo e de como ele escapara ileso de aventuras perigosas. Enquanto Billy falava, pelo menos ela se desconcentrava um pouco da perturbadora proximidade de Matt.

— Como está Shelby? — perguntou o rapaz, ao terminar a narração da saga.

— Está ótima — respondeu Matt. — Eu… Nós fomos patinar no gelo.

— Você?! — perguntou Billy, com ar de zombaria. — Patinou no gelo? Mas, mas…

— O que há de tão engraçado nisso? — Quando Annie deu por si, já havia perguntado.

Como sempre, a expressão de Matt permaneceu indefinível.

— Billy acha que me considero importante demais para fazer algo tão pueril. — Olhando-a de soslaio, completou: — Ele já deveria saber que sou capaz de fazer qualquer coisa por Shelby.

Annie uniu as mãos sobre o colo. Imaginou que "qualquer coisa" incluiria aprender a demonstrar as próprias emoções.

— Lá está a casa da fazenda — anunciou Billy.

Annie lançou um olhar de agradecimento ao rapaz e observou a bela construção mais de perto. Tratava-se de um imponente sobrado de tijolos cercado por varandas. Ao lado de uma delas, uma enorme árvore fazia uma sombra convidativa, deixando o lugar comum aspecto muito aconchegante.

Provavelmente, no verão ela não estaria mais ali para aproveitar o frescor daquela sombra, pensou consigo, quando Billy estacionou o carro diante da casa.

— A porta da frente está aberta — avisou Matt. — Por que não entra para descansar um pouco? Quero ver como está o búfalo que Billy trouxe de Oklahoma. Voltaremos, à hora do jantar.

Annie se esforçou para não demonstrar seu desapontamento, enquanto Billy a ajudava a descer

da *pick-up*. O que mais esperava?, censurou-se, em pensamento. Que Matt a carregasse nos braços para dentro de casa?

— Até mais tarde — disse a ele, num tom de voz frio.

— Billy deixará sua bagagem no último quarto à direita do corredor, no andar de cima.

— Obrigada, querido.

"Bela atuação", pensou Annie, subindo os degraus da entrada principal. Em seguida, entrou na casa que a abrigaria durante pelo menos os seis meses seguintes.

A mobília combinava com a construção: grande, imponente e bem conservada, apesar de antiga.

Respirou aliviada ao notar que os quartos dos empregados ficavam em uma ala não muito distante da casa. Ao menos ela e Matt não ficariam sozinhos durante todo o tempo, concluiu.

Entretanto, não adiantaria tentar mostrar que seu casamento era verdadeiro. Não havia como fingir o tempo inteiro e logo os empregados notariam algo de errado entre ela e Matt.

Queria seu diploma universitário e ele queria a filha, só isso. Fora aquele o acordo. Nada de envolvimentos físicos ou emocionais. Ao subir para o andar de cima, foi direto ao quarto que Matt mencionara.

Pensativa, mal notou a disposição da cama e dos móveis. Limitou-se apenas a pegar seus livros de estudo e colocá-los na escrivaninha sob a janela, de onde era possível avistar a estrada por onde haviam acabado de passar.

Ótimo, pensou. Olhar sempre para aquela estrada de certa forma a manteria em sintonia com seu objetivo: galgar um caminho seguro para sua carreira como assistente social.

Mesmo que nunca conseguisse reeducar um delinquente ou convencer um psicopata a procurar ajuda, sabia que fizera a escolha certa. O fruto de sua própria experiência de vida crescera como a determinação de ajudar outras pessoas. Não conseguia imaginar nada mais gratificante do que encontrar maneiras de manter lares e pessoas unidas. Fazer parte de uma família era algo muito importante.

Em um gesto quase inconsciente, pegou um livro sobre comportamento humano e começou a folheá-lo. No entanto, em questão de minutos viu-se fazendo anotações nos tópicos principais.

Exatamente como Matt imaginara, bastou algumas horas em contato com o ar de Montana para trazer seu bom humor de volta.

Sempre adorara aquela fazenda e a visão daqueles pastos verdejantes parecia suficiente para revigorá-lo em qualquer momento. Por isso aceitara de bom grado cuidar da fazenda quando seu pai falecera. Aquele sempre seria seu lar.

Sabia que era tolice ficar preso a um lugar pequeno e isolado do mundo, mas a fazenda era parte de sua vida. Queria transmitir isso à sua filha. Shelby precisava ter estabilidade e, ao contrário de Lacey, ele poderia oferecer isso a ela.

Pensou no comentário de Annie de que o problema de Lacey talvez fosse patológico. Pura tolice. Pessoas como sua ex-esposa não passavam de covardes incapazes de enfrentar os próprios problemas. Não sabiam impor os próprios limites e quando começavam a beber, simplesmente não conseguiam parar.

Lacey não ligava para a filha, da mesma maneira como não se importara com ele no passado, concluiu, com um suspiro frustrado. Tentara viver ao lado de Lacey, mas fora simplesmente impossível.

Talvez se sua mãe não houvesse morrido quando ele era tão jovem tivesse conseguido ensiná-lo a amar uma mulher. Porém, crescera em um mundo basicamente masculino e não havia como mudar os fatos. No fundo, não sabia o que uma mulher esperaria receber dele.

Portanto, quanto antes tirasse Annie de seus pensamentos, melhor seria. E o único meio de conseguir isso seria ficando longe dela.

Continuaria a se ocupar com seu trabalho e a deixaria livre para estudar. Assim, mal teriam tempo para se encontrar. Depois de algum tempo, já teria esquecido o quanto ela era desejável. Os incidentes anteriores, como o carro e o aquecedor quebrados só aconteciam uma vez em um milhão. Não aconteceria nada parecido ali, na fazenda.

Essa era sua casa e ele estava no controle da situação. Encontrava-se a salvo do perigo oferecido por sentimentos indesejáveis.

Annie estava no andar de cima, desfazendo as malas, quando o som de passos firmes e de vozes masculinas avisou-a do retorno de Matt e de Billy.

Ao olhar através da janela, notou que a tarde já estava chegando ao fim. No entanto, não fez nenhuma questão de sair do quarto. Mostraria a Matt que ele não era o único desinteressado por ali.

Minutos depois, uma leve batida à porta fez seu coração acelerar. Ao abri-la, deparou-se com Matt, mais atraente do que nunca. A roupa limpa e os cabelos ainda molhados demonstravam que ele havia acabado de tomar banho.

— Posso entrar?

Annie assentiu, fazendo um gesto para que ele entrasse.

— O que foi? — perguntou, sem saber ao certo o que dizer.

Matt passou a mão pelos cabelos.

— Eu só queria lembrá-la de que nós… precisamos mostrar que somos um casal feliz quando estivermos juntos. Caso contrário, Billy logo acabará falando o que não deve por aí.

Annie ignorou a pulsação acelerada.

— Ele gosta muito de falar, não?

— Sim, e isso às vezes se torna um problema. Então, o que me diz?

— Não se preocupe — Annie o tranquilizou. — Farei meu papel direitinho, mas também terá de representar o seu.

— Sim, sra. Walker — respondeu ele, de um modo que a fez estremecer. — O jantar já está pronto. Passei por aqui para descermos juntos.

— Oh, muito matrimonial — ironizou Annie. — Com certeza, isso os convencerá de nossa felicidade.

Ela fez menção de passar por ele, mas Matt a deteve, pousando a mão em seu ombro.

— Annie, por favor.

Aquilo não era justo, pensou ela. Como poderia resistir a Matt, se ele insistia em tocá-la e olhá-la daquela maneira?

Desceram a escada juntos, com Matt mantendo a mão sobre o ombro de Annie. Ao vê-los, Billy pareceu bem convencido de que formavam um casal perfeito. O doutor Pedersen, o outro empregado que foi apresentado a ela, manteve-se ocupado na cozinha.

— Ele é doutor mesmo — Billy explicou a Annie, com seu costumeiro entusiasmo. — Doutor em geofísica. Durante a primavera e o verão, o patrão contrata mão-de-obra extra, mas durante o restante do tempo eu e o doutor somos os únicos ajudantes oficiais por aqui.

Somente quando sentaram-se à mesa foi que Annie pôde observar Pedersen com mais atenção. Ele tinha quarenta e cinco anos, era loiro e usava óculos de lentes grossas.

— A sopa está maravilhosa, Pedersen — elogiou ela, aproveitando um dos raros momentos em que Billy ficara calado.

Visivelmente corado, Pedersen agradeceu com um sorriso tímido. Matt e Billy começaram a rir.

— Acho que Pedersen nunca conseguirá chegar a seus pés no que diz respeito a lidar com as mulheres, patrão —- falou o rapaz. — Aposto que se estivesse sozinho, ele levaria um mês para reunir coragem e dizer "olá" a uma bela dama, como a sra. Walker.

Pedersen enrubesceu ainda mais, porém não fez nenhum comentário.

— Joga cartas, sra. Walker? — perguntou Billy, quando Matt ficou de pé e começou a retirar a mesa.

— Pode me chamar de Annie — pediu ela, sorrindo para o rapaz. — Sim, jogo. Mas acho melhor ajudarmos na arrumação da cozinha.

— Não precisa se preocupar — interveio Matt. — Hoje é meu dia de lavar os pratos. Podem ir jogar.

Annie não insistiu. Contudo, quando ela e Billy terminaram a partida, a luz da cozinha já estava apagada e Matt havia sumido de vista.

— Obrigada pela partida, Annie — o rapaz agradeceu, enquanto guardava as cartas em uma caixa. — Quero revanche

— Assim que me recuperar por haver sido derrotado por uma mulher. Venha, doutor — chamou Pedersen, que estivera concentrado em ler uma revista desde o fim do jantar. — Boa noite, Annie.

— Boa noite para os dois — respondeu ela. — Até amanhã.

Annie esperou que eles saíssem, antes de apagar a luz da sala e ir para seu quarto.

Felizmente, os aposentos dos empregados ficavam em uma outra ala da casa. No andar de cima, o corredor estava bastante silencioso e iluminado apenas por uma luminária presa à parede. Uma porta fechada à esquerda era o único sinal da presença de Matt.

A semana transcorreu perfeitamente. Matt e Annie conseguiram criar uma rotina que manteve a farsa em ação, embora os dois estivessem distantes.

Os homens acordavam de madrugada e saíam de casa antes de Annie acordar e descer, servindo-se do desjejum que Matt sempre deixava para ela.

Depois de verificar qual era o cardápio mais ou menos estabelecido entre eles, Annie se predispôs a entrar no rodízio de cozinhar e de arrumar a cozinha durante certos dias da semana.

Após o jantar, os quatro costumavam ficar na sala, lendo, assistindo à tevê ou jogando.

O tempo permaneceu estável durante aquela primeira semana, embora Annie tivesse ouvido previsão de nevasca mais de uma vez.

Em uma das noites, o barulho do telefone fez todos se sobressaltarem. Matt o atendeu, mas cobriu o bocal logo em seguida, ao dizer:

— Annie, é sua mãe.

Quando ela se aproximou, ele sugeriu:

— Não prefere atender em nosso quarto? Terá mais privacidade para conversar.

Percebendo que seria melhor não contrariá-lo, Annie assentiu e foi justamente para o lugar onde não queria estar: o quarto de Matt.

Ainda assim, a curiosidade a levou a ficar um bom tempo parada à porta, olhando o interior do aposento. Havia uma palavra que definia bem o aspecto do quarto de Matt: continuidade. Aquele lugar passara por várias gerações, mas mantivera os padrões básicos de classe e de elegância.

Devagar, foi até a cama e pegou o telefone sobre a mesinha-de-cabeceira.

— Olá, mamãe.

Ouviu a extensão ser colocada gentilmente no gancho. Seus dedos seguraram o aparelho com mais força. Suspirou, olhando em volta. Privacidade… Consideração… O que mais ela queria? Talvez amor, pensou.

— Como está a vida em Montana? — Imogene quis saber.

Annie deu uma resposta genérica. Durante as últimas noites, não conseguira deixar de pensar como fora sentir os lábios de Matt sobre os seus. Sonhava em poder levar uma vida normal com seu marido, mas sabia que isso não passava de um sonho. Ela e Matt nunca formariam um casal de verdade, com todas
as intimidades de uma vida a dois.

— Seu marido está lhe dando ao menos um minuto de paz? — insinuou Imogene, com um risinho.

Annie suspirou. Se tivesse um pouco mais de quietude, acabaria morrendo de tédio.

— Os humanos são seres sociáveis, sabia? Sei que não aprova minha… vida amorosa, mas não somos feitos para viver sozinhos…

— Mamãe, você arranjou outro marido? —- indagou Annie, percebendo as entrelinhas do que Imogene dissera. — Mas ainda nem resolveu direito o último divórcio!

— Ele é maravilhoso, querida. De qualquer maneira, não acho justo dar sua opinião a respeito de alguém que você nem conhece.

Annie admitiu que a mãe tinha razão.

— Quero apenas que seja feliz, mamãe.

Seguiu-se um momento de silêncio significativo.

— Bem, talvez dessa vez eu tenha sorte — respondeu Imogene. — E você? Está feliz?

Annie detestava mentir. Deveria contar a verdade à mãe? Melhor não, concluiu. Embora quisesse demonstrar o contrário, sua mãe não era tão experiente assim em questões sobre casamento.

— Sim, estou muito feliz — foi tudo que disse.

— Que bom, meu anjo. Agora tenho de desligar. Falarei mais sobre Eldon da próxima vez em que conversarmos.

Annie resmungou algo em despedida e desligou. Em vez de sair do quarto, permaneceu mais algum tempo sentada na cama de Matt.

Porém, ficou de pé assim que a porta se abriu e ele entrou no aposento.

— Tudo bem?

— Puxa, esta parece ser a grande pergunta do dia — ironizou Annie. — Sim, está tudo ótimo. Aliás, não podia estar melhor. Na verdade, eu deveria estar preenchendo minha ficha de inscrição para o término do curso. Terei de mandá-la dentro de poucos dias.

Matt franziu o cenho. Annie não parecia estar agindo com naturalidade. Estava tentando disfarçar o aborrecimento que a perturbava por algum motivo.

Quando ela fez menção de se retirar, o telefone voltou a tocar. Matt fez um sinal para que ela

atendesse, já que se encontrava mais próxima do aparelho.

— Telefonema a cobrar — avisou ela, ao ouvir a mensagem do outro lado da linha. Depois de alguns segundos, olhou para Matt. — É Shelby.

Ele se aproximou no mesmo instante. Pegou o telefone, mas manteve Annie junto de si.

— Não vá, por favor — sussurrou.

Annie assentiu. Talvez ele estivesse precisando de apoio para conversar com a filha a toda aquela distância, só isso. Que outro motivo o levaria a pedir a ela que ficasse?

— Papai, perdi a aula hoje porque mamãe não acordou na hora — disse Shelby, contendo o choro. — Estou com medo de que a professora fique brava porque hoje era o dia de aprendermos as cores do arco-íris.

Matt repetiu a Annie o que Shelby dissera.

— A vizinha falou que eu deveria telefonar para você. Mamãe foi fazer compras e me deixou aqui, na casa dela. Ontem à noite, mamãe chegou depois da meia-noite e estava com aquele cheiro estranho.

Cheiro de álcool, deduziu Matt.

— Não se preocupe, meu anjo — disse ele, tentando tranquilizá-la. — Falarei com sua mãe quando ela chegar em casa. Isso não voltará a acontecer.

Annie cruzou os braços.

— Assim espero — completou Matt. — Eu te amo, Shelby. Matt franziu o cenho ao desligar o telefone. Estava muito longe para dizer a Lacey o que ela merecia ouvir, mas…

Interrompeu tais pensamentos ao notar que Annie o olhava de uma maneira diferente. Parecia aborrecida por algum motivo.

— Como pôde fazer isso, Matt?

— Isso o quê? — perguntou ele, sem entender por que ela estava tão indignada.

Annie deu um passo à frente, pousando a mão sobre o braço dele.

— Não ajudará Shelby se começar a colocá-la contra a mãe.

Aquele simples contato foi suficiente para despertar sensações que Matt julgara estarem adormecidas. Viu-se obrigado a reconhecer que ainda desejava Annie mais do que tudo.

— Não ouviu o que Lacey aprontou dessa vez? — replicou.

— Sim, mas crianças precisam ser ensinadas a amar os pais, mesmo que tenham defeitos, como todo ser humano.

— E o que faz de você uma pessoa tão entendida nesse assunto? — indagou ele, em uma atitude defensiva. — Encontrou-se com Lacey apenas uma vez. Além do mais, nunca teve um filho.

— Não, nunca tive.

Annie detestava falar sobre seu passado, mas Matt precisava saber como ele fora, para entendê-la. E Shelby também precisava de alguém para falar por ela.

— Só que sei muito bem como sua filha se sente — continuou. — Meu pai saiu de casa quando eu tinha sete anos, Matt. — Respirando fundo, forçou-se a continuar: — Fiquei amedrontada e confusa na época. Como Shelby agora. Mas, ainda assim, não deixei de amar meu pai e de querer que ele também me amasse.

Matt tocou os cabelos dela com carinho.

-— Sinto muito, Annie.

— Ele era doente — prosseguiu ela. — Mas em algum ponto, mesmo que enevoado pelo efeito do álcool, ele era o pai que me amava. Aquele que andava comigo no colo durante horas, quando eu tinha crises de cólica. Sei que ele continuou a me amar, embora não tivesse a mínima noção de como demonstrá-lo.

Matt notou um brilho de lágrimas nos olhos de Annie. Teve vontade de tomá-la nos braços e consolá-la.

Mas não podia fazer aquilo. Não se quisesse manter o pouco da paz que lhe restava. Precisava se preocupar em ajudar sua filha, e não em consolar alguém que só acabaria sendo magoada, ao querer algo que ele não poderia oferecer.

— Deixe Shelby do lado da mãe — aconselhou Annie, num fio de voz.

— Quer que eu ignore o que Lacey está fazendo? Não posso. Matt se afastou dela, indignado.

— Shelby sabe a verdade — insistiu ela. — Afinal, convive com ela. Você não precisa negá-la, mas também não é preciso enfatizá-la. O comportamento de Lacey é apenas um sintoma. Não a culpe por isso, Matt, principalmente diante de Shelby.

— Por que não? Claro que a culpo! Lacey arruinou nosso casamento e está prejudicando Shelby!

Matt respirou fundo, tentando controlar as emoções.

— Quer que eu me sinta solidário a ela? Está querendo dizer que Lacey não tem culpa por ser alcoólatra? Então, o que diabos se faz nessas reuniões dos alcoólatras anônimos? Dizem que é certo beber?

— Não! — bradou Annie. — Estou tentando dizer que Lacey não pode escolher ter ou não ter a doença, mas que ela pode escolher o que fazer sobre a compulsão para beber. Só que culpá-la diante da filha não a ajudará a perceber seu erro. Acha que minha mãe não tentou fazer isso?

Matt continuou em silêncio.

— Ela tentou tudo que você possa imaginar: ameaçou, implorou, escondeu as chaves do carro e o dinheiro, preparou refeições especiais, elaborou meios de mantê-lo em casa… Mas nada funcionou. Meu pai continuou bebendo até acabar saindo de casa.

Annie cobriu o rosto com as mãos, abaixando o tom de voz a um ponto que Matt quase não conseguiu ouvi-la.

— Na época, ficamos tão desorientadas que nunca paramos para analisar nosso próprio comportamento. Passei anos me culpando pela fuga de meu pai.

Duas lágrimas rolaram pelo rosto de Annie, que não conseguiu conter um soluço. Matt continuou onde estava, sem saber ao certo o que fazer.

Por fim, passou o braço pelos ombros dela e a fez sentar-se na cama. Mantendo a cabeça de Annie encostada em seu ombro, consolou-a até que o choro terminasse.

— Sinto muito, Annie — murmurou ele. — Sinto por seu pai, por essas lembranças indesejáveis e por não entender Lacey. Tenho sido um insensível.

Matt tocou os lábios dele com a ponta dos dedos.

— Pare, antes que comece a se culpar pela fome e pelas doenças do mundo — brincou.

Ouviram uma leve batida à porta.

— Entre — disse Matt.

Pedersen colocou a cabeça pela fresta da porta e lançou um olhar significativo para Matt, indicando que precisava falar com ele.

— Já vou descer — avisou Matt.

Quando Pedersen se retirou, ele beijou os cabelos de Annie.

— Entende algo sobre criação de gado? — perguntou a ela. — Ou pelo menos sabe cavalgar?

— Só se o cavalo estiver preso a um carrossel. — Annie riu. Tornando-se mais séria, completou: — A resposta é "não" para as duas perguntas, Matt. Por quê?

Ele passou a mão pelos cabelos.

— Pedersen está de partida. Depois de seis anos morando conosco, ele vai voltar a trabalhar com petróleo. Recebeu uma oferta enquanto eu estava em Tulsa e decidiu aceitá-la. Annie mordeu o lábio.

— Bem, melhor para ele, não?

— Sem dúvida — anuiu Matt. — Mas não será fácil substituí-lo nesta época do ano. Mesmo que você entendesse do assunto, a última coisa que eu lhe pediria seria para ficar mais tempo do que o necessário para resolver a custódia de
Shelby. Obrigado pela confiança que depositou em mim, ao me contar tudo isso. Sei que não é fácil falar de problemas desse tipo com um estranho.

— Não é mais um estranho para mim, Matt. — Ela sorriu. — E não precisa concordar com o que eu disse. Apenas pense a respeito, ok?

Ele assentiu.

— Algum de seus livros tem informação sobre como ter um pai alcoólatra afeta uma criança? Talvez me ajude a entender como devo ajudar Shelby.

Annie sorriu. Matt não tinha a mínima ideia do quanto estava sendo irresistível.

— Tenho alguns manuais sobre comportamento humano que poderão ajudá-lo.

— Então separe-os para mim.

Dizendo aquilo, ele saiu do quarto e fechou a porta. Annie ficou algum tempo parada, ainda comovida com a mudança de Matt. No fundo, ele era um homem muito sensível. Só precisava se dar conta disso.

Capítulo 5

A partida de Pedersen causou apenas uma leve mudança na rotina da fazenda.

Três dias depois da conversa que tivera com Matt, Annie terminou de preencher a ficha para requisitar o término do curso e colocou-a no correio.

Decidida a felicitar Matt pela mudança de postura com relação a Lacey e a ela própria, por haver tido coragem de falar sobre seu passado, Annie resolveu caprichar no cardápio, quando chegou seu dia de preparar o jantar.

Enquanto temperava os filés de frango que seriam assados e servidos com arroz, batatas recheadas e uma salada fria, Annie pensava em como seus dias estavam sendo tranquilos, embora não tão felizes quanto ela gostaria.

Mesmo realizando algumas tarefas domésticas e outras administrativas, que Matt lhe pedira para fazer, ainda lhe sobrava muito tempo para estudar. Tanto que ela até se ofereceu para organizar os papéis do escritório e realizar outras tarefas pela fazenda.

Certo dia, os homens chegaram para o almoço dizendo que dois búfalos haviam fugido. Pelo visto, tratava-se de uma situação de emergência, que exigiria o auxílio de mais alguém. Por isso, Annie se ofereceu para ajudar.

Depois do almoço, acompanhou Billy e Matt na caçada aos búfalos.

— O que ele está fazendo? — Annie perguntou a Billy, ao ver Matt conduzir um cavalo selado até o *trailer* que acabara de ser preso à *pick-up*.

Billy se limitou a dar de ombros. Depois de

acomodar o cavalo no *trailler,* Matt voltou para junto deles.

— Tem certeza de que ficará bem aquecida? — perguntou a Annie.

— Não sei — respondeu ela. — Mas se vestir outra camada de roupa é capaz que eu nem condiga me mexer.

Desde o almoço, Matt ficara visivelmente aborrecido. Não quisera aceitar a ajuda de Annie, mas ela insistira em acompanhá-los mesmo contra a vontade dele. Para surpresa de Annie, Billy ficara do seu lado.

— A temperatura está caindo — avisou ele. — Não quero que acabe ficando doente.

— Pode deixar, Matt. Eu sei me cuidar.

Contudo, quando chegaram quase ao outro extremo da fazenda, Matt tentou dissuadi-la mais uma vez.

— Não é que não apreciemos sua oferta de ajuda, Annie, mas não acho seguro que venha conosco.

Ela saiu da *pick-up,* olhando-o com ar desafiador.

— Já falei que vou ajudar, Matt, e está acabado. — Certificando-se de que estava bem fora do alcance dele, acrescentou: — Ou pensou que uma esposa servisse só para cozinhar?

Matt estreitou os olhos, mas não respondeu nada. Certamente devido à presença de Billy.

"Ponto para mim", pensou Annie, contendo a vontade de rir.

— Vamos, Annie, aperte mais esse arame!

Era a milésima vez que Billy dizia aquilo nas últimas três horas.

Annie afundou *os calcanhares no chão coberto

de neve e puxou mais o arame usando toda sua força.

— Estou puxando! — protestou.

Com um resmungo insatisfeito, ele se aproximou e prendeu o arame com mais firmeza na estaca da cerca.

— Ok, vamos para a próxima — falou ele, passando para a estaca seguinte.

Annie franziu o cenho. Como diabos Matt e Billy conseguiam fazer aquilo dia após dia? E, segundo Billy, o inverno era a estação mais "fácil", pois os dias eram mais curtos e havia menos animais na fazenda. No verão, os dias de trabalho duravam geralmente quatorze horas, e eram bem mais puxados.

Pela descrição que o rapaz fizera de algumas das tarefas, Annie não conseguiu imaginar como Matt ainda tivera paciência para ouvir suas confissões e seu choro.

Sem dúvida, ele era um homem especial por trás daquela aparente indiferença que às vezes demonstrava com relação a certos assuntos.

— Vamos, Annie, aper…

— Não repita isso, Duas Águias — Annie o avisou, posicionando o corpo mais uma vez e puxando o arame. — Senão eu… eu…

O frio e o cansaço estavam tão intensos que ela não conseguiu pensar em algo suficientemente ameaçador para dizer.

Como Matt previra, a temperatura havia caído bastante e o vento se tornara mais gelado que nunca. Billy olhou-a e franziu o cenho. — Vamos voltar ao trabalho.

Annie assentiu. Pelo menos, seu comentário radical encerrara a repetição exaustiva de Billy. Por

outro lado, ela não teve mais como se distrair do frio e do cansaço.

Suas mãos doíam como nunca e suas pernas estavam trêmulas, devido à força constante para puxar cada arame o bastante para satisfazer o "Tirano Duas Águias". Como se não bastasse, seu nariz parecia definitivamente congelado.

— O que Matt está fazendo? — perguntou a Billy, algum tempo depois.

Para seu maior desespero, o rapaz agia como estivessem em meio a uma agradável tarde de verão! Se sobrevivesse àquilo, jurou a si mesma que o amarraria com o restante do arame e o mandaria para a Antártica. Em seguida, ela própria iria para alguma praia ensolarada do México.

— Ele está levando os animais para um local mais seguro, para que não fujam nem passem frio. A essa altura, já deve ter capturado os búfalos fugitivos.

— Matt deveria ter aceitado que fôssemos ajudá-lo.

— Ele é assim mesmo, Annie. Gosta de fazer sozinho o trabalho mais difícil.

— Não passa é de um "cabeça-dura", isso sim! Billy riu, sabendo bem quanto ela tinha razão.

— Vamos lá, Annie, estamos quase terminando. Está se saindo muito bem. Matt se casou com uma mulher muito "durona".

— Isso é um elogio? — zombou ela.

— Sim, senhora.

Annie sorriu e voltou a se concentrar no trabalho.

Matt colocou o cavalo no estábulo e deixou o trailer estacionado no lugar de sempre, atrás da casa. Em seguida, entrou novamente na pick-up e saiu em direção à parte leste da fazenda.

No caminho, não conseguiu parar de pensar em Annie, e em quanto ela estava mudando sua vida. Desde o início, sentira-se atraído pela beleza daquele corpo e daqueles lindos olhos cor de mel. Contudo, não imaginara que, além de bonita, Annie fosse também uma mulher tão decidida. Ao mesmo tempo, porém, tinha um lado vulnerável e amoroso que a tornava ainda mais encantadora.

Antes de se propor a reunir os animais, pensara em deixar essa tarefa para Billy, mas, no último instante, não confiara na ideia de ficar sozinho com Annie, consertando cercas.

Ao chegar ao local onde os deixara, buzinou e ficou olhando pela janela da pick-up. Não demorou muito para os dois cruzarem o pasto com passos rápidos.

— Oh, ar aquecido! — comemorou Annie, ao entrar no carro.

— Premiaram o inventor do aquecedor com o Nobel?

— Estão bem? — perguntou Matt, segurando as mãos frias de Annie entre as dele, para aquecê-las.

—Estamos ótimos — respondeu Billy, com toda disposição, abrindo o zíper do casaco. — Sua esposa trabalhou como uma heroína, patrão, ainda que tenha feito a parte mais lerda do trabalho.

— Lerda?! — Annie se indignou.

— "Fácil" é o que ele está querendo dizer — explicou Matt.

— Precisa tomar cuidado com o que diz às mulheres, Billy. Nem sempre elas entendem os elogios.

Annie riu.

— Ele me chamou de "durona" ainda há pouco, pensando que eu me sentiria lisonjeada.

— E não se sentiu? — perguntou o rapaz, preocupado. — Eu quis…

— Ela sabe o que você quis dizer — Matt o interrompeu, colocando as mãos em concha sobre as faces de Annie, para aquecê-la.

Bastava ficar junto dela para que toda sua noção de bom senso simplesmente desaparecesse.

— Ah, meu Deus — falou Billy, quebrando a magia entre os dois. — Quanto tempo ainda ficarão nessa lua-de-mel? Isso é embaraçoso!

— Embaraçoso? — repetiu Matt, enquanto manobrava o carro para voltar pela estrada.

Annie enrubesceu, reconhecendo que não conseguia disfarçar o desejo que sentia por Matt.

— A maneira como ficam trocando olhares quando pensam que ninguém está olhando. Espero que volte a caçar ou a fazer algo parecido na semana que vem, patrão. Assim terei uma folga desse tipo de visão. Isso é difícil para um rapaz com plena atividade hormonal!

Annie e Matt não conseguiram conter o riso.

— Costuma caçar? — perguntou ela.

— Sim, com meus irmãos. Josh tem uma cabana nas montanhas Big Belt. Costumamos caçar por lá no Dia de Ação de Graças.

— Tem dois irmãos, não é?

— Estão vendo? — Billy os interrompeu. — Nem tiveram tempo de se conhecer direito de tão preocupados que estavam em cair nos braços um do outro!

— Sim, tenho dois irmãos — confirmou Matt, ignorando o comentário do rapaz. —Josh tem vinte e sete anos e é advogado. Dan tem vinte e seis e trabalha em um banco, em Great Falis.

— Quanto tempo ficará fora com eles?

— Geralmente passamos juntos todo o feriado prolongado. Quatro dias em média.

— Cuidado, patrão — disse Billy, no banco de trás. — Nunca vi sua esposa furiosa, por isso não tenho certeza de nada, mas, se estivesse no seu lugar, não comeria nada nas próximas horas sem que antes ela mesma provasse.

Annie riu alto.

— Não se preocupe, Billy. Não tenho a mínima vocação para o crime de envenenamento de marido. Na verdade, estou até aliviada por Matt ir caçar — confessou. — Pensei que a casa ficaria cheia de parentes e que eu teria de preparar uma porção de refeições. — Sorrindo para Billy, acrescentou: — Poderemos comer apenas uma pizza no Dia de Ação de Graças.

— Annie?

— Sim? — disse ela, prestes a entrar no quarto.

Havia começado a nevar durante o jantar, mas o calor que Annie estava sentindo dentro de si não permitiu que ela desse importância ao frio.

Devia estar mesmo ficando maluca em achar que ela e Matt poderiam… Não, nem pensar. Tinha um curso universitário para terminar e uma carreira para seguir.

Ela e Matt não tinham nada para oferecer um ao outro. Pelo menos, nada que pudesse durar.

— Desculpe-me por não haver falado sobre a caçada antes — falou ele.

— Não tem importância — respondeu Annie, mantendo a expressão inalterada. — Sei que o que você faz não é da minha conta.

Matt pareceu magoado em ouvir aquilo.

— Estou tão acostumado a ir caçar com Dan e Josh todos os anos que nem me lembrei de mencionar.

— Entendo. Celebrações desse tipo costumam ser muito enfadonhas, principalmente para as mulheres da casa, que têm de preparar uma porção de pratos diferentes. Aposto que sua mãe gostaria que vocês preferissem fazer algo diferente.

Matt a olhou em silêncio por um momento, antes de dizer:

— Pensando melhor… Meu pai começou a fazer essas pequenas viagens com mais frequência no ano em que minha mãe morreu. Nunca liguei uma ideia à outra…

— Nunca?

— Não tenho a mesma perspicácia que você para deduzir as atitudes das pessoas, Annie. Não entendo nada sobre sentimentos nem sobre as reações humanas que você estuda. Sou apenas um homem comum, nada mais.

Annie sorriu, encantada com a sinceridade de Matt.

— Está se subestimando — disse a ele. — Se não tivesse nenhuma noção sobre sentimentos não estaria preocupado em agir certo com Shelby, nem teria dado aquele afetuoso abraço de boa sorte em Pedersen no dia em que ele partiu, tampouco se preocuparia em se unir a seus irmãos todos os anos, para
caçar no Dia de Ação de Graças.

— Annie…

— Não me venha mais com essa história de que não entende nada sobre sentimentos, Matt Walker — protestou ela, apontando o dedo em riste para ele. — É um homem compreensivo è amoroso. E não tente negar! — Dizendo isso, parou à porta do

quarto. — Seu segredo está se tornando cada vez menos secreto.

Quando ela fechou a porta, Matt resmungou algo incompreensível e também entrou em seu quarto.

Atravessando o aposento, pegou a foto de Shelby sobre a mesinha-de-cabeceira. Annie tinha razão. Tudo que a mãe dela fizera pelo marido, ele também fizera por Lacey. Implorara, ameaçara e nada dera certo. A única coisa que a deixava feliz era ir a festas todas as noites, para dançar e beber.

Brigavam e ela desistia de beber. Até começar tudo novamente…

A princípio, pensara que Lacey gostava da música e do contato social. O que dissera a Annie era verdade, raramente conseguia enxergar o que havia por trás das atitudes das pessoas. Por outro lado, admitir a verdadeira intenção de Lacey seria o mesmo que reconhecer que seu casamento não passava de um relacionamento vazio e sem futuro. Levara a sério os votos que fizera durante a cerimônia e tentara cumpri-los, ainda que Lacey pouco se importasse com aquilo.

"Fez os mesmos votos a Annie", lembrou a si mesmo, colocando a foto de Shelby no lugar.

— Mas não jurei de verdade — murmurou.

"Mas gostaria que houvesse sido de verdade", disse-lhe a traidora voz da consciência.

— Não! — bradou, exasperado.

Não queria voltar a "amar, honrar e respeitar" nenhuma outra mulher! Somente um tolo cometeria o mesmo erro duas vezes.

Tirou os sapatos e deitou na cama, cruzando os braços sob a cabeça. Seu relacionamento com Annie estava muito bom e não precisava mudar. Compartilhavam amizade, respeito mútuo e

cooperação. Não queria mais do que isso de uma esposa.

No entanto, a mente rebelde fez surgir em sua lembrança a imagem de Annie vestida com aquela camisola de cetim na noite de núpcias. Ok, não podia negar que fazer amor com ela seria o verdadeiro paraíso, mas somente se o envolvimento se mantivesse a um nível meramente físico.

Em resumo, isso estava fora de cogitação.

Na segunda-feira à noite, Annie estava lendo um livro de psicologia quando o telefone tocou.

Billy estava diante da tevê, concentrado em um filme de aventura.

— Pode deixar que eu atendo — disse Matt marcando a página em que parara de ler seu livro de ficção científica.

Ao notar o olhar de censura de Annie em sua direção, Billy se justificou:

— O telefone é dele, não é?

Ela balançou a cabeça, com ar de desaprovação.

— E se for alguma garota querendo falar com você? Como aquela que você conheceu na festa de sábado, por exemplo?

— Oh, ela mora a oitenta quilômetros daqui. Que garota me ligaria de tão longe?

— Bem, talvez se você telefonasse primeiro…

— Eu não saberia o que dizer — resmungou ele, voltando a prestar atenção na tevê.

— Que tal "olá, como vai você?"

Nesse momento, Matt desligou o telefone e começou a andar de um lado para outro, parecendo estar furioso.

— O que aconteceu? — perguntou Annie,

ficando de pé. — Foi algo com Shelby?

— Não. Oh, droga…

Billy e Annie se entreolharam. Ela se aproximou de Matt e ficou no caminho, fazendo-o parar.

— O que foi, então?

Matt a olhou, parecendo aflito.

— É meu irmão, Dan. Estava tentando impressionar alguns clientes do banco e levou-os para esquiar. Só que acabou se acidentando e quebrou o braço.

Annie tentou tranquilizá-lo, mas ele a interrompeu.

— Você não entendeu! Ele e Josh resolveram cancelar a caçada e passar o feriado aqui conosco!

— Tudo bem. Encomendaremos mais pizzas e pronto! — respondeu Annie, tentando mostrar que não havia nada de grave naquilo. — Qual o problema, Matt? Não quer que eles me conheçam?

— O quê? — Matt a olhou com espanto.

— Está envergonhado pela escolha de sua nova esposa?

Claro que ele estava, pensou Annie, preferindo se manter calada, antes que dissesse outra tolice. Era evidente que Matt não queria que os irmãos vissem o que ele fizera para obter a custódia da filha.

— Não é nada disso! — protestou ele. — Com licença, Billy, mas eu è minha esposa precisamos ter uma conversa em particular.

Dizendo isso, tomou-a nos braços e carregou-a até o andar de cima. Só parou quando entraram no quarto dela. Depois de colocá-la de pé, segurou-a pelos ombros e fitou-a nos olhos.

—- O que diabos deu em você, Matt? Se quiser um jantar típico, com peru assado e tudo mais, faça-

o você mesmo! — explodiu Annie.

— Não é com o jantar que estou preocupado. Annie, meus irmãos passarão quatro dias conosco e só há três quartos na casa.

Ela engoliu em seco.

— Mas um deles poderá ficar no quarto que pertencia a Pedersen, não? — sugeriu.

— Não. Como Billy, ele têm de pensar que nosso casamento é real. Na verdade, é mais importante que meus irmãos se convençam disso do que quaisquer outras pessoas. Josh é advogado, lembra? Ele sempre foi solidário a Lacey. Se souber a verdade, com certeza contará a ela e perderei Shelby num piscar de olhos.

— Então, o que faremos?

Matt respirou fundo.

— Pode deixar seus livros aqui, mas teremos de levar todos seus pertences para meu quarto. Ou melhor, *nosso* quarto. Teremos de dormir juntos enquanto eles estiverem aqui.

Annie conteve o fôlego. Seu coração incorrigível já foi logo se enchendo de esperança. Porém, sabia que dormir junto com Matt não faria com que ele mudasse de ideia quanto a ter um relacionamento duradouro.

Ei, não era possível que isso sequer estivesse passando pela sua cabeça! O que acontecera ao acordo de manter distância durante o casamento que só duraria seis meses?

Um mês antes, jurara a si mesma que aquilo era tudo o que queria de um homem. Só que na época não conhecia Matt.

A lembrança dos beijos que haviam trocado e daquelas mãos lhe despertando sensações deliciosas era prova mais do que suficiente de que ela mudara

de ideia.

— Será mesmo preciso? — indagou, sem querer demonstrar quanto estava ansiosa para dividir o quarto com ele.

— Não sei por que fui sugerir esse acordo — falou Matt, apoiando-se na mesa que havia a um canto do aposento. — Eu não deveria ter me casado com você, Annie. As coisas começaram a dar errado desde o minuto em que aquele juiz de paz nos declarou marido e mulher.

Annie sentiu um peso no peito, como se seu coração houvesse se partido de alguma maneira. Ainda assim, sabia que Matt não tinha culpa por aquilo. Afinal, fora ela quem se deixara levar pelo lado sonhador, acreditando que os dois poderiam ficar juntos de verdade.

— Saia daqui, Matt — pediu, sem querer que ele a visse chorando. — Pelo bem de Shelby, continuarei com essa farsa, mas não passarei nem um minuto a mais na sua companhia do que o necessário. Para dizer a verdade, já estou com dúvida se devo mesmo ajudá-lo com essa custódia. Talvez Lacey não seja um bom exemplo de mãe, mas o que Shelby fará enquanto você estiver o dia inteiro nos pastos, cuidando de gado, sem ao menos se preocupar em entender os sentimentos dela?

Matt enrijeceu o maxilar, demonstrando que as palavras o haviam afetado mais do que ele estava querendo mostrar.

— Duvido que você saiba o que significa a palavra "sentimento" — continuou Annie, com a voz trêmula. — Agora saia do meu quarto, por favor. E quanto ao jantar de Ação de Graças, faça-o você mesmo! — explodiu, quando ele já ia à porta.

Matt saiu em silêncio, arrependido por suas palavras impulsivas. Annie foi fechar a porta e ficou olhando ele se afastar pelo corredor.

Ao se virar para trás uma última vez e notar que ela o observava, ele disse:

— Eles chegarão na quarta-feira à noite. Dormirá comigo, no quarto e agirá como uma esposa feliz até que eles partam, no domingo. Não precisa se preocupar porque não tentarei me aproximar de você. Fizemos um acordo, e pretendo cumpri-lo.

Entrou no quarto e fechou a porta.

Annie se trancou no quarto e foi até a janela. Ficou olhando para fora, pensativa. Se começasse a atender todos os desejos de Matt, acabaria se sacrificando para agradá-lo, como sua mãe fizera com todos os homens com os quais se casara.

Suspirou alto. Matt tinha razão, aquele casamento fora mesmo um erro. Sua vida era bem mais simples quando ela tinha apenas de enfrentar problemas ligados a tempo e a dinheiro.

Fechou os olhos, encostando a testa no vidro da janela. Precisava se acalmar. Durante os dois dias seguintes, prepararia uma armadura emocional tão consistente que Matt não a afetaria de nenhuma maneira.

Capítulo 6

Matt deitou na cama e cobriu os olhos com o braço. Agira como um idiota, por receio de admitir que queria ter Annie a seu lado.

Sem conseguir ficar deitado por muito tempo, acabou se levantando e indo até a janela. Do lado de fora, os flocos de neve caíam ininterruptamente.

Annie o ajudara mais do que qualquer outra pessoa e qual o agradecimento que ele lhe dera? Dizer que estava arrependido de haver se casado com ela! Além de magoá-la, dissera uma mentira.

Não era de admirar que Annie houvesse ficado desapontada. Respirou fundo, sentindo como se o frio lá de fora estivesse enregelando sua própria alma.

Annie era uma mulher maravilhosa, e merecia muito mais do que ele podia lhe dar. Carinho, pequenos gestos de afeição, respeito e principalmente amor.

Tinha noção de que era até capaz de experimentar tais sentimentos, só não sabia demonstrá-los.

Gemeu frustrado. Por que não era capaz de demonstrar seus sentimentos? Seria tão difícil assim mostrar à sua esposa que estava feliz por haver se casado com ela?

"Faça isso por Shelby", disse-lhe a voz da consciência. "Por você mesmo. E principalmente por Annie."

Na manhã seguinte, Matt estava andando na cozinha de um lado para outro. Parecia tão ansioso quanto um adolescente antes do primeiro encontro.

Já havia preparado o café e esquentado os pãezinhos quando ouviu os passos de Annie

descendo a escada. Respirando fundo, quebrou o primeiro ovo na frigideira, imaginando sua tensão se partindo como aquela casca rígida.

— Matt! — Annie arregalou os olhos, surpresa. — O que… Quero dizer, bom dia.

— Bom dia, Annie. — Colocou uma xícara de café sobre a mesa. — Sente-se — disse, voltando a mexer os ovos na frigideira.

— A que devo toda essa honra? — perguntou ela, sentando-se à mesa.

Matt se manteve de costas.

— Não sei como pedir desculpa por ontem à noite, por isso estou tentando mostrar que estou arrependido pelo que disse.

— Oh, está desculpado.

Matt se virou a tempo de vê-la passar a mão pelos cabelos. Como gostaria de poder fazer aquilo! Queria entrelaçar seus dedos entre aqueles cabelos macios e acariciá-los durante um longo beijo…

— Você está certa, Annie. Não sou capaz de entender os sentimentos de uma garotinha.

Matt colocou os ovos em um prato e serviu-os a Annie junto com alguns biscoitos.

— Bom apetite — disse, com um sorriso.

Ela também sorriu.

— Billy contou que você faz os melhores biscoitos que ele já comeu na vida.

Matt fez uma careta, sentando-se à mesa.

— Depois de tudo que já o ouviu dizer, ainda acredita naquele exagerado? — brincou.

Comeram em silêncio durante alguns segundos, antes de Matt voltar a falar:

— Ok, ouça. Não entendo os sentimentos de

ninguém, Annie, incluindo os meus. Perdi minha mãe quando ainda era muito jovem, e acho que isso me prejudicou de certa forma. Meu pai era muito calado e quase não conversava com os filhos. Lacey, por outro lado, demonstrava sentimentos tão intensos que eu simplesmente não sabia o que fazer com eles.

Annie sentiu um aperto no coração.

— Eu… Eu não pensei… — Forçando-se a falar, completou: — … que você ainda amasse Lacey.

— O quê?! — Matt quase se engasgou. — Annie, a única coisa que sinto por Lacey é rancor, embora, graças a você, eu esteja começando a sentir compaixão por ela. Eu estava tentando falar dos meus sentimentos por *você,* só que não sei quais são! Olhou-a, exasperado.

— E você quer saber?

— Reconheço um deles — confessou Matt. — Apreciação. Por tudo que tem feito para me ajudar. Por isso, achei muito boa sua sugestão de ontem à noite.

— Que sugestão?

— De que eu preparasse o jantar de Ação de Graças. Mas vou precisar de ajuda com o menu e a lista de compras. Poderia me ajudar com isso esta manhã? À tarde, irei comprar o que for preciso.

— Já assou um peru antes? — perguntou Annie, surpresa com a atitude de Matt.

— Não. Mas não deve ser tão difícil assim.

— Eu também nunca assei um. Confesso que a ideia até me assusta. Não quero envenenar seus irmãos por acidente.

Os lábios de Matt se curvaram num sorriso.

— Pode não continuar pensando assim quando eles forem embora.

— Tive uma ideia. Por que não preparamos a refeição juntos? — sugeriu Annie. — Posso preparar uma torta salgada ou algo do gênero.

— Eu cuidarei da sobremesa — disse Matt. — Deixaremos as verduras e legumes por conta de Dan e de Josh, se eles quiserem ajudar. Quanto a Billy…

Matt sorriu com ar maroto, fazendo Annie rir também.

— Bem, ele será nosso entretenimento — falou ela.

Os dois riram muito durante o dia, principalmente quando foram juntos ao mercado. Matt não respondera à pergunta sobre seus sentimentos por ela, mas Annie achou melhor deixar o assunto de lado no momento.

Matt riu quando escolheram o peru e colocaram no carrinho, já cheio de itens suficientes para alimentar uma pequena tropa.

Annie estava adorando conviver com aquele "novo Matt" bem-humorado e espirituoso. Por mais que tentasse, estava sendo difícil resistir a todo aquele charme.

No caminho para casa, pararam no correio. Na caixa postal de Matt havia uma carta de um dos professores de Annie.

"Seu requerimento para o término do curso foi aprovado. Pelas suas notas, ficou evidente que é uma aluna excelente. Só que terá de terminar o curso aqui na faculdade, pois não podemos ministrar as provas por correspondência."

Um mês antes, aquelas palavras deixariam Annie nas nuvens. No momento, porém, o olhar expectante de Matt deixou-a com um aperto no coração.

Mais uma vez, seu futuro estava em jogo.

Ao chegarem em casa, arrumaram as compras e discutiram o melhor método de descongelamento do peru, antes de levarem todas as roupas de Annie para o quarto de Matt.

Em seguida, ela trocou as toalhas e os lençóis de cama do quarto que ocupara até então. Os irmãos de Matt chegariam no dia seguinte, e tudo deveria estar absolutamente em ordem.

Quando voltaram para a cozinha, ocuparam-se em descongelar o peru, antes de temperá-lo para o dia seguinte. Enquanto aguardavam o descongelamento, Annie achou melhor ir picando os temperos.

Tudo estava correndo às mil maravilhas, até o momento de picar as cebolas. Seus olhos começaram a arder incrivelmente e ela não conseguiu conter as lágrimas.

— Sei que está emocionada por estar preparando a refeição do Dia de Ação de Graças, mas não precisa chorar desse jeito — zombou Matt, tomando o cuidado de se manter a certa distância.

Annie se virou para ele, com os olhos vermelhos e apontou-lhe a faca ao dizer:

— Não brinque comigo, Matt Walker! Não vê quanto estou sofrendo? — acrescentou, com um ar melodramático.

Nesse momento, a porta se abriu de repente.

— Ei, não o mate! Direi onde ele guarda o dinheiro!

Matt e Annie olharam para a porta ao mesmo tempo.

— Meu dinheiro está onde sempre esteve — respondeu Matt ao recém-chegado. — No banco onde você trabalha.

Com um sorriso, ele abraçou o irmão com

cuidado, já que estava com um dos braços engessados.

— Dan, você é mesmo impossível — censurou-o, olhando para o gesso.

Josh chegou logo em seguida, depois de guardar o carro na garagem.

— Chegamos como ladrões sorrateiros, esperando o momento certo de atacar as vítimas — anunciou, com um sorriso sarcástico.

Matt também o abraçou.

— Vejo que continua tão doce como sempre, Josh — ironizou.

Annie deixou a faca sobre a pia e lavou as mãos, antes de se aproximar deles.

— Então, esses são seus irmãos. — Estendeu a mão para Dan depois para Josh. — Sou Annie — disse com um sorriso. — Ficamos contentes em recebê-los.

— Obrigado — respondeu Dan. — Chegamos mais cedo do que o esperado porque conseguimos tirar o dia de folga.

Enquanto conversavam, Annie observou-os com atenção. Dan e Josh pareciam versões mais jovens de Matt. Dan tinha cabelos escuros e olhos tão azuis quanto os do irmão mais velho. Era o mais sociável dos três e não perdia a chance de fazer uma piada sempre que possível. Josh conseguia ser ainda mais reservado do que Matt. Tinha cabelos quase loiros e olhos muito azuis. Era mais observador e quase não revelava o que realmente estava pensando.

Quando os três fizeram menção de ir para a sala, ela os deteve.

— Não podem ir para lá!

Surpresos, eles se viraram para ela.

— Por que não, querida?

Annie mal acreditou que Matt a houvesse chamado de "querida".

— Billy disse que ia reunir coragem para telefonar para uma garota que conheceu há alguns dias. Ele precisa de privacidade. Esperem mais alguns minutos, sim?

Os três se entreolharam e deram de ombros. Continuaram conversando até Billy aparecer, dez minutos depois.

Dan começou a zombar do rapaz, mas parou quando Annie: pigarreou e balançou a cabeça negativamente.

À noite, comeram pizza e riram muito, enquanto os irmãos recordavam histórias engraçadas ocorridas com eles no passado. Não conseguiram deixar de brincar a respeito da nova namorada de Billy, quando o rapaz anunciou que marcara um encontro com ela no sábado.

— Onde se pode levar uma garota para passear por aqui? — perguntou Josh.

— Pensei em levá-la ao cinema — disse Billy. — A fazenda dos pais dela fica no caminho, por isso será mais fácil apanhá-la. Onde levaria uma garota, patrão?

Num impulso, Matt ficou de pé e tomou a mão de Annie.

— Para o quarto — respondeu, fazendo-a ficar de pé. — Boa noite, rapazes. Ficarão nos quartos de sempre.

Sem dizer mais nada, levou Annie para o andar de cima. Assim que saíram de vista, Matt olhou para ela, receoso de que Annie estivesse furiosa com ele.

— Desculpe-me, querida — disse, notando que ela estava um pouco enrubescida. — Eu não queria

embaraçá-la, mas se não dissesse aquilo, e desse um jeito de sairmos, eles nos manteriam na sala a noite inteira.

Acendendo a luz do quarto, fez um sinal para que ela entrasse. Annie conteve o fôlego. Aquele quarto seria dos dois durante os próximos dias, e também aquela enorme cama.

— Ficou aborrecida? — indagou Matt, fechando a porta.

Annie balançou á cabeça negativamente, mostrando um brilho diferente nos olhos.

— Estive esperando por esse momento durante todo o dia, Matt — confessou.

O olhar de Matt se deteve em seus lábios, antes que ele fosse se aproximando devagar.

— Annie, eu te quero muito — sussurrou. — Desde a primeira vez em que nos encontramos.

— Eu também te quero — murmurou ela.

Tocou o rosto dele com dedos trêmulos.

— Disse que não sabe o que sente por mim. Quer saber?

— Sim — respondeu Matt, em um tom de voz quase imperceptível.

— Pois acho que essa é uma boa oportunidade para descobrir — insinuou ela, com um sorriso provocante.

— Tem certeza?

— Sim.

Após um silêncio significativo, Annie falou:

— Bem, posso começar a falar sobre sentimentos… O que estou sentindo nesse momento, por exemplo, está longe de ser sonolência.

— Nada de sonolência — anuiu ele, puxando-a para si.

Respirando fundo, mais uma vez disse a si mesmo que precisava respeitar a decisão de Annie. No entanto, seu maior desejo no momento era deitá-la naquela cama, tirar-lhe a roupa e possuí-la com uma paixão avassaladora.

De súbito, porém, o delírio de seus pensamentos surtiu o efeito de um balde de água fria em sua cabeça. Não podia se descontrolar. Senão acabaria assustando Annie.

Afastando-se um pouco, perguntou:

— Quer… trocar de roupa ou fazer alguma outra coisa?

Ela se tornou tensa.

— Matt, estou confusa. Em um minuto, praticamente me carregou aqui para cima, no outro, afasta-se como se estivesse com medo de mim. O que está acontecendo?

Ele passou a mão pelos cabelos.

— Meu desejo por você é tão intenso que tenho receio de assustá-la. Prefiro me refrear para que tudo aconteça mais devagar.

Annie o olhou por um momento. Então apagou a luz, deixando apenas o abajur acesso e aproximou-se novamente de Matt.

— Quem disse que eu quero que tudo aconteça devagar? murmurou, com voz rouca.

Sem hesitar mais, Matt tomou-a nos braços e levou-a para a cama. Com mãos trêmulas, como as de um adolescente apaixonado, foi tirando a roupa de Annie, até seu lindo corpo se tornar visível sob a tênue luz do abajur.

— Você é linda, Annie — sussurrou ele. — Ainda mais do que imaginei.

Com um brilho de desejo no olhar, Annie foi abrindo os botões da camisa de Matt. Por fim, ele próprio se livrou das roupas e deitou-se ao lado dela.

Annie tinha a pele macia como um pêssego tenro, pronto para receber o contato de seus lábios e de suas mãos…

— Quero que seja bom para você, Annie — sussurrou ele. Tanto que não possa se arrepender depois.

— Não vou me arrepender, Matt.

Trocaram um olhar significativo, antes de seus lábios se encontrarem em um beijo intenso e ousado. Matt deslizou a mão pelo corpo de Annie, acariciando cada curva, cada saliência… Ela arqueou o corpo com um breve gemido quando Matt acariciou um de seus mamilos com a boca.

Em seguida, voltou a beijá-la, enquanto sua mão alcançava o local mais sensível do corpo Annie. Gemeu baixinho ao notar que ela estava pronta para recebê-lo completamente.

Sem conseguir esperar por mais tempo, deitou sobre ela e penetrou-a devagar.

— Olhe para mim, Annie.

Ela o fitou nos olhos, mantendo os lábios entreabertos de um modo sensual. Com um sorriso satisfeito, Matt abraçou-a e ambos se deixaram levar pelo ritmo da paixão até serem arrebatados pelo ápice da satisfação.

Muito tempo depois, continuavam nos braços um do outro, desfrutando o delicioso momento de intimidade.

Matt traçou o contorno dos lábios dela com a ponta do indicador.

— Temos algo especial, Annie. Uma espécie de química rara entre um homem e uma mulher.

Imagine só o que seremos capazes de fazer com um pouco de prática — insinuou, com um sorriso.

Depois de trocarem alguns beijos e palavras carinhosas, Annie acabou adormecendo primeiro. Com cuidado para não acordá-la, Matt ficou deitado de costas, olhando para o teto, com ar pensativo.

Annie tinha razão. Fazer amor o fez perceber o que sentia por ela. E o pior era ter noção de que isso lhe traria problemas. Mais uma vez.

Poderia tentar fazer sua esposa feliz e cuidar de Shelby também, mas conhecia seus limites. Apenas sexo não seria suficiente para uma mulher como Annie, e ele nunca fora bom em demonstrar sentimentos. Não conseguira demonstrar isso por Lacey e não seria diferente com Annie.

Logo ela terminaria o tal curso na faculdade e começaria a trabalhar ajudando outras pessoas. Acabaria considerando a vida na fazenda cansativa, principalmente ao se dar conta de que ele não poderia oferecer tudo que ela esperava receber.

Àquela altura, Shelby já estaria muito apegada a Annie e iria sofrer com outra separação. As crianças eram muito sensíveis a esse tipo de situação.

Não, não deixaria sua filha passar por isso de novo. Melhor seria manter o acordo inicial. Assim que conseguisse a custódia de Shelby, deixaria Annie ir embora.

Até lá, porém… Olhou para ela, lindamente adormecida a seu lado. Não podia negar que a desejava mais do que já desejara qualquer outra mulher. Sentia algo por Annie que nunca experimentara antes. Apesar de seu conflito interior, não queria se separar dela. Pelo menos por enquanto.

A perspectiva de poder amá-la todas as noites, nos próximos dias encheu-o de felicidade. Sim, teria

Annie só para si. Iria lhe oferecer tantos momentos de prazer que ela nunca o esqueceria.

Virando-se de lado, puxou-a para si, colando seu corpo ao dela. A menos que Annie mudasse de ideia pela manhã, continuariam dividindo a mesma cama até o dia em que ela tivesse de sair de sua vida.

Nesse meio tempo, cuidaria para que nada afetasse a felicidade de ambos, prometeu a si mesmo com um sorriso.

Fizeram amor novamente logo pela manhã. Dessa vez, porém, trocaram carícias mais lentas, detendo-se na satisfação de proporcionar prazer um ao outro.

Muito tempo depois, Matt se levantou primeiro e tomou um banho, antes de descer para colocar o peru no forno.

Annie entrou no banho em seguida, sem conseguir tirar o sorriso do rosto. Matt finalmente era seu e nada poderia superar sua felicidade.

Suspirou alto, ainda sentindo pelo corpo os efeitos de sua noite de amor. Ao sair do banho, vestiu jeans e um suéter cor-de-rosa e prendeu os cabelos em um rabo-de-cavalo, antes de descer para o andar de baixo.

Capítulo 7

— Seus irmãos bem que poderiam ser casados, não? — Annie sussurrou para Matt uma hora depois, enquanto estavam na cozinha.

Billy e os irmãos de Matt estavam na sala, diante da tevê, rindo e falando alto.

— Assim, eles poderiam estar visitando os parentes das esposas enquanto nós… — Olhou-o de modo sugestivo.

Matt sorriu.

— Sabe muito bem que ainda estaríamos dormindo em quartos separados se não fosse por eles, portanto, não reclame.

À noite, depois do jantar, Annie sentou-se no sofá, exausta. Matt também se sentou e passou o braço pelos ombros dela, mantendo-a junto de si. Billy e os outros estavam limpando a cozinha, em meio a risos e piadas.

— Quem está tossindo? — indagou Annie, percebendo que ouvira aquela tosse durante todo o dia.

— É Josh — respondeu Matt. — Deve estar com gripe ou alergia. Já quer se recolher, sra. Walker?

Annie o olhou de soslaio.

—- Ainda são sete horas, Matt! — exclamou, sorrindo. — Acho que seus irmãos ficariam escandalizados se fôssemos para a cama agora.

— Que nada! — replicou ele. — Iriam me congratular por finalmente estar mostrando sinais de inteligência.

Annie riu.

— Pode ser, mas não subirei nem um minuto antes das nove.

— Está bem. Espero que eu consiga resistir a toda essa expectativa — brincou Matt.

As nove em ponto, os dois subiram para o quarto, em meio a um coro de insinuações que mais pareceu uma demonstração, de inveja para ambos.

Na sexta-feira, enquanto Annie estudava um livro que seria abordado no curso, os homens saíram para inspecionar os búfalos. Na volta, almoçaram o que havia sobrado do dia anterior; e, no final da tarde, jogaram uma partida de futebol. Josh voltou reclamando por estar fora de forma.

— Puxa, estou com dores por todo o corpo. Tem certeza de que não me acertou enquanto eu não estava olhando? — perguntou a Matt, antes de ir para a cozinha e tomar dois copos cheios de água.

— Não, Josh — respondeu-lhe o irmão. — O problema é que você está mesmo fora de forma.

Josh comeu algo leve e foi dormir mais cedo. Billy convenceu Annie a jogar cartas com ele e os outros, depois do jantar. Ficaram acordados até tarde, jogando e rindo muito com as histórias de Dan sobre sua vida e a convivência com Josh.

Dan era um homem tão bom quanto Matt, pensou Annie. O outro irmão, porém, não parecia ser muito amistoso. Aparentava estar sempre tenso e infeliz por algum motivo. Annie se perguntou se aquela aparência animada de Dan também não seria apenas uma fachada para esconder cicatrizes. Teria a morte da mãe influenciado a vida adulta de todos eles?

Após lançar um olhar significativo para Matt, Annie se despediu e.subiu para o quarto.

Enquanto arrumava a cama, parou um instante para se olhar ao espelho. Sua aparência não estava

diferente, mas algo havia mudado em seu ser.

Não conseguia acreditar que fazer amor com Matt fosse um erro. Não quando estar nos braços dele parecia algo tão natural. Entretanto, sabia que estava brincando com fogo.

Não podia ser ingênua a ponto de esperar que Matt fosse querer assumir algum compromisso com ela. O único interesse que o movia era o desejo de ter a filha a seu lado, nada mais.

A atitude mais sensata a tomar seria voltar para seu próprio quarto assim que os irmãos dele fossem embora. No entanto ao olhar para o aposento, suspirou, dizendo a si mesma que talvez fosse tarde demais para voltar atrás. Já estava envolvida com Matt, e mais do que imaginara que seria possível.

Enquanto entrava banheiro, prometeu a si mesma que ficaria preparada para qualquer coisa no futuro. Quaisquer que fossem os eventos dali em diante, ela ficaria bem. Cuidaria para que seu coração permanecesse intacto, sem mágoas ou arrependimentos. Afinal, passara a vida inteira aprendendo a lidar com sonhos desfeitos.

Nessa mesma noite, Annie se esforçou para deixar de criar fantasias perigosas. Porém, o corpo másculo e quente ao lado do seu não a ajudou muito a pôr seu intento em prática.

A chance para Annie descobrir algo mais sobre a personalidade de Josh surgiu na tarde do dia seguinte. Dan e Matt haviam ido à cidade fazer compras e alugar algumas fitas de vídeo. Billy se encontrava no quarto, preparando-se para seu grande encontro.

Ao entrar na cozinha, disposta a preparar um chá, Annie encontrou Josh sentado à mesa, tomando café. Estava vestido com um suéter pesado e parecia um pouco pálido.

— Você está bem? — perguntou.

— Sim —- respondeu ele, tentando parecer natural.

Aproveitando o café que já estava preparado, ela se serviu de uma xícara e sentou-se à mesa.

— O café está ótimo — elogiou, após tomar o primeiro gole. Ele apenas assentiu. Depois de um momento de silêncio, perguntou:

— Então, o que acha da família de seu marido, agora que nos conheceu?

Apesar da surpresa pela pergunta, Annie não hesitou em responder.

— Confesso que sinto um pouco de inveja. Eu sempre quis ter uma grande família. — Quando Josh continuou a olhá-la, ela disse: — Convivi apenas com minha mãe e… — Sorriu. — Está usando artimanhas de advogado, não é? Quer que eu fale sobre minha vida. Por quê? Acha que direi algo incriminador?

Josh não respondeu de imediato. Olhou-a com atenção, tomando outro gole de café.

— Existe algo que queira saber sobre Matt, já que estamos sozinhos? Algum segredo ou coisa do gênero?

Foi a vez de Annie observá-lo.

— Se meu marido tiver algum segredo, prefiro que ele mesmo me conte, Josh — respondeu.

Ele fitou-a com ar de divertimento.

— Boa resposta, Annie. Matt merece uma esposa leal. — Inclinando-se para frente, continuou: — Ele é uma ótima pessoa, e espero que você reconheça isso.

— Claro que sim — respondeu Annie. — Só que seu irmão é muito fechado e, às vezes, é difícil

entendê-lo.

Josh riu com ironia.

— No caso de ainda não haver notado, seu marido é um homem sensível, o que não é muito comum para um fazendeiro, vivendo em plena Montana. Matt aprendeu a disfarçar isso muito bem, mas o sentimento nunca deixou de existir nele.

Annie continuou ouvindo-o com atenção, interessada na descrição que Josh estava fazendo sobre o irmão.

— Quando éramos pequenos, Matt vivia fazendo boas ações — Josh prosseguiu. — Trazia para casa pássaros com asas machucadas, coelhos e gatos órfãos… Depois cuidava deles com todo cuidado e enchia-os de carinho. Claro que ele nunca disse isso, mas tenho certeza de que a atitude dele para com Lacey também foi levada a esse nível. Provavelmente ela deve ter contado alguma história triste e ele acreditou. Acho que ele sempre foi protetor demais com as pessoas, talvez para compensar a perda de nossa mãe.

— E há algo errado nisso? — Annie perguntou.

Josh deu de ombros.

— Creio que sim, se houver sacrifício por parte de quem está agindo. Matt nunca desistiu de cuidar dos bichos e nem do casamento, mesmo quando sabia não haver mais esperança.

— Pelo visto, você não considera isso admirável — observou Annie.

— Isso só prolonga o sofrimento — declarou Josh. — Matt foi infeliz durante anos com Lacey, mas não a deixava. Aposto que se papai não houvesse morrido e eu e Dan não houvéssemos nos recusado a vender esta fazenda, praticamente obrigando-o a cuidar dela, Matt ainda estaria vivendo com Lacey. Aguentaria calado, pelo bem de

Shelby, sem se preocupar com as próprias necessidades.

— Acho que o mundo seria um lugar, melhor, se houvesse mais pessoas agindo como Matt — observou Annie.

Sem dizer mais nada, Josh ficou de pé e levou a xícara para a pia.

— De certa forma, foi bom que eu tivesse apenas nove anos quando minha mãe morreu — disse ele. — Eu era jovem demais para sentir a morte dela.

Annie o olhou, em silêncio. Pelo visto, Josh tinha tão pouco conhecimento de si mesmo quanto Matt. Era evidente que a perda da mãe o afetara tanto quanto aos outros, embora ele tivesse "apenas nove anos" na época.

— O que acha, Annie? — perguntou Billy, entrando de repente na cozinha. — Devo vestir a cinza ou a vermelha?

Mostrou as duas camisas, penduradas em cabides. Estava com os cabelos úmidos do banho, e mantinha um brilho de expectativa no olhar.

— Acho que a vermelha ficará melhor em você — respondeu Annie, grata pela interrupção da conversa. — Não concorda, Josh?

Ele sorriu para Billy.

— Sim, a vermelha ficará perfeita. Oh, Billy…? Tenha cuidado com a quantidade de colônia, ok? O segredo é intrigar a mulher, para que ela se sinta atraída por você.

Billy assentiu com veemência, antes de se retirar.

— Conselhos de um *expert*? — perguntou Annie a Josh.

— Exatamente — respondeu ele, sem falsa modéstia. — Por isso é que as mulheres sempre se

interessaram por mim. Agora, se me der licença, vou fazer uma caminhada pela fazenda.

Depois que ele se retirou, Annie se serviu de outra xícara de café, mantendo-se pensativa. Teria Matt dormido com ela pelos mesmos motivos que o levaram a se preocupar com Lacey, no passado? Seria compaixão o que ele sentia por ela?

Haviam esquecido de tomar certas preocupações durante os últimos dias e, se suas contas estivessem certas, talvez tivesse uma novidade para contar a Matt dali a algum tempo…

Depois que os irmãos de Matt foram embora, Annie se concentrou em estudar mais para conseguir acompanhar o último estágio do curso universitário, que não demoraria muito para começar.

Em vez de se preocupar com as coisas que Josh havia lhe dito decidiu preencher parte dos dias com tarefas domésticas e as noite com as carícias sensuais que seu marido tinha a lhe oferecer.

Até que, no meio da semana seguinte, Matt começou a tossir e apresentar os mesmos sintomas da gripe de Josh. Ele tentara lutar contra os sintomas nos últimos dias, indo trabalhar normalmente e sempre encontrando desculpas para a tosse e a fadiga. Até acordar febril, na manhã da quarta-feira.

Assim que tocou nele para um beijo de bom-dia, Annie percebeu que ele estava bastante quente.

— Parabéns Matt, vai tirar o dia de folga — brincou. — Acho que a gripe de Josh passou para você.

Dizendo isso, foi pegar uma aspirina, e informar Billy de que ele teria de trabalhar sozinho.

— Não posso ficar em casa — protestou Matt, depois de tomar o remédio. — Tenho muito trabalho para fazer. — Tentou se sentar, mas um acesso de tosse o fez deitar-se de novo.

— Fique quietinho aí — mandou Annie, cobrindo-o com o lençol. — O trabalho pode esperar até que você melhore. Portanto, esqueça. Não vai sair de casa hoje.

Matt olhou para a expressão decidida de Annie. Sua esposa era linda de qualquer jeito, pensou, sentindo vontade de tocar aqueles cabelos macios.

Bem, iria se levantar assim que a tontura passasse. Uma simples gripe não iria derrubá-lo facilmente. Fechou os olhos um instante, para reunir forças, mas acabou adormecendo.

— Como ele está? — perguntou Billy, ansioso, três dias depois, quando Annie entrou na cozinha para pegar um sanduíche e outra garrafa de café.

— Está melhor — respondeu ela, com ar de cansaço.

Passara boa parte da noite acordada, ministrando remédios a Matt, para tentar diminuir sua febre.

— E você, como está? — indagou Billy.

— Cansada — admitiu Annie, com um sorriso.

— Quer que eu fique com ele para que você possa dormir um pouco? Prometo chamá-la, se algo acontecer.

Annie aceitou a proposta. Para não incomodar Matt, deitou na cama do quarto que usara antes.

Dormiu durante a tarde e também à noite, exausta demais para sentir falta da presença de Matt a seu lado. Felizmente, acordou bem mais disposta na manhã seguinte.

— Obrigada, Billy — agradeceu ao rapaz, ao encontrá-lo na cozinha, pela manhã. — Eu estava mesmo precisando dormir. Como está Matt?

— Melhor. Joguei cartas com ele ontem à noite, para mantê-lo ocupado.

— Mas…

— Shh… — Billy pediu silêncio, prestando atenção no que estava sendo dito no rádio.

— "Teremos uma forte nevasca na região leste de Montana e possivelmente ao norte de Dakota."

Billy olhou para ela.

— Ainda bem que você descansou. Precisará de toda sua força para manter o patrão na cama.

— Por quê?

— Pelo visto, essa nevasca fará a outra parecer um mero piquenique. Precisaremos recolher o gado e dar alimento aos animais antes que ela chegue. Matt conhece muito bem essa região, e não precisará ouvir a previsão do tempo para saber que uma grande nevasca está prestes a chegar.

Mesmo ouvindo aquilo, Annie não abriu mão de sua decisão: Matt não sairia da cama enquanto não estivesse totalmente recuperado. Mordeu o lábio, pensativa. Bem, tomar a decisão era uma coisa, mas conseguir manter Matt em casa já era outro assunto.

A reação de Matt à doença lhe dera uma boa ideia de quanto ele era teimoso de vez em quando. Matt se recusara a ficar de cama até o último instante e durante todo o período de febre insistira muitas vezes em voltar ao trabalho.

— Não quero que Matt tenha uma recaída — disse ao rapaz. — Irei alimentar os animais com você, Billy.

— Você?!

— Sim. Sei que não sou forte como Matt, mas…

— Annie, o patrão vai me matar se eu deixar que você saia com esse tempo.

— Também sou sua patroa, lembra? Portanto, *eu* estou me decidindo acompanhá-lo, e não você.

Billy riu.

— Além disso, sairemos antes que Matt acorde — declarou Annie. — Assim ele não poderá fazer nada.

O rapaz se sobressaltou.

— Então vamos logo! Se conseguirmos terminar antes da chegada da nevasca, talvez ele me deixe sobreviver.

Transportar feno até que era uma tarefa fácil, embora bastante cansativa. Ela e Billy carregaram pesados blocos de feno para a *pick-up*. Em seguida, levaram o alimento para os animais e repetiram o processo.

Na terceira viagem, Annie já nem estava se importando muito com o vento frio e a dor muscular causada pelo esforço de carregar peso. Por isso, nem se deu conta de que havia começado a nevar, até Billy aparecer de repente a seu lado.

— Oh, está nevando — disse ela, ao notar os flocos de neve em torno dele.

— E já faz algum tempo — salientou o rapaz, parecendo tão cheio de energia quanto se estivesse trabalhando em um dia ensolarado. — Acho que já podemos voltar. Ainda bem que conheço bem a região, porque com toda essa neve acumulada, a trilha já desapareceu.

Annie olhou em volta pela primeira vez, depois de horas. De fato, a trilha deixada pelo pneu do carro já havia praticamente desaparecido. A nevasca intensa dificultava a visão do local, fazendo com que qualquer pessoa menos avisada acabasse se perdendo.

Porém, Annie estava cansada demais para se importar com aquilo. Felizmente, Billy os levaria em segurança. Depois de algum tempo que estavam fazendo o trajeto sobre a neve, Annie avistou a casa

meio encoberta pelos flocos que continuavam a cair.

Tocando o braço de Billy, pediu:

— Lembre-se de não contar nada a Matt.

— Não pense que terei de fazer isso — avisou ele, com um sorriso nervoso, olhando para a frente.

Annie seguiu o olhar de Billy. Gemeu ao distinguir uma silhueta conhecida, de pé à porta da frente. Bem, pelo menos ele vestira um casaco, pensou ela.

— Não culpe Billy por isso — começou ela, assim que os dois desceram do carro e caminharam em direção à varanda.

— Claro que a culpa é dele! — resmungou Matt. — Se precisava de ajuda, deveria ter ido me chamar.

— Eu o impedi de fazê-lo — explicou Annie.

Matt teria prolongado a discussão, não fosse os efeitos da apreensão que sentira desde que acordara e não vira ninguém em casa. Ficara muito aborrecido ao deduzir o que acontecera, mas ver Annie chegar sã e salva substituíra sua fúria por uma sensação de puro alívio.

— Venha pára dentro — chamou-a, passando o braço sobre os ombros dela, para aquecê-la.

— Oh, essa é a melhor sugestão que ouvi durante todo o dia — disse Annie, deixando que ele a conduzisse para dentro. — Não imagina quanto sonhei em poder deitar nesse sofá.

Ignorando o comentário, Matt passou com ela direto pela sala.

— Ei, aonde estamos indo? — indagou ela, surpresa.

— Para o andar de cima.

— Oh, Matt… Eu preferiria… Espero que entenda, mas estou muito cansada…

Matt apoiou o corpo de Annie junto ao dele, ajudando-a a subir a escada. Sem resistir ao contato carinhoso, ela encostou a cabeça no ombro de Matt.

— Billy a deixou trabalhar demais, não é? — perguntou ele, lançando um olhar de censura para o rapaz, que os observava da sala, com um ar de divertimento. — Vou preparar um banho quente para você, alimentá-la e colocá-la na cama.

Annie o fitou, surpresa.

— Oh, isso será o verdadeiro paraíso, Matt. Mas não acho justo. Você ainda nem se recuperou direito.

— Estou me sentindo muito bem. E depois do que fez por mim nos últimos dias, é o mínimo que posso fazer por você.

Cuidar de Annie não seria nem um pouco difícil, pensou ele, enquanto enchia a banheira com água quente. De fato, seria bem mais fácil fazer isso do que lhe demonstrar sentimentos mais profundos.

Ao deixar Annie no banho, foi preparar a cama de uma maneira mais confortável para ela. Sorriu consigo ao voltar para o banheiro e vê-la cochilando na banheira.

Com gentileza, ajudou-a a ficar de pé e a se enxugar. Em seguida, fez com que ela vestisse uma camisola confortável levou-a para a cama.

Annie adormeceu quase imediatamente. O lanche teria de esperar, concluiu Matt. Ao vê-la adormecida, deu-se conta de que já experimentara esse enternecimento antes. Mais precisamente quando a enfermeira colocara a pequena Shelby em seus braços. Queria ser forte para Annie tanto quanto desejava parecer perfeito para sua filha.

Continuou pensativo ao descer para o andar de baixo. O que Annie esperava receber dele exatamente? Ele precisava saber porque se fosse algo além de respeito, lealdade e trabalho duro ele não

estaria preparado para oferecer. E por falar em lealdade…

— Billy! — gritou, chegando na cozinha.

— Sim, patrão. Eu… Bem, não vá me culpando. Como eu poderia impedi-la? Annie insistiu em me acompanhar no trabalho. Disse que também era patroa e que eu deveria obedecê-la. Além disso, eu precisava de ajuda.

Billy também havia tomado banho e trocado de roupa. Ao se aproximar, Matt viu que ele estava preparando ovos fritos e bacon.

Abriu a boca para protestar, mas admitiu que Billy tinha razão.

— Ok, mas não deixe isso acontecer novamente.

Billy riu.

— Vou tentar, mas não prometo conseguir. — Levou a refeição para a mesa. — Sua esposa é uma mulher bem diferente, patrão. Se eu fosse você, ficaria orgulhoso de ter uma esposa disposta a enfrentar qualquer situação. A maioria das mulheres não se disporia a fazer um trabalho desses.

— Tem razão — anuiu Matt. — Annie é realmente especial. "Orgulho", pensou ele. Era isso o que deveria sentir. Orgulho e gratidão. Para alguém que se dispusera a ficar com ele apenas alguns meses, até a obtenção dá custódia, Annie já o ajudara até demais.

"Encare a realidade", disse-lhe a voz da consciência. "Annie é culta demais para *um cowboy* como você."

Com um suspiro, começou a fazer café. Era melhor que Annie não o amasse, para não querer ser amada também. Já passara por um casamento desastroso e era bem consciente de suas limitações sentimentais.

— Já comeu algo mais consistente hoje, patrão?

A pergunta de Billy o trouxe de volta à realidade.

— Não.

— Que tal eu lhe preparar uma daquelas minhas famosas omeletes?

— Eu aceito, Billy — respondeu Matt, reconhecendo que estava precisando se alimentar.

Com um sorriso satisfeito, o rapaz se pôs a preparar a omelete. Enquanto misturava os ovos, limpou a garganta e disse:

— Patrão… Não poderia começar a me chamar de Bill? Billy parece muito infantil e Loretta acha que Bill soa mais… maduro.

Não era preciso ser um gênio para deduzir que Loretta era a garota que Billy começara a namorar desde as comemorações do Dia de Ação de Graças.

— Está bem, *Bill*. Prometo que tentarei, mas tenha paciência se eu esquecer algumas vezes, ok?

— Sim, mas procure se esforçar. Não quero desapontar Loretta. Matt sorriu, balançando a cabeça.

A próxima visita a Shelby estava marcada para a semana seguinte, coincidindo com a entrevista que teria com a assistente social que estava cuidando do caso.

Depois levaria Shelby para fazer as compras de Natal. Pediria a Annie para acompanhá-los, afinal ela tinha mais jeito para lidar com crianças.

Infelizmente, porém, três dias depois Annie também contraiu o vírus da gripe que o atingira. A febre e a indisposição a deixaram de cama, impedindo-a até de estudar, como costumava fazer todos os dias.

Matt pensou em cancelar a viagem a Denver,

mas hesitou ao analisar as consequências.

— Não sei se será bom adiar o encontro com a assistente social — disse a Annie, acariciando-lhe os cabelos, enquanto ela mantinha a cabeça no travesseiro. — Quem sabe quando poderei reservar outro horário? Meu advogado falou que as recomendações dela podem ser decisivas no caso.

— Pode ir, Matt. Não precisa se preocupar comigo. Estou bem melhor e Billy me ajudará no que for preciso.

— Billy, não, *Bill* — corrigiu Matt. — Ele pediu que o chamássemos assim porque Loretta disse que parece "mais adulto".

Annie riu.

— Então, o namoro está firme?

— Mais firme do que nunca.

— Pode ir a Denver, querido. Não quero que desaponte Shelby por minha causa.

Matt a beijou de leve, nos lábios.

— Obrigado, Annie.

Ele viajou sozinho para Denver. Antes de partir, porém, Annie ainda lhe deu alguns conselhos.

— Quando levar Shelby para fazer compras, observe quais são as coisas que parecem interessá-la.

Sentado na beira da cama, Matt continuou ouvindo-a com atenção.

— E não se esqueça de alimentá-la — completou Annie. Segurando o rosto dele entre as mãos, falou: — Matt?

— Sim, meu anjo.

— Tente fazer as pazes com Lacey, se puder.

— Por que acha que devo fazer isso? Ela não precisa do meu perdão para continuar vivendo.

— Mas você precisa — salientou Annie, fitando-o nos olhos. — Precisa perdoá-la pelo bem de Shelby. E pelo seu também.

Matt pensou nas palavras de Annie durante todo o trajeto até Denver. Talvez ela tivesse razão em aconselhá-lo a fazer as pazes com Lacey. Embora houvesse assinado o divórcio, seu conflito com ela ainda não fora resolvido. Droga, por que a vida tinha de ser tão complicada?

Capítulo 8

O encontro com o advogado e a assistente social foram bem-sucedidos, embora Matt não tenha gostado muito da indiferença demonstrada pela mulher.

Por outro lado, compreendeu que ela devia estar acostumada a ver muitos pais brigando pelo direito de ficar com os filhos, usando isso como um meio de se vingarem um do outro.

Ao se despedir dela e sair do escritório, perguntou-se se teria conseguido ser tão objetivo se não fosse pelos conselhos de Annie. Provavelmente não, concluiu, enquanto deixava o prédio.

Também reconheceu que não teria conhecido Annie se não fosse por sua própria trama. Em parte, quisera magoar Lacey tanto quanto ela o magoara no passado. Afastando-a da pessoa que ela mais amava.

Matt parou de repente. Ei, não havia se convencido de que Lacey não amava Shelby? Ou será que estivera apenas arranjando desculpas para seu próprio comportamento egoísta?

Seria isso o que Annie queria que ele percebesse? De fato, essa sua postura estava afastando sua filha do único lar que ela conhecera, ao lado da mãe. Com isso, estava ameaçando levar Shelby para um lugar estranho, para conviver com pessoas com quem ela não tinha intimidade. Seria mesmo o melhor para ela?

Matt respirou fundo e seguiu em frente. A vida parecia mais fácil quando não era preciso pensar nesses detalhes emocionais e psicológicos. No entanto, não podia continuar negando a importância de tais sentimentos. Eles afetavam as pessoas.

Felizmente, o trânsito estava difícil o suficiente para tomar boa parte de sua atenção durante o

trajeto até a casa de Lacey.

Quando chegou, já estava mais calmo e disposto a se encontrar com a ex-esposa.

Ao atendê-lo à porta, Lacey lhe pareceu mais magra e mais pálida do que da última vez em que haviam se encontrado.

— Olá, Lacey.

Matt notou algo diferente no ar. Pela primeira vez não estava tendo de controlar a sensação de ansiedade que sempre experimentava quando se encontrava com a ex-esposa. Sorrindo, disse:

— Obrigado por me deixar apanhar Shelby um pouco mais tarde do que de costume. Espero não haver lhe causado nenhum transtorno.

Lacey pareceu surpresa com sua cortesia, mas Matt se deu conta de que tratá-la dessa maneira não era tão difícil assim.

— Tudo bem, Matt. Não deixe Shelby se cansar demais, ok?|

— Pode deixar.

Ele olhou para a garotinha parcialmente escondida atrás da mãe.

— Está pronta, meu anjo? — perguntou ele, com o mesmo tom de voz carinhoso que costumava usar com Annie.

— Sim.

— Então vamos às compras.

Matt seguiu o conselho de Annie, observando tudo que ela dizia gostar. Também lembrou-se do que Lacey havia lhe pedido e limitou as compras a algumas horas. Almoçaram em uma lanchonete toda decorada com enfeites de Natal, onde comeram sanduíches acompanhados por *milk shake* de chocolate.

— Gosta mesmo de *milk shake,* papai? — perguntou Shelby, surpresa.

Matt ia perguntar o que a mãe costumava beber na frente dela, mas se conteve. Quase ouviu a voz de Annie lhe dizendo: "Deixe isso de lado".

— Claro — foi tudo que respondeu.

A menos que estivesse muito enganado, poderia jurar que Shelby sentiu-se aliviada ao mudarem de assunto. Tudo estava indo perfeitamente bem, até a menina decidir visitar Papai Noel.

Os dois esperaram quarenta e cinco minutos na fila. Durante todo o tempo, Shelby se mostrou ansiosa, mas, quando chegou sua vez, ela não soube como agir.

— Não sei o que dizer, papai — disse, com uma expressão de receio e embaraço ao mesmo tempo.

Matt olhou discretamente para trás. Metade de Denver parecia estar na fila, esperando. Seu primeiro impulso foi dizer: "Então deixe isso para lá. Escreva uma carta para ele depois". Porém, colocou-se no lugar de Shelby. Não queria que a menina saísse frustrada, sem conseguir realizar seu sonho.

— Apenas diga a ele o que você quer ganhar, querida.

Shelby continuou hesitante, e o duende que acompanhava "o bom velhinho" começou a ficar impaciente.

— Quer me acompanhar enquanto eu mesmo falo com Papai Noel, querida? — perguntou a Shelby, segurando a mão dela com mais firmeza: — Também nunca conversei com Papai Noel e quero desejar a ele um feliz Natal.

Shelby arregalou os olhos, cheia de expectativa, e puxou-o pela mão.

— Vamos!

O duende sorriu.

— Boa tática, senhor — sussurrou para Matt, com uma piscadela. — Venham, vamos tirar uma foto de vocês ao lado de Papai Noel. Sua esposa vai adorar.

Shelby foi logo sentando no colo de Papai Noel, posicionando-se para a foto.

Depois de trocarem algumas palavras com o velhinho, Shelby e Matt saíram de mãos dadas pelo shopping.

— Obrigada, papai. Eu estava com um pouco de medo — confessou Shelby. — Nunca falei com Papai Noel antes.

O próprio Matt ficou surpreso ao se ouvir dizer:

— Às vezes, a única maneira de superar o medo é fazer justamente aquilo que nos causa receio, querida. Dessa forma, acabamos descobrindo muitas coisas interessantes que antes pareciam assustadoras.

"Bom conselho, Matt Walker", pensou. "Talvez eu mesmo deva ouvi-lo." Comprou um suéter para Shelby e um brinquedo, mas prometeu que voltariam depois, para fazer mais compras.

Matt também pretendia comprar algo para Annie, se encontrasse um presente especial. Se tivesse sorte, levaria algo que a impressionaria o suficiente para ela querer ficar na fazenda e tornar o casamento permanente.

Se ele próprio seguisse o conselho que dera à filha e superasse o medo, teria de admitir que sabia muito bem o que sentia por Annie. Orgulho, gratidão, admiração… e algo bem mais simples. E também mais assustador do que poderia imaginar.

Sim, acabara se apaixonando por Annie. Teria alguma chance de persuadi-la a ficar em Montana a seu lado? Poderia presenteá-la com um brilhante ou coisa do gênero, mas será que adiantaria? Afinal, o

que levava uma mulher a amar um homem?

Ele não sabia. De fato, nem tinha certeza do que era o amor. Parecia assustador ter de considerar a possibilidade, mas teria de perguntar a Annie quais eram seus sentimentos por ele. Só não sabia se queria ouvir a resposta, poderia ficar frustrado.

Shelby acabou adormecendo no trajeto de volta para casa. Ao chegarem, Matt a tomou no colo e levou-a para a mãe.

— Quem é? — perguntou Lacey, quando ele bateu à porta.

— Sou eu, Lacey.

Pelo modo como ela falara, Matt percebeu que Lacey havia bebido. Seria mesmo certo deixar sua filha aos cuidados de alguém tão irresponsável?, perguntou-se.

"Perdoe Lacey. Pelo seu próprio bem", lembrou-se das palavras de Annie e ajeitou a filha nos braços. "Tente descartar o pior", disse a si mesmo. Talvez Lacey estivesse dormindo.

Ao ouvir a ex-esposa abrir a porta, Matt forçou um sorriso amistoso.

— Ainda bem que não abriu a porta sem perguntar quem era — disse.

— Por quê?

Lacey adquiriu um ar defensivo, talvez pensando que Matt fosse fazer uma de suas costumeiras críticas.

— Porque não quero que lhe aconteça nada de mal, Lacey — disse, demonstrando sinceridade. — Nem a Shelby, claro.

Ela deu um passo atrás.

— É melhor trazê-la para dentro — sugeriu.

Ele levou a filha para o quarto e deixou-a na

cama.

— Matt, eu… preciso conversar com você — avisou Lacey, com voz trêmula.

Ambos deram um beijo na menina e voltaram para a sala.

"Dinheiro", pensou Matt. "Com certeza Lacey iria lhe pedir mais dinheiro." Ainda assim, não se recusou a ouvi-la.

— Sente-se — disse ela, indicando o sofá. — Quer um pouco de café?

Ele balançou a cabeça negativamente e continuou de pé, cruzando os braços sobre o peito. Lacey passou a mão pelos cabelos e suspirou.

— Por favor, Matt. O que tenho a dizer não é nada fácil. Não poderia…?

— Está bem — anuiu ele, reconhecendo sua atitude fria. Depois de sentar-se, sorriu e disse: — Aceito o café, obrigado.

Esperou que ela servisse duas xícaras de café, enquanto tentava conter os próprios ressentimentos. Depois de entregar-lhe a xícara, Lacey sentou-se diante dele.

— Matt, eu… — Respirou fundo. —- Sei que quer a custódia de Shelby porque acha que não sou uma boa mãe para ela.

— Lacey, eu não…

Ela levantou a mão, pedindo que ele a ouvisse.

— Matt, por favor. Primeiro ouça o que tenho a dizer e deixe para falar depois, ok?

Ao notar o ar de preocupação no semblante de Lacey, Matt se deu conta de que Annie tinha razão. Ela amava a filha.

— Sei que tenho alguns problemas — prosseguiu Lacey. — Às vezes bebo além da conta,

mas… mas nunca deixei Shelby sozinha. Nunca a maltratei!

— Não diretamente.

Lacey assentiu, admitindo que ele tinha razão.

— Matt, não quero discutir com você nem tampouco disputar a custódia de Shelby no tribunal. Mesmo que algum de nós vença, ela sairá perdendo de certa forma. — Duas lágrimas escorreram pelo rosto de Lacey. — Preciso apenas de algum tempo para pôr as coisas em ordem. Sei que ela ficaria melhor com você agora, mas Shelby é tudo que tenho. É ela quem me dá forças para lutar e… — Levou as mãos ao rosto.

Matt não se sentiu nem um pouco triunfante. Dois meses antes, a admissão de Lacey o teria deixado incrivelmente satisfeito. No momento, porém, não queria se aproveitar da vulnerabilidade de sua ex-esposa e obrigá-la a enfrentá-lo no tribunal. Ela tinha razão. Shelby seria a grande perdedora, se os dois não entrassem num acordo.

Pelo visto, Lacey estava prestes a procurar a ajuda de que precisava. Annie estivera certa todo o tempo. Lacey sofria cor o alcoolismo até mais do que as pessoas que a cercavam.

Ao perceber aquilo, Matt sentiu-se capaz de perdoá-la. Pela primeira vez, depois de anos, ele finalmente experimentou uma sensação de liberdade.

— Encontraremos uma solução, Lacey — disse, tomando mão dela entre as suas. — Farei o que acharmos que seja melhor para Shelby e para você também.

Matt sorriu para ela. Sabia para onde iria e como sua vida prosseguiria dali em diante. Voltaria para casa e para Annie.

Uma hora depois, ele entrou no carro e pegou a estrada de volta para casa. No caminho, lembrou-se

do que conversara com Lacey.

— Ficarei satisfeita com isso, Matt — dissera ela, com um breve sorriso. — Sei que é um homem de palavra e também quero o melhor para Shelby.

Matt acreditou nela, livrando-se do passado de uma vez por todas. Ao passar diante do shopping da cidade, decidiu comprar um presente para sua Annie.

Uma hora depois, voltou para o carro carregando dois lindos embrulhos. Comprara um par de brincos de pérola e um *Iaptop* para Annie. Esperava que ela gostasse.

Após acenar para Billy, que estava ao telefone havia quase uma hora, Annie foi até a varanda. Tinha algumas coisas importantes a fazer, mas não estava conseguindo se concentrar. A imagem do atraente rosto de Matt não saía de seus pensamentos. Esperava que um pouco de ar puro aliviasse sua inquietação.

Suspirou, levantando mais a gola do casaco. Desceu o primeiro degrau da escada e olhou para o alto. O céu estava lindo, com seu profundo tom de azul salpicado por pontos brilhantes.

Porém, seus pensamentos não demoraram a centrar-se em Matt novamente. Ele parecia estar presente em cada parte do mundo que a cercava.

— Oh, Deus — sussurrou, olhando para as estrelas. — Amo meu marido e não sei o que fazer a respeito disso.

Não sabia exatamente quando se apaixonara por Matt, mas tinha noção de que não adiantava mais esconder isso de si mesma. Além disso, se estivesse mesmo… Não, não pensaria nisso até ter certeza.

Talvez sua vida mudasse muito dali em diante, assim como a possibilidade de ela ter uma carreira… Ainda queria trabalhar ajudando outras pessoas, mas também precisava de algo que apenas Matt poderia

lhe oferecer: amor.

De súbito, a imagem de uma carta surgiu em sua mente. À tarde, ficara orgulhosa ao abrir o envelope timbrado e ler o comunicado enviado pela faculdade. Após avaliarem suas notas brilhantes, a comissão responsável por bolsas a convidara para terminar o curso de graça. Só que, em troca, ela teria de aceitar trabalhar como assistente social para um órgão ligado à faculdade.

No entanto, só poderia aceitar a oferta se não estivesse esperando um filho de Matt. Se isso se confirmasse, sua felicidade seria ainda maior.

Sua vida ficaria perfeita se ela pudesse ficar ali, ao lado de Matt, com um filho para uni-los ainda mais. Mas será que ele também desejava isso?

A resposta não importava no momento. "Aproveite o que está ao seu alcance", disse a si mesma. "Ame seu marido o máximo que puder e se lhe restarem apenas lembranças, mantenha somente as boas."

— Ei, Annie, não está com frio aí fora? — perguntou Billy, aparecendo à porta. — Acabei de ver luzes de faróis surgindo na estrada. Deve ser Matt.

No mesmo instante, ela passou a mão pelos cabelos, tentando ajeitá-los. Apressou-se em entrar em casa e passar as mãos pelo rosto até deixá-lo rosado, eliminando o frio. Queria que Matt a encontrasse com uma aparência saudável.

Não demorou muito para ouvir o familiar ruído do motor parando diante da casa. Pensou em esperá-lo na sala, mas a saudade a fez correr até a porta.

— Matt! — chamou-o, descendo a escada da varanda. — Que bom que voltou!

Assim que ele saiu do carro, Annie o abraçou. Matt a ergueu nos braços e rodopiou, fazendo-a rir.

— Oh, Matt, senti tanto sua falta! — confessou Annie, quando ele a colocou no chão.

— Também senti sua falta. — Deslizando o dedo indicador pelo rosto dela, perguntou: — Como está você?

O tom de voz aveludado de Matt fez Annie sentir um arrepio pelo corpo.

"Estou mais apaixonada do que nunca", respondeu ela, em pensamento.

— Estou muito bem, Matt. Como foi sua viagem a Denver?

Ele sorriu, parecendo satisfeito.

— Lacey deixou Shelby vir passar o Natal conosco — respondeu. — E devo isso a você, Annie.

Ela engoliu em seco. Se Matt conseguira que a ex-esposa o deixasse ter a filha por perto, então sua missão de ajudá-lo a obter a custódia logo estaria terminada.

Ficou surpresa quando Matt voltou ao carro e pegou um embrulho.

— Champanhe — explicou ele. — Você conseguiu, Annie. Ajudou-me a ficar mais perto de Shelby.

— Pois se está mesmo feliz com isso, beije-me… — sussurrou ela, oferecendo os lábios a ele.

Matt deixou a garrafa de lado e colou os lábios aos dela. O delicioso perfume de Annie invadiu suas narinas, despertando seu desejo de amá-la. Beijou-a com paixão, puxando-a mais para si.

— Ah, não… Ele mal chegou e lá estão eles "grudados" um ao outro!

Matt afastou os lábios da relutante Annie e sorriu.

— Billy-Bill, qual o problema em um homem beijar e abraçar a esposa?

O rapaz fez uma careta ao ouvir Matt chamá-lo de "Billy-Bill".

— Beijar e abraçar?! — repetiu ele. — Pois olhando-o por trás, nem avistei Annie!

— Está é com inveja, Billy-Bill — zombou Matt, entregando a garrafa a ele. — Abra o champanhe e vamos brindar juntos.

Billy pegou a garrafa e entrou em casa. Matt e Annie seguiram para a sala.

— Quando Shelby virá? — perguntou Annie, sentando-se no sofá. Antes que Matt pudesse responder, ela prosseguiu: — Acho que vou mudar as cortinas do quarto onde ela ficará. Aviões e carrinhos não são exatamente os passatempos preferidos de uma garotinha.

— Mudaremos a decoração inteira, se você preferir. Quero tornar esse Natal um evento inesquecível na vida de Shelby.

— Temos quase duas semanas até lá — observou Annie.

— Acho que dará tempo de fazermos algumas mudanças. Após um momento de hesitação, Matt disse:

— Eu ainda não lhe falei, mas Lacey virá também. Achei que Shelby se sentiria mais segura ficando próxima da mãe. Além disso, será uma ótima desculpa para manter você dormindo comigo.

Annie sorriu. Claro que não seria agradável ter a mãe da menina por perto, mas ver Matt, Lacey e Shelby juntos talvez facilitasse seu processo de decisão. Entretanto, preferiu não especular sobre o futuro. No momento, isso só lhe causaria tristeza.

— Teremos muito trabalho daqui até o Natal, sr.

Walker — brincou.

— Estou a seu inteiro dispor — respondeu ele. — Por que não começa mandando que eu vá para a cama com você?

— Matt!

Divertindo-se com a indignação de Annie, ele a puxou para si e beijou-a novamente.

— Oh, parem com isso! —- protestou Billy, vindo da cozinha com a garrafa de champanhe aberta e três copos. — O que estamos celebrando, afinal? — perguntou, servindo a bebida.

Matt olhou para Annie e ambos sorriram.

— Diga a ele — pediu Matt.

— Shelby virá passar o Natal conosco.

— Puxa, mas que ótima notícia! — comemorou, o rapaz. — Isso realmente merece um brinde! — exclamou, levantando o copo.

Annie e Matt continuaram a celebração no quarto, algum tempo depois.

Enquanto estavam abraçados e envoltos por uma deliciosa languidez, ela disse:

— Agora conte-me todos os detalhes.

— Hum… Ainda estamos discutindo os detalhes, mas Lacey concordou em que Shelby venha morar comigo enquanto ela estiver fazendo um tratamento contra o alcoolismo.

— Oh, Matt, não imagina quanto fico feliz por isso.

— Eu sei — anuiu ele, com voz sonolenta.

Minutos depois, sua respiração se tornou ritmada e Annie percebeu que ele havia adormecido. Ela, porém, permaneceu acordada durante algum tempo.

Aos poucos, seus pensamentos se voltaram para

Shelby para Lacey, mais especificamente. Se ela ficasse curada, será que iria querer ter Matt para si novamente?

Nesse caso, uma de suas decisões já teria sido tomada. Não iria disputar Matt com Lacey.

E se estivesse grávida?, perguntou-se. Bem, daria um jeito de criar seu filho sozinha. Não iria afastá-lo de Matt, mas…

Por outro lado, a intuição lhe dizia que Matt a deixaria ficar, se ela pedisse. Se não houvesse reconciliação com Lacey: com certeza ele ficaria satisfeito em ter sua ajuda na criação de Shelby e na administração da fazenda. Mas apenas isso não seria suficiente.

Annie queria Matt para si, e não que ele apenas aguentasse sua presença por causa de uma criança. E a menos que a atitude dele fosse completamente espontânea, ela nunca teria essa certeza.

Suspirou alto, olhando para o teto escuro. Pelo visto, esse Natal marcaria o início da realização de seus sonhos ou o começo do pesadelo de ter de abrir mão de seu amor por Matt.

Capítulo 9

Pela manhã, Annie estava bem mais tranquila. Matt e Billy já haviam saído quando ela desceu. Aproveitando o fato de estar sozinha, foi para a cozinha
e fez uma lista do que precisaria ser comprado.

Enquanto pensava nos itens, tentou se convencer de que a vasta atividade dos dias que se seguiriam a ajudaria a esquecer suas dúvidas e seus questionamentos.

Matt estava mais gentil do que nunca, mas aquela barreira invisível entre seus sentimentos e o resto do mundo ainda existia.

"Ele não vai mudar se eu ficar aqui", pensou. No entanto, a possibilidade de estar esperando um filho de Matt era cada vez mais sólida. Não tinha ideia de como tudo aquilo iria se resolver.

Depois de terminar a lista, foi até o sótão e encontrou alguns enfeites de Natal que Matt dissera estarem guardados por lá.

— Vamos oferecer a Shelby um Natal inesquecível — falou em voz alta.

Quando Matt e Billy voltaram para almoçar, ela já havia selecionado enfeites suficientes para ornamentar boa parte da casa. Aproveitando o bom humor do marido, sugeriu que saíssem para comprar uma árvore à tarde.

— Eu gostaria muito de ir, patrão, mas não posso — respondeu Billy, quando Matt o convidou para acompanhá-los.

Annie riu.

— Aposto que tem algum encontro marcado com Loretta.

— Bem… Poderia ir ao shopping comigo quando tiver algum tempo livre, Annie? — perguntou ele, de repente. — Quero comprar algo… especial para ela e talvez… você pudesse me ajudar…

Annie concordou com um sorriso. Billy agradeceu e saiu correndo no mesmo instante, para telefonar para a namorada. Matt terminou de comer a última porção do prato, pensando se não seria esse o melhor momento para se declarar à esposa.

Só que ele continuou em silêncio. Do mesmo modo como se comportara das últimas vezes em que pensara em pedir a ela que ficasse a seu lado para sempre.

Não conseguia falar sobre assuntos mais íntimos. Nunca fora muito bom com palavras, mas pelo menos achava que conseguia mostrar a Annie quanto a amava e quanto precisava dela. Porém, estaria ela enxergando isso?

Ficou de pé de repente.

— Está pronta? — Quando Annie assentiu, ele perguntou: — E qual o tamanho da árvore que deseja comprar?

— A maior que encontrarmos! — exclamou ela.

— Tudo bem. Só espero não ter de abrir um buraco no teto da *pick-up*.

Ambos riram. Mais uma vez, Matt pensou em se declarar, porém, não teve coragem.

Compraram um belo pinheiro e o deixaram a um canto da sala. Feliz com a perspectiva de ter um Natal em família depois de anos, Annie não via à hora de começar a enfeitá-lo.

Na semana seguinte, justamente no dia programado para a chegada de Shelby e de Lacey, um dos cavalos adoeceu e Matt teve de chamar o veterinário. Depois de se despedir do médico, Matt

foi fazer a barba e preparar-se para receber a filha.

— A que horas sairemos para o aeroporto?

Ele se virou, ao reconhecer a voz de Annie.

— Acho que às dez será um bom horário — respondeu.

— Está bem — anuiu Annie.

Quando ela se retirou para começar a se arrumar, Matt prometeu a si mesmo que iria se declarar quando estivessem no carro, a caminho do aeroporto.

Contudo, não cumpriu a promessa. Achou que não seria justo estragar o Natal de Shelby, já que não conseguiria continuar de bom humor, se Annie recusasse seu pedido.

Apesar de pequeno, o aeroporto Billings devia parecer assustador aos olhos de uma garotinha conduzida pela mão de uma aeromoça.

— Papai! — gritou Shelby.

Annie ficou para trás, sem conseguir acompanhar os grandes passos que Matt deu em direção à filha.

— Sr. Walker? — perguntou a aeromoça, com polidez.

Ele assentiu e abaixou-se para falar com Shelby.

— Onde está sua mãe, meu anjo?

Matt estremeceu ao sentir a mão de Annie em seu ombro, oferecendo o apoio de que ele tanto precisava no momento. Naquele momento, sentiu que a amava mais do que tudo no mundo. Entretanto, qual a vantagem de ter sentimentos e passar a maior parte do tempo escondendo-os dos outros?,
perguntou-se.

— Olá, Shelby — Annie cumprimentou a

menina. — Lembra-se de mim?

— Claro — respondeu Shelby, com um sorriso meigo. — Nós patinamos juntas.

— Bem — a aeromoça os interrompeu —, agora que já se encontraram, feliz Natal e até logo.

Matt agradeceu e a moça se retirou.

—- Mamãe não pôde vir — explicou Shelby. — Ela disse que estava muito doente para conseguir se curar sozinha, sem ir a… a algum hospital.

Matt olhou para Annie, que se ajoelhou diante de Shelby.

— Ela foi para uma clínica? — perguntou à menina.

Shelby balançou a cabeça afirmativamente.

— Ela disse que tentaria me ver depois.

A menina pareceu insegura. Matt sentiu que deveria dizer algo para confortá-la, mas simplesmente não soube o que falar. Contudo, Annie veio em seu socorro mais uma vez.

— É ótimo que sua mãe esteja tentando ficar bem, Shelby — disse ela, com uma calma que fez Matt invejá-la. — Quando temos algum problema sério demais para resolvermos sozinhos, o correto é procurar ajuda. — Sorriu para a menina. — Sua mãe a ama muito, e por certo resolveu se cuidar para lhe oferecer isso como um presente de Natal.

— Como assim? — Shelby franziu o cenho.

— Bem, brinquedos e roupas são presentes interessantes, mas o melhor presente de todos é o amor, querida. Sua mãe está fazendo algo muito difícil para ela, mas o amor que sente por você lhe dá forças para enfrentar as dificuldades. E uma das bases do Natal é justamente essa: oferecer amor sem esperar nada em troca.

— Acho que entendi.

Matt lançou um olhar de agradecimento a Annie. Casara-se mesmo com uma mulher muito especial.

— Que tal irmos andando? — sugeriu às duas. — Parece que começou a nevar novamente e não quero correr o risco de ficarmos presos na estrada.

— Poderemos fazer um boneco de neve, papai?

— Claro — respondeu Matt. — De fato, com a quantidade de neve que temos por aqui, poderemos fazer até um batalhão de bonecos.

As duas riram. Matt conduziu-as para a saída, mantendo uma expressão de satisfação. Annie tinha razão: o Natal era feito de amor, esperança e alegria. Entretanto, só teria tudo isso junto se Annie ficasse a seu lado.

— Teremos um Natal maravilhoso — disse às duas. — Obrigado por haver interferido naquele momento delicado, Annie — sussurrou ele, ao ouvido da esposa. — Ainda bem que Shelby não parece abalada com essa súbita mudança.

Annie olhou para a menina, andando de mão dada com o pai. Os dois eram muito parecidos.

— Está querendo dizer que ela não se importou com essa decisão de última hora de Lacey? — sussurrou discretamente para ele. — Não é possível que acredite nisso, Matt.

— Ora, Shelby é apenas uma criança! — murmurou ele, em protesto. — E está acostumada às decisões súbitas da mãe.

— Ninguém se acostuma a esse tipo de coisa — argumentou Annie, com um ar experiente. — E nenhuma criança é jovem demais para não se sentir magoada.

Os preparativos para o Natal deixaram Annie bastante atarefada nos dois dias que se seguiram.

Ninguém voltou a abordar o assunto sobre o tratamento de Lacey, permitindo que Shelby se distraísse com outras coisas, como a montagem da árvore de Natal e a escolha dos docinhos que ela e Annie fariam para a festa.

Também aproveitaram os poucos momentos de folga para fazer um boneco de neve com nariz de cenoura e olhos de azeitona. À noite, Annie fazia questão de que Matt fosse ao quarto da filha, ler uma história para ela, antes de dormir.

Na manhã da véspera de Natal, Annie e Shelby estavam tomando o desjejum quando Billy e Matt apareceram com as últimas notícias sobre o tempo.

Assim que viu o pai, Shelby correu para abraçá-lo, fazendo Annie sorrir.

— Teremos de cantar na igreja essa noite? — perguntou a menina, quando todos se sentaram à mesa.

Iriam à igreja, participar da missa de Natal, antes da ceia e da "chegada de Papai Noel".

— Claro que teremos — respondeu Billy, que tratava Shelby como se ela fosse sua irmãzinha caçula. — Cantaremos todas as canções tradicionais, como *Jingle Bells* e outros "Bells" tão maçantes quanto esse.

— Billy-Bill… — disse Matt, com ar de censura.

Como sempre, Billy pareceu não gostar de ser chamado daquela forma, mas não respondeu nada. De súbito, o telefone começou a tocar e ele saiu correndo para atender.

— Ele devia estar esperando um telefonema de Loretta — resmungou Matt, aborrecido por haver sido severo com Billy.

Na verdade, andava bastante tenso nos últimos dias e insatisfeito consigo mesmo. Não conseguia entender por que não tinha coragem de se declarar

de uma vez por todas para Annie. Pelo menos assim, ficaria livre dessa angústia que parecia querer consumi-lo.

Um riso mais alto de Annie trouxe seus pensamentos de volta ao presente.

— Quer dizer que seu pai conversou mesmo com Papai Noel? — perguntou ela a Shelby, quando a menina descreveu o passeio que fizera com Matt.

— Hum-hum. — Shelby balançou a cabeça. — E um duende tirou uma foto de nós. Quer ver?

— Oh, eu adoraria — respondeu Annie.

Billy se aproximou das duas, vindo da sala.

— Annie? Telefone para você — avisou ele.

Ela se dirigiu à sala, enquanto Matt permaneceu pensativo. Ao notar a alegria da filha e aquela atmosfera familiar, imaginou se esse não seria o momento ideal para se declarar a Annie e pedir que ela permanecesse ali com eles.

Vê-la ao lado de Shelby nos últimos dois dias servira apenas para confirmar quanto ele precisava dela.

Levantou a vista quando ela entrou na cozinha. Algo modo como Annie o olhou causou-lhe uma onda de apreensão;

— Quem era? — perguntou Billy, curioso.

Annie sorriu.

— Engraçado estarmos falando em Papai Noel e… Bem, era o chefe da comissão da faculdade onde irei terminar o curso. Ele disse…

Billy não pôde ouvir o restante da resposta porque Matt ficou de pé de repente e levou Annie para a sala, antes que ela pudesse dizer outra palavra.

— O que está fazendo? — perguntou ela.

— Precisamos conversar. O que ele disse?

— Minhas aulas e o estágio começarão dentro de poucas semanas. — Annie respirou fundo. — Eles já estão contando com minha aceitação, mas preciso confirmar…

Matt fechou os olhos por um instante. Amava Annie e queria tê-la a seu lado para sempre. No entanto, também desejava que ela fosse feliz, mesmo que para isso tivesse de deixá-lo.

Billy apareceu à porta de repente.

— Ainda iremos fazer compras, Annie?

— Sim, já estou indo. Veja se Shelby já terminou o desjejum, por favor.

— Pode deixar — ele respondeu e se retirou.

— Matt?

— Podemos falar sobre isso depois? — pediu ele, tentando disfarçar o desapontamento. — Estamos na véspera de Natal, e não quero estragar o dia de Shelby.

Annie o fitou por algum tempo, antes de responder:

— Como quiser. Acho que ainda há muito a ser dito, mas conversaremos depois.

Sem dizer mais nada, Matt pegou o casaco e saiu da casa.

"Trabalho" era o que ele estava precisando, pensou consigo. Se trabalhasse bastante, talvez conseguisse deixar de lado esses sentimentos que só serviam para complicar sua vida.

— Droga! — resmungou, ao entrar na *pick-up* e fechar a porta com firmeza.

Não queria manter Annie ali contra a vontade dela, mas também já não conseguia se imaginar vivendo sem ela. Pelo visto, teria de arranjar um jeito

de se acostumar com isso.

De súbito, a porta da frente se abriu. Annie e Billy se dirigiram à velha caminhonete do rapaz.

— Billy, não force o motor para não ficarem no meio da estrada — gritou.

— Tudo bem, patrão. Mas será que não pode me chamar de Bill?

— Vou tentar, mas não prometo nada.

— Eu sabia que iria responder isso — resmungou o rapaz.

Annie o seguiu e entrou na caminhonete, sem olhar para trás.

Annie permaneceu praticamente em silêncio durante o resto do dia. Billy e Shelby passaram boa parte do tempo rindo e abrindo presentes, e não perceberam nada de diferente.

À noite, foram à igreja e participaram da missa especial, oferecida aos habitantes da cidade.

Shelby ficou entre Matt e Annie, segurando a mão de ambos enquanto prestava atenção em cada parte da cerimônia. Annie sentiu o espírito do Natal mais presente do que nunca, ao lembrar das "coincidências" que a haviam aproximado de Matt.

O fato de ele encontrá-la quando estava precisando de uma esposa temporária, a chegada dos irmãos dele, que os obrigara a ficar no mesmo quarto, Lacey haver reconhecido que precisava de ajuda e ceder a custódia sem resistência… Tudo se encaminhara perfeitamente, quase como sucessivos milagres.

De súbito, seu coração acelerou. Seria possível a ocorrência de mais um milagre? E se Matt quisesse que ela ficasse na fazenda? Talvez ele estivesse esperando um momento mais adequado para lhe sussurrar ao ouvido tudo o que ela desejava ouvir.

"Eu te amo. Fique comigo. Vamos continuar juntos e
criar nosso filho."

Sim, isso era possível. Na véspera de Natal, *qualquer coisa* era possível. Annie manteve tal pensamento até o fim da missa e também na volta para casa.

Após a ceia, repleta de risos e deliciosas iguarias, ela e Matt se despediram de Billy e foram colocar Shelby para dormir.

Minutos depois, os dois voltaram para a sala. O urso de pelúcia que Shelby ganhara do pai continuava no sofá, envolto por um grande laço vermelho no pescoço.

O aposento se encontrava iluminado apenas pelas luzes da árvore de Natal, criando uma atmosfera aconchegante. Matt colocou os presentes nas meias penduradas na lareira e entregou a Annie os presentes que comprara para ela, em Denver,

Enquanto abria os embrulhos, sentiu o olhar de Matt sobre si, embora o rosto atraente estivesse parcialmente oculto pela escuridão.

— Oh, Matt, eu adorei — disse, ao ver os brincos de pérola e o *laptop*.

— Ainda bem que gostou. Agora vamos para o quarto, sim.

— Matt, eu…

— Shh…

Sem que ela esperasse, ele a tomou nos braços e levou-a para o quarto.

Depois de fazerem amor de uma maneira possessiva e generosa ao mesmo tempo, permaneceram nos braços um do outro, ouvindo apenas os ritmos de suas respirações.

— Acho melhor dormirmos um pouco —

sussurrou Matt. — A menos que eu esteja muito enganado, Billy e Shelby estarão de pé antes mesmo de amanhecer.

Annie acordou com o som de risos e cochichos. Ao se virar, viu Shelby deitada sobre a barriga do pai, ansiosa para descer e descobrir o que Papai Noel havia deixado em sua meia.

— Oh, ela acordou! — exclamou a menina, ao olhar para Annie. — Feliz Natal!

— Feliz Natal, Shelby.

Ao descerem para o andar de baixo, a manhã de Natal se tornou animada, apesar de alguns momentos de silêncio entre Annie e Matt, os quais passaram despercebidos mais uma vez por Shelby e por Billy.

Annie estava se esforçando para parecer alegre. Sabia que o momento de terminar sua conversa com Matt estava cada vez mais próximo. No entanto, já sabia o que ele iria dizer. Nos últimos dias, tentara fingir que eles formavam uma verdadeira família. *Sua* família. Todavia, fingir não mudava a realidade: Matt não pedira que ela ficasse.

Por isso, achou melhor não mencionar que estava grávida. Sem amor, seria muito difícil permanecer ao lado de Matt. Tomou um gole de café, desejando sinceramente estar errada.

Ao entrar na sala, de repente sentiu um par de bracinhos envolver sua cintura. Em um gesto automático, abaixou-se e abraçou Shelby por um longo tempo.

— Por que colocou uma noiva no alto da árvore de Natal? — perguntou a menina, quando as duas se separaram.

Annie riu.

— Aquilo é um anjo, querida — respondeu, olhando para o bonequinho vestido de branco e

com um halo na cabeça. — Mas posso entender por que achou que era uma noiva.

— Foi assim que você se vestiu quando se casou com meu pai?

— Bem, meu vestido não era tão bonito assim, mas eu estava feliz. Tanto quanto estou me sentindo por estar aqui, celebrando o Natal com você.

— Gosto muito de você, Annie.

— Também gosto de você, meu anjo. Agora venha me ajudar a pôr o frango no forno, senão o almoço sairá atrasado.

Na manhã seguinte, Matt concluiu que não podia mais adiar aquela conversa com Annie. Após o jantar de Natal, ficara brincando com Shelby até a hora de ir dormir. Billy fora para a casa de Loretta, com planos de passar a noite namorando no sofá da casa dos pais dela.

No momento, sua filha ainda estava dormindo, cercada pelos brinquedos e as roupas novas que ganhara. Se não conversasse com Annie, talvez nunca mais reunisse coragem suficiente para isso. Passara boa parte da noite acordado, pensando em quanto sentiria a falta de Annie, quando ela fosse embora.

Encontrou-a sentada no sofá da sala, observando a árvore de Natal com um olhar vago. Devagar, aproximou-se e sentou-se ao lado dela.

— Acho que tomou sua decisão — disse Annie, sem olhá-lo.

— Pensei que a decisão fosse sua — argumentou Matt, surpreso.

Ela se virou para ele.

— Não se importa se eu for embora?

Matt respirou fundo, decidindo não agir com egoísmo. Annie não era *sua* e merecia ser feliz

escolhendo o próprio destino.

— Por que eu deveria?

— Bem, com Shelby aqui… Pensei que… Ela terá de se adaptar e você está com muito trabalho…

— Não se preocupe conosco, Annie. Precisa concluir seus estudos e decidir sua vida. — Matt ficou de pé, lutando contra os próprios sentimentos. — Será melhor telefonar para a faculdade amanhã logo cedo. Claro que apesar de haver ganho uma bolsa, pagarei a quantia que combinamos desde o início. Use o dinheiro como achar melhor.

Annie uniu as mãos sobre o colo.

— Por que está fazendo isso, Matt?

— Apenas avise-me qual é a data em que pretende partir acrescentou ele, —como se não houvesse escutado o que ela disse

— Mas Shelby…

— Sou eu quem devo me preocupar com ela, Annie. Pode deixar isso por minha conta.

Matt ficou surpreso ao fitar os olhos de Annie e não ver alívio que esperava notar. Era quase como se ela estivesse sentindo a mesma angústia que ele. Por um momento, chegou a pensar em dizer a verdade a ela, mas desistiu. Amava Annie demais para permitir que ela se sacrificasse por sua causa.

— Fizemos um acordo. O casamento duraria até eu conseguir a custódia de Shelby — disse calmamente, escondendo a própria dor por trás de uma expressão impassível.

— Já tenho minha filha. Agora é sua vez de ter seu diploma e sua liberdade.

Annie mordeu o lábio, sentindo um aperto no peito. Como Matt podia fazer isso com ela? Na véspera de Natal, haviam ido juntos à igreja e compartilhado os acontecimentos como se

formassem uma família.

Pelo visto, cometera o mesmo erro novamente. O erro de alimentar esperanças. No entanto, o olhar de Matt parecia esconder algo que ia além daquelas palavras frias. Sim, ele devia sentir algo por ela, caso contrário não estaria tentando esconder os sentimentos por trás de uma máscara de impassibilidade.

— Mas que droga, Matt! — explodiu. — O que você está fazendo? Pensei que nós… — Respirou fundo, sem terminar frase. — Por favor, deixe-me ficar.

Foi difícil, mas ela conseguiu falar. Pediu desculpas à mãe em pensamento, por todas as vezes em que a considerara uma mulher fraca. Somente depois de conhecer Matt se deu conta de quanto o amor era um sentimento poderoso. Era mais forte do que qualquer princípio ou qualquer padrão de comportamento.

Jurara que nunca imploraria nada a nenhum homem e, no entanto, ali estava ela implorando. Jurara nunca amar um homem mais do que a si mesma e ali estava ela, perdidamente apaixonada. Será que Matt não via que não podiam
se separar? Não teriam sido as noites de amor suficientes para convencê-lo disso?

— Por favor, Matt. Posso ajudá-lo com Shelby.

— Obrigado pela oferta, Annie, mas não preciso de ajuda para cuidar da minha filha.

Indignada com a indelicadeza dele, Annie replicou:

— Claro que não quer admitir que precisa de ajuda. Isso demonstraria sua vulnerabilidade e você não quer se arriscar a mostrar esse seu lado.

— Não diga tolices.

— Sabe que estou dizendo a verdade. Acha que

se estiver no controle da situação não acontecerá nada de mal. Só que a realidade não se encontra sob seu controle. Não pode evitar os acontecimentos e precisa aprender a lidar com isso.

Annie ficou de pé, lutando para conter as lágrimas.

— Sobre o que está falando?

— Sobre a vida, Matt! Morte, divórcio, amor, felicidade, perdas, falhas… Tudo aquilo que nos acontece e que não podemos controlar. Verá tudo isso ocorrer na vida de Shelby. Só espero que não fuja dela também.

— Não estou fugindo.

— Está me mandando embora, o que, de certa forma, é a mesma coisa.

Matt hesitou.

— Estou lhe mandando embora porque… porque você não pertence a esse lugar. Tire seu diploma, Annie, e faça bom proveito dele.

Annie cruzou os braços.

— Não é por generosidade que está me mandando embora, Matt Walker, mas por puro medo. Sei que é difícil admitir isso, depois de haver perdido sua mãe tão cedo e haver se decepcionado com Lacey. Só espero que algum dia você volte a reunir coragem suficiente para confiar em alguém. Pelo seu próprio bem e pelo de sua filha.

Matt estreitou os olhos.

— Quer ficar por causa de Shelby? É esse seu único motivo?

— Não, Matt. Mas não posso dizer o verdadeiro motivo pelo qual quero ficar sem que antes você fale o que quero ouvir.

— E o que quer ouvir de mim?

— Você sabe muito bem.

Diante do silêncio que se seguiu, Annie achou melhor desistir.

— Não precisa se incomodar em falar — disse a ele. — Seu medo venceu a batalha. Adeus, Matt.

— Adeus, Annie. Algum dia, ainda vai me agradecer por estar fazendo isso por você.

Matt saiu pela porta, fechando-a com firmeza.

CAPITULO X

Quando Matt voltou para casa, no final do dia, Annie havia partido. Shelby chegou com Billy quase em seguida, de um passeio que haviam feito pela cidade.

Matt explicou que Annie partira para terminar os estudos e a menina não pareceu abalada com a notícia.

Três dias depois, Matt já estava com a impressão de que uma verdadeira eternidade havia se passado. Porém, todas às vezes em que a saudade parecia querer dominá-lo, dizia a si mesmo que fizera o melhor por Annie.

—… E o peixinho saltou para fora do barco e nadou para o fundo do mar — leu e fechou o livro.

— Obrigada, papai — agradeceu Shelby.

Ler uma história antes de Shelby dormir se tornara uma espécie de ritual para os dois. Todas as noites, Matt se sentava na beirada da cama e compartilhava alguns minutos com a filha, antes de lhe desejar boa noite.

Depois de beijar o alto da cabeça da menina, perguntou:

— Shelby, sente falta de Annie?

— Você disse que ela foi para a escola.

— Sim.

— Ela queria ir para a escola?

— Muito — respondeu Matt.

"Mas ela pediu para ficar", disse-lhe a voz da consciência. "E mesmo assim você a mandou embora."

— Então acho que não devo sentir falta dela — disse Shelby, abraçando o urso de pelúcia.

Matt pensou em deixar o assunto de lado e se retirar, mas não conseguiu fazê-lo. O que Annie faria, se estivesse no seu lugar?, perguntou-se.

Seria sincera. Olharia para Shelby com um sorriso encorajador e diria algo gentil para reconfortá-la.

— Sinto falta dela — confessou.

— Eu também — respondeu a menina, abraçando o ursinho com mais força. — Ela não poderia frequentar alguma escola aqui da cidade, papai? Pensei que pessoas casadas morassem sempre juntas.

— Bem… — Matt hesitou. — Geralmente elas moram juntas. Nem ele mesmo entendia direito as regras dos relacionamentos humanos. Como explicá-las para uma menina de cinco anos?

— Então, por que Annie foi embora? Será que não foi por minha causa, papai? Você está triste e, às vezes, nem fala comigo e com Bill. Está bravo porque fiz Annie ir embora?

— Claro que não, meu anjo! — Matt abraçou a filha. — Eu te amo muito e Annie também. Foi ela quem redecorou seu quarto e…

— Então, por que ela não está aqui? — insistiu Shelby. — Bill disse que vocês estavam sempre abraçados antes de eu chegar. A culpa foi minha, papai.

Shelby enrijeceu o maxilar, exatamente como ele costumava fazer quando teimava por algum motivo. Ao ver aquilo, Matt não conseguiu deixar de rir.

— A partida de Annie não teve nada a ver com você, Shelby. Ela está tentando terminar a faculdade há anos e agora teve uma chance que não quis desperdiçar.

— Ela voltará para casa quando terminar?

— Você quer que ela volte?

— Bem, eu…

"Ajude-a", Matt disse a si mesmo. "Ajude-a a expressar os próprios sentimentos, para que ela não termine como você."

— Pode falar para mim, Shelby. Confie em seu pai.

— Mamãe pediu para que eu não o aborrecesse. Ela disse que você não fala muito, mas que é sensível. É verdade?

Matt riu.

—- Para ser sincero, não sei, Shelby. Mas prometo que não ficarei magoado se disser o que pensa sobre a volta de Annie.

— Seria bom tê-la como uma segunda mãe. Gosto dela, papai. Annie sempre me ouve e não fica brava quando faço perguntas. Se ela voltar para casa, talvez possa brincar de boneca comigo. Espero que não fique bravo, mas você não tem muito jeito para brincar com bonecas.

Matt riu novamente.

— Eu sei. Depois de tudo isso, acho que terei de pedir a Annie que volte para casa.

— Está com medo?

Quando ele assentiu, Shelby sorriu.

— Lembra do que me disse quando fomos ver Papai Noel? Se tentamos fazer aquilo que nos assusta, perdemos o medo.

Matt beijou os cabelos da filha.

— Espero que isso esteja realmente certo, meu anjo — disse e saiu do quarto.

Claro que não se trataria apenas de enfrentar seus medos, pensou ele, enquanto descia para o andar de baixo. Não podia pedir a Annie que desistisse de seu sonho só porque um fazendeiro de Montana e sua filha precisavam muito dela.

Tinha de haver uma maneira de resolver isso sem que restassem mágoas ou arrependimentos.

— Patrão? — disse Billy, à hora do jantar, no dia seguinte. — Desculpe-me pela curiosidade, mas o que fará de tão urgente para que eu tenha de ficar aqui com Shelby amanhã o dia inteiro?

Matt franziu o cenho. Não queria que sua filha presenciasse sua decepção, se Annie não aceitasse voltar com ele para a fazenda. Por isso, pedira a Billy para ficar com Shelby, durante sua viagem a Tulsa.

Porém, antes que pudesse responder à pergunta do rapaz, a campainha tocou. Todos olharam para a porta. A casa estivera tão silenciosa nos últimos dias que seria uma surpresa receber uma visita àquela hora.

Matt foi abrir a porta.

— Brrr… Está um bocado frio aqui fora!

Ao ver quem era Matt sorriu. Billy não precisaria mais ficar com Shelby porque a mãe dela acabara de chegar.

— Entre, Lacey, senão acabará congelando.

Enquanto ela cumprimentava Billy e abraçava a filha, Matt aproveitou para observá-la melhor. Lacey estava com uma aparência mais jovem e descansada.

Sentiu-se feliz por ela.

Algum tempo depois, Billy foi telefonar para a namorada, em outro aposento, e Lacey foi colocar Shelby na cama. Sentado no sofá, Matt pensava quanto à vida era irônica às vezes. Nunca imaginara que algum dia pediria ajuda a Lacey. Mas era o que pretendia fazer assim que ela voltasse para a sala.

Quando ela apareceu, sentou-se a seu lado no sofá.

—- Espero que não tenha ficado aborrecido por eu haver chegado de repente, sem avisar. Eu queria muito ver Shelby e… — Ela deu de ombros, com um breve sorriso. —… achei que seria mais fácil permanecer sóbria se passasse o Ano Novo por aqui. — Após uma pausa, acrescentou: — Shelby parece estar feliz. Acho que tomamos a decisão certa.

— Sim. Obrigado, Lacey.

Ela assentiu.

— Não sei o que aconteceu entre você e…?

— Annie — completou Matt.

— Falei com Billy ainda há pouco e ele me disse quanto você e Annie pareciam estar felizes juntos.

Matt a olhou surpreso.

— Não perca essa chance de ser feliz, Matt.

Ele sorriu, agradecido pelo conselho.

— Obrigado mais uma vez, Lacey. Poderia ficar com Shelby enquanto vou falar com Annie amanhã?

Ela assentiu.

— Sem problema.

— Ok. Então partirei logo cedo.

Annie ajudou a mãe a se vestir para a festa de Ano Novo da qual ela e Eldon participariam com os

amigos.

— Não, obrigada — agradeceu Annie, quando Imogene insistiu para que ela os acompanhasse. — Não estou com disposição para participar de festas, mamãe.

— Oh, querida. Tentei não demonstrar, mas ando muito preocupada com você. Precisa se divertir um pouco!

— Eu ficarei bem, não se preocupe. Agora vá e divirta-se. Não deixe Eldon esperando por mais tempo.

— Gostou dele?

— O importante é que *você* tenha gostado — salientou Annie. — Mas ele me pareceu bastante gentil. E então? Pretende deixar seu príncipe esperando por mais tempo?

Imogene e Eldon saíram logo em seguida. Ao ficar sozinha, Annie foi até a janela. Levando a mão ao ventre, observou as pessoas andando animadamente pela rua, à espera do novo ano que logo se iniciaria. Quando deu por si, uma lágrima rolou por seu rosto.

Não soube definir o tempo que ficou ali, olhando a movimentação na rua. Até que alguém bateu à porta, trazendo seus pensamentos ao presente.

— Quem é?

Seguiu-se um momento de silêncio.

— Sou eu, Annie.

Ela conteve o fôlego. Estaria sonhando? Sem hesitar, abriu a porta e se deparou com o belo rosto de Matt.

A saudade era tanta que ambos se entreolharam por um tempo que pareceu infinito, como se não acreditassem que estivessem mesmo diante um do

outro.

— E-entre — balbuciou Annie, ficando de lado.

Fechou a porta depois que Matt passou por ela.

— Como soube que eu estava aqui?

— Segui a intuição — respondeu ele. — Ainda bem que acertei.

— Por que veio me procurar? O que quer?

— Quero você, Annie.

Ela arregalou os olhos.

— O quê?!

— Volte comigo para nossa casa. Não sei viver sem você. Eu te amo e quero tê-la a meu lado para sempre.

— Oh, Matt…

Annie o abraçou com carinho, sabendo quanto devia estar sendo difícil para ele dizer tudo aquilo. Após um longo beijo apaixonado, ela o fitou com um ar de preocupação.

— Matt, eu não posso…

— Já sei — ele a interrompeu. — Quer terminar seu curso. Mas antes de viajar, telefonei para a faculdade e falei com seu coordenador. Ele disse que existe um método que eles chamam de "curso de fim de semana". Você poderá viajar todos os fins de semana, ter as aulas e se formar do mesmo jeito só que em um pouco mais de tempo.

Annie sorriu, mal acreditando que tudo aquilo estivesse mesmo ocorrendo.

— Para quem já esperou tanto tempo, um pouco mais não fará diferença.

— Então volte comigo, Annie. Por favor. Eu preciso de você e Shelby também.

— Quero muito voltar com você, Matt, mas…

— O que foi? Há algum outro problema que a impeça de fazer isso?

— Não exatamente…

— Fale de uma vez, Annie. Qual o problema?

— Eu… estou esperando um filho.

Matt continuou olhando-a, sem dizer nada.

— V-você…?

Annie sorriu.

— Sim. Nós vamos ter um filho.

Sem que ela esperasse, ele a beijou com paixão.

— Eu te amo, Annie. E vou ser pai!

— De novo — lembrou ela. — Acha que Shelby ficará com ciúme?

— Pelo modo como ela tem brincado com bonecas ultimamente, acho que vai é adorar! — Beijou-a novamente. — Agora vamos para casa, meu amor, ter uma segunda lua-de-mel.

Annie sorriu, mal cabendo em si de felicidade. Meia hora antes, não fazia ideia de que seu Ano Novo seria tão maravilhoso.

— Estou pronta, Matt. Dentro de algumas horas, iniciaremos um novo ano e também uma nova vida.

EPILOGO

Quando Annie abriu a porta e ficou de lado para Shelby passar, avistou Billy ao telefone. Matt apareceu à porta logo em seguida.

— Billy-Bill, venha me ajudar com isso.

— Preciso desligar, Loretta — disse o rapaz, antes de se despedir da namorada. — Outra?! — exclamou ao olhar para a entrada.

— Sim! — respondeu Shelby, com entusiasmo. — E esta é maior do que a primeira!

Annie riu e segurou a porta para que Billy ajudasse Matt a entrar com a árvore.

— Ei, estou contente que Annie tenha voltado e que estejamos todos felizes, mas… esse negócio de árvores tem de parar! — protestou Billy. — Mantiveram a do Natal até ela secar completamente, depois não perderam tempo em comprar uma no Dia dos Namorados. O que pretendem colocar nesta? Ovos
de páscoa?

Shelby assentiu, parecendo achar a ideia brilhante.

— Eu e Annie também faremos coelhinhos de papel para enfeitá-la.

— Não acredito nisso — lamentou Billy.

Matt ajeitou a árvore e endireitou o corpo.

— Por que não? Quando se é feliz, não é preciso que aja uma data especial para se fazer uma celebração, Billy. Por isso, acho que sempre teremos uma árvore na sala, mesmo que não estejamos comemorando nada.

O rapaz balançou a cabeça, parecendo não acreditar no que estava ouvindo.

Matt tocou a barriga de Annie com carinho.

— Você está bem? Não quer se sentar um pouco? Ou toma água? Suco?

— Estou ótima, Matt — Annie riu.

— Ah, não… — Billy revirou os olhos. — Como se não bastasse essa maluquice de árvores, também terei de aguentar isso nos próximos meses?

— Você está é com inveja, Billy Duas Águias — disse Shelby, colocando-se entre Annie e Matt.

Os dois riram, entendendo o que a menina estava querendo dizer.

— Inveja? — repetiu Billy, indignado. — De quê?

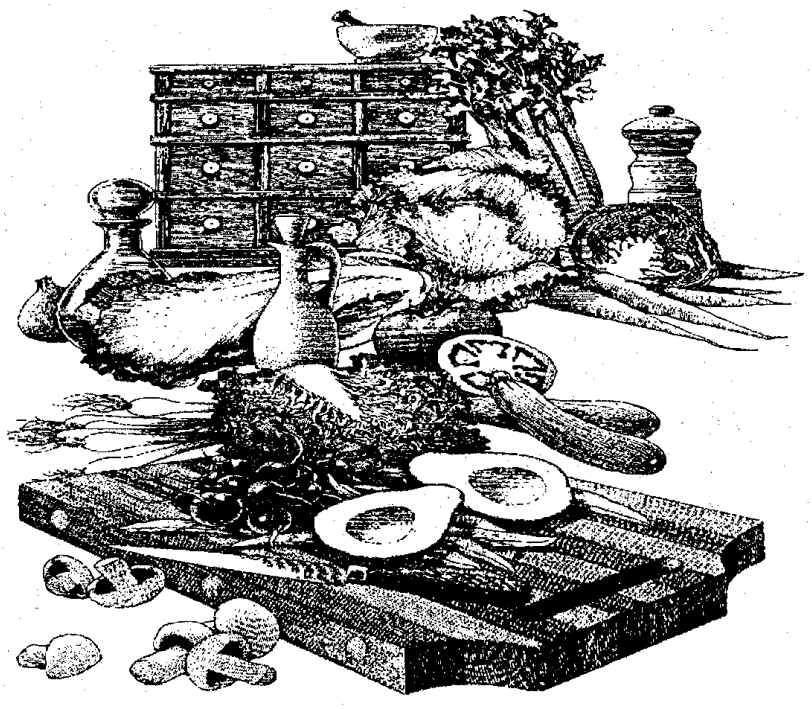
Shelby, Annie e Matt trocaram um olhar de cumplicidade, antes que a menina respondesse:

— Está com inveja de nós porque teremos um bebê! Mas talvez Loretta possa resolver seu problema daqui a algum tempo.

Depois de ouvir aquilo, nem mesmo Billy conseguiu permanecer sério.

* * * * *

Receitas



Receitas

PRATOS PRINCIPAIS

1. Bife Enrolado à Palermo

Ingredientes

6 bifes de contra-filé

óleo ou manteiga para fritar

1 cebola pequena picada

1 colher (chá) de salsa picada

30 gramas de presunto picado

1/2 xícara de salame picado

2 fatias de pão cortadas em cubinhos

sal e pimenta-do-reino a gosto

Modo de fazer

Doure a cebola ligeiramente em óleo, junte a salsa, o presunto, o salame, o pão, o sal e a pimenta. Mexa, deixando cozinhar por mais ou menos 3 minutos em fogo médio. Bata os bifes. Distribua a mistura preparada sobre os bifes. Enrole e feche com palitos ou barbante. Frite em óleo ou manteiga até que a carne doure e fique macia. Pode ser servido assim, com molho branco ou molho de tomates.

2. Peitos de Frangos Assados

Ingredientes

1/2 xícara de cogumelos em conserva
1/3 xícara do líquido dos cogumelos
1/2 cebola média
1 talo de salsão (aipo) cortado em pedaços

1 colher (sopa) de suco de limão
sal a gosto

2 colheres (sopa) de leite
pimenta-do-reino a gosto
1 colher (sopa) de manteiga ou margarina em temperatura ambiente
1/4 colher (chá) de molho de pimenta
8 filés de frango

Modo de fazer

No liquidificador, coloque o líquido dos cogumelos, a cebola, o salsão, o suco de limão, o leite, a pimenta-do-reino, a manteiga ou margarina e o molho de pimenta. Tampe e bata em alta elocidade durante 10 segundos. Sem desligar
o liquidificador, retire a tampinha e adicione os cogumelos. Bata ligeiramente, somente até que os cogumelos fiquem picados. Arrume os filés na assadeira. Despeje o molho de cogumelos por cima e leve ao forno pré-aquecido por uns 30 minutos, até que os filés fiquem macios.

3. Bife ao Molho Acebolado

Ingredientes

2 colheres (sopa) de manteiga ou óleo

500 gramas de contra-filé ou alcatra em bifes

sal

pimenta-do-reino

1 cebola média picada

4 tomates maduros sem pele e sem sementes, picados

1 colher (chá) de molho inglês

1/2 lata de creme de leite

Modo de Fazer

Aqueça a manteiga e frite os bifes, um a um. Tempere com sal e pimenta-do-reino e matenha-os aquecidos. Na gordura em que fritou os bifes, refogue a cebola e os tomates. Diminua o fogo e deixe cozinhar até que os tomates se desmanchem. Tempere com sal e pimenta-do-reino a gosto e junto o molho
inglês. Retire do fogo, acrescente o creme de leite, misture e sirva sobre os bifes.

4. Lagarto de Panela

Ingredientes

1 quilo de lagarto
6 fatias de toucinho defumado

3 dentes de alho picados
sal a gosto
1 colher (sopa) de óleo

4 xícaras de água

Modo de Fazer

Com o auxílio de uma faca comprida, faça seis furos na carne no sentido do comprimento. Em cada furo coloque uma fatia do toucinho.Tempere a peça com alho, pimenta-do-reino e sal. Na panela de pressão, sem tampar, refogue a carne no óleo por uns 15 minutos, virando a peça de vez em quando

até dourar por igual. Adicione a água para cobrir a carne. Tampe a panela de pressão e cozinhe por uns 45 minutos ou até que a carne fique macia.

5. Alcatra Recheada

Ingredientes

1 quilo de alcatra (só a parte mais grossa)

150 gramas de toucinho defumado cortado em fatias

2 colheres (chá) de alecrim picado

2 colheres (chá) de manjericão picado

3 colheres (sopa) de salsa picada
1 dente de alho amassado

5 colheres (sopa) de manteiga
1 cebola média picada

sal e pimenta-do-reino a gosto
1 xícara de vinho branco

Modo de Fazer

Corte a carne em fatias, no sentido do comprimento, tomando o cuidado de não cortar as fatias até o fim, para que não se separem. Coloque uma fatia de toucinho entre as fatias de carne. Misture as ervas com o alho e espalhe entre as fatias. Feche bem as fatias e amarre com barbante. Derreta a manteiga em uma panela. Junte a cebola e frite até dourar ligeiramente. Acrescente a carne e deixe dourar de todos os lados. Tempere com sal, pimenta e o vinho. Cozinhe em fogo alto para que o vinho evapore um pouco. Abaixe o fogo e cozinhe em panela tampada até a carne ficar macia, acrescentando água quente à medida que o líquido da panela for secando.

6. Espetinhos de Peixe

Ingredientes

750 gramas de peixe de carne firme (atum fresco, filés de cação, pintado, etc.)
1/2 xícara de suco de limão

3 cebolas cortadas de forma grossa

4 folhas de louro

2 colheres (chá) de cominho

sal e pimenta-do-reino a gosto

8 tomates pequenos cortados em 4

azeite

salsa picada

gomos de limão

Modo de Fazer

Corte o peixe em cubinhos de 2cm mais ou menos. Em uma tigela pequena, misture o suco de limão, as folhas de louro, o cominho, o sal e a pimenta-do-reino. Acrescente aos cubinhos de peixe e deixe descansar por 30 minutos. Espete os cubinhos de peixe, alternadamente com os gomos de tomates e pedaços de cebola, em nove espetinhos finos de aço. Pincele o peixe, os tomates e as cebolas com o azeite e grelhe por uns 20 minutos ou asse em forno alto (200ª C). Sirva polvilhado com salsa picada e acompanhado de gomos de limão.

7. Bife à Milanesa ao Forno

Ingredientes

6 bifes de filé mignon
1 dente de alho amassado
sal e pimenta-do-reino a gosto
1 ovo ligeiramente batido
1 xícara de farinha de rosca

Modo de Fazer

Pré-aqueça o forno em temperatura alta (200 C). Bata bem os bifes. Tempere com alho, sal e pimenta-do-reino a gosto. Passe os bifes no ovo e depois na farinha de rosca. Coloque em assadeira bem untada. Leve ao forno pré-aquecido por 30 minutos, mais ou menos. Depois de 15 minutos no forno vire
os bifes e deixe assim até o final do cozimento.

8. Frango Xadrez com Amendoim

Ingredientes

6 filés de frango

sal e pimenta-do-reino a gosto

3 colheres (sopa) de óleo

2 pimentões, 1 verde e outro vermelho, cortados em

tiras grossas
1 cebola

1/2 xícara de amendoim torrado
1 colher (sopa) de molho de soja *(sho yu)*
1/2 xícara de catchup
1 colher (chá) de maisena

Modo de Fazer

Corte os filés de frango em quadrados médios e tempere com sal e pimenta-do-reino a gosto. Coloque pouco sal no caso de utilizar amendoim salgado. Aqueça o óleo em uma panela. Acrescente os filés de frango e deixe fritar até dourar. Junte os pimentões e a cebola cortada e deixe fritar. Em seguida, adicione o amendoim. Misture o molho de soja, o catchup e a maisena. Leve também essa mistura à panela e deixe aquecer, sem parar de mexer.

9. Bifes ao Molho de Páprica

Ingredientes

4 bifes (patinho ou coxão mole)
sal a gosto

1 colher (sopa) de farinha de trigo

1 colher (chá) de páprica doce

1/2 xícara de óleo

l cebola bem grande picada

um dente de alho amimado (opcional)

Modo de Fazer

Bata ligeiramente os bifes. Polvilhe com sal, farinha de trigo e depois com páprica. Em uma frigideira, aqueça o óleo, junte a cebola já picada e o alho e frite até dourá-los ligeiramente. Adicione então os bifes e frite por alguns minutos. Tome cuidado, para não deixar a cebola e o alho se queimarem. Acrescente um pouco de água, tampe a panela e deixe cozinhar em fogo
brando até que os bifes fiquem bem macios e o molho, vermelho.

10. Torta de Carne moída com Mozarela

Ingredientes

4 fatias de pão de forma sem casca

1/2 quilo de carne moída

3 ovos

sal e pimenta-do-reino a gosto

3 dentes de alho picados

algumas gotas de molho de pimenta

1 colher (sopa) de mostarda

óleo para untar

1/2 xícara de purê de tomate

2 colheres (chá) de orégano

150 gramas de fatias de mozarela

Modo de Fazer

Pré-aqueça o forno em temperatura alta (200ª C). Molhe o pão com água. Misture a carne moída com os ovos, o pão bem espremido, sal, pimenta e alho. Junte o molho de pimenta e a mostarda e misture bem. Espalhe a mistura em uma forma de pizza untada de 27,5 cm de diâmetro. Leve ao forno pré-aquecido e asse por 30 minutos. Retire do forno e cubra com o purê de tomate temperado com orégano, sal e pimenta. Cubra com as fatias de mozarela e leve ao forno por mais uns 10 minutos.

SOBREMESAS

1. Creme de Laranja e Limão

Ingredientes

2 caixinhas de gelatina sabor limão
2 1/4 xícaras de água fervente

1 xícara de suco de laranja fresco

2 colheres (chá) de casca ralada de laranja

1 lata de creme de leite sem soro ou 1 xícara, de

creme de leite batido
óleo para untar

Modo de Fazer

Dissolva a gelatina na água fervente. Junte o suco e a casca de laranja. Leve à geladeira até firmar um pouco. Acrescente o creme de leite e misture cuidadosamente. Despeje o creme em uma forma redonda de buraco no meio, levemente untada com óleo, com 18 cm de diâmetro por 8,5 cm de altura. Leve
à geladeira até ficar firme e desenforme.

2. Flan de Coco e Açúcar Mascavo

Ingredientes

1 xícara de açúcar mascavo

1 xícara de leite de coco

3 ovos grandes

Modo de Fazer

Pré-aqueça o forno em temperatura alta (200ˢ C). Em uma panela, misture o açúcar mascavo e o leite de coco. Cozinhe em fogo brando até que o açúcar se dissolva. Coloque os ovos em uma tigela grande, derrame a mistura, mexendo sempre, vigorosamente. Passe a mistura por uma peneira e encha as forminhas refratárias individuais. Coloque em uma assadeira e complete com água quente até atingir metade da altura das forminhas. Asse em forno pré-aquecido até que, espetando um palito, este saia limpo. Deixe esfriar e desenforme.

3. Sobremesa de Pão e Chocolate

Ingredientes

60 gramas de chocolate meio amargo

4 xícaras de leite em ponto de fervura (escaldado)

2 xícaras de pão de forma sem casca, cortados em
cubinhos

1/4 xícara de manteiga ou margarina derretida
1 colher (chá) de canela em pó
1/2 xícara de açúcar

2 ovos ligeiramente batidos

1/2 colher (chá) de essência de baunilha

Modo de Fazer

Coloque o chocolate e o leite escaldado em uma panela e aqueça até o chocolate derreter. Bata

bem e despeje esta mistura sobre os cubinhos de pão. Deixe esfriar. Pré-aqueça o forno em temperatura média (170ª C). Adicione a manteiga, a canela, o açúcar, os ovos e a baunilha. Misture bem. Coloque em uma forma refrataria. Asse em forno pré-aquecido por cerca de uma hora.

4. **Melão com Purê de Morangos**

Ingredientes

1 melão pequeno (400 g) tipo Delícia ou Prince
1/2 xícara de morangos

2 colheres (sopa) de açúcar
2 colheres (sopa) de suco de limão

Modo de Fazer

Corte o melão e retire as sementes. Bata os morangos, o açúcar e o suco de limão no liquidificador. Despeje o purê de morango sobre as duas metades de melão. Cubra e leve à geladeira até a hora de servir.

5. Sorvete Cremoso de Coco

Ingredientes

1/2 xícara de açúcar
1/2 xícara de água

2 claras

3 colheres (chá) de essência de baunilha
1/2 xícara de coco ralado tostado
1 1/2 xícara de creme de leite batido em chantilly com

1/2 xícara de açúcar

Modo de Fazer

Ferva a água com o açúcar até atingir o ponto de bala mole. Bata as claras em neve bem firme e lentamente junte à calda, batendo sem parar, até que a mistura fique fria e firme. Acrescente a baunilha e o coco. Adicione o creme chantilly, coloque em uma forma e leve ao congelador

Dicas



Dicas:

CREME DE LEITE

1. Para conservar por alguns dias o creme de leite depois de aberto, despeje o conteúdo da lata em um vidro com tampa de plástico, limpo e enxuto, e coloque na geladeira.

2. Para evitar que o creme de leite talhe ao ser colocado em um molho quente, não deixe que ele ferva.

3. Se você precisar de creme de leite azedo para alguma receita, coloque duas colheres de chá de suco de limão em cada xícara de creme de leite fresco.

4. Você poderá substituir o creme de leite por requeijão cremoso (de copo) para fazer seu estrogonofe. Assim, o prato ficará mais gostoso e não tão doce.

5. Se você misturar o creme de leite com duas claras batidas em neve e uma pitada de sal, ele renderá muito mais.

6. O purê de batatas ficará mais saboroso se você substituir o leite pelo creme de leite.

DOCES

7. O doce de banana ficará dourado se você adicionar uma calda de açúcar queimado com meio limão espremido.

8. Quando você fizer uma calda de açúcar e ela apresentar algumas impurezas, pingue um pouquinho de leite para a sujeira ficar aglomerada. Depois, retire com uma escumadeira e use a calda bem uniforme no preparo de vários doces.

9. Se o brigadeiro passar do ponto, adicione um copo de leite e deixe apurar novamente.

10. Os cremes e pudins de pacotes (industrializados) não ficarão com aquela casquinha indesejável se você polvilhar açúcar depois de prontos.

11. Para o preparo de doces caseiros, use sempre tachos, pois assim o doce não grudará, como acontece quando você usa panelas de alumínio.

12. Se a massa de sorvete não quiser pegar ponto, retire-a do congelador e bata no liquidificador. Depois, leve-a ao congelador novamente.

13. Ao cozinhar qualquer doce, coloque um pires emborcado no fundo da panela. Assim, o doce não derramará.

14. Quando você fizer qualquer creme doce, coloque uma pitada de sal. O gosto fica mais apurado.

15. Quando você fizer calda de açúcar, pingue algumas gotas de limão ou acrescente uma colherinha de manteiga. Assim, a calda não açucara.

Sobre a Autora

O espírito inquieto de KATE THOMAS levou-a a frequentes mudanças, até ela conseguir terminar a faculdade no Texas. Casou-se com um texano, deu à luz outro e sempre manteve uma verdadeira fascinação por diferentes idiomas e
culturas. Por meio de seu trabalho, Kate gosta de celebrar um desejo compartilhado por todos os seres humanos: o de amar e de ser amado.